

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

FRANCIELLE PITELLI SABATINE

Uma escuta psicanalítica do assédio moral e suas faces tradutivas:
uma discussão entre o excesso e suas respostas a partir das vivências de Amélie
Nothomb

Maringá

2015

FRANCIELLE PITELLI SABATINE

Uma escuta psicanalítica do assédio moral e suas faces tradutivas:
uma discussão entre o excesso e suas respostas a partir das vivências de Amélie

Nothomb

Trabalho apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Constituição do Sujeito e Historicidade.

Linha: Psicanálise e Civilização.

Orientadora: Profa. Dra. Viviana Carola Velasco Martinez

Maringá

2015

DEDICATÓRIA

A todas as vítimas de Assédio Moral.

AGRADECIMENTOS

- Aos meus pais, Edna e Osvaldo, pelo amor e pelo apoio em todos os momentos de minha vida;
- ao meu noivo, Clóvis José, pela compreensão e carinho durante o desenvolvimento desta pesquisa;
- a minha irmã, Ariane, por estar ao meu lado sempre que preciso;
- a minha orientadora, Viviana Carola Velasco Martinez, por suas orientações e pelo rigor acadêmico e científico que possibilitaram a elaboração desta pesquisa. Agradeço, também por compartilhar comigo seus conhecimentos. Foi uma fase de muito aprendizado, o que contribuiu para meu crescimento enquanto pesquisadora;
- ao professor Gustavo Adolfo Ramos Mello Neto, por todas as sugestões que enriqueceram esta pesquisa e, principalmente, por me apresentar as obras de Amélie Nothomb;
- a professora Soraya Martins, pelas valiosas dicas no período da Qualificação e pela leitura atenta desta dissertação;
- aos meus amigos do Laboratório de Pesquisa em Psicanálise e Civilização, especialmente a Mariane Zanella e ao Eduardo Nogueira, por compartilharem comigo momentos de conquistas e angústias;
- aos meus amigos de maneira geral, por compreenderem as minhas ausências e me incentivarem durante todo o processo desta dissertação, principalmente a Andressa Bonifácio e a Ana Paula Cavalcante;
- a Sinclair Casemiro e a May Holmes, pela revisão do meu texto de forma tão dedicada;
- a Tânia Regina Gasparelo, secretária do programa de Mestrado, sempre prestativa diante das necessidades acadêmicas.

Uma escuta psicanalítica do assédio moral e suas faces tradutivas:
uma discussão entre o excesso e suas respostas a partir das vivências de Amélie
Nothomb

RESUMO

Esta pesquisa aborda o assédio moral no contexto organizacional, dentro das perspectivas da Teoria da Sedução Generalizada – TSG de Jean Laplanche e da Psicodinâmica do Trabalho de Christophe Dejours, tomando como principal material de análise o livro *Medo e Submissão* de Amélie Nothomb (2001). Nossa proposta é discutir uma possível analogia entre o assédio moral e a Situação Antropológica Fundamental – SAF. Entretanto, apesar das semelhanças, consideramos as especificidades, sobretudo porque a relação, embora assimétrica, que se estabelece entre assediador e assediado, em nosso contexto de pesquisa é uma relação estabelecida por dois adultos, que têm seus psiquismos já constituídos. Diferente da relação na SAF, que se caracteriza por uma relação assimétrica porque envolve um adulto e seu psiquismo, e uma criança que ainda terá que constituí-lo. No assédio, a vítima fica subjugada ao poder do assediador, instalando uma relação assimétrica. Porém, o assediado tem condições de responder à sedução do assediador com inúmeras defesas e, nos casos extremos, adoecendo, pedindo demissão ou até, cometendo suicídio. Essas respostas são o que o diferencia da criança da SAF.

No caso de Nothomb (2001), o intenso investimento libidinal na realização do seu trabalho real, como na relação com sua superiora/torturadora, lhe permitiu entrar no contínuo processo de tradução, proposto por Laplanche (1992), através de sua escrita. As constantes publicações de Nothomb (2001) nos levam à assertiva de que a cada nova obra há uma nova proposta de tradução para o traumático, esse traumático presente desde o nascimento da autora que se atualiza nas situações de assédio moral vivenciado em seu espaço de trabalho. Ademais, algumas peculiaridades da escrita da autora, entre elas a ironia, o humor, o trágico e a repetição, nos possibilitaram propor que Amélie, ao escrever, além de traduzir as mensagens enigmáticas, tem, também, a intenção de anunciar seu projeto transferencial, isto é, atrás de sua escrita há o inconsciente. Portanto, ao retornar ao Japão e logo escrever suas experiências através de suas

narrativas autobiográficas, há algo aí que está sendo comunicado. Por isso, a importância de se tomar seus relatos como o discurso de um paciente em análise, ou seja, levar em consideração as defesas, as racionalizações e as sublimações.

Palavras-chave: Assédio moral; organização; Psicanálise; Teoria da Sedução Generalizada; Amélie Nothomb.

Psychoanalytic listening of bullying and their translational faces: a discussion between excess and answers from the experiences of Amélie Nothomb

ABSTRACT

This research approaches bullying in the organizational context within the perspectives of Generalized Seduction Theory of Jean Laplanche and Psychodynamics of Work of Christophe Dejours, taking as main analysis material the book *Fear and Submission* of Amélie Nothomb (2001). Our proposal is to discuss a possible analogy between bullying and the Primary Anthropological Situation SAF. However, despite the similarities, we consider the specifics, especially because the relationship, although asymmetric established between harasser and harassed, it is a relationship established by two adults who have their psyches already constituted. Different from the relation in SAF, which is characterized by an asymmetrical relationship because it involves an adult and his psyche, and a child who still has to constitute it. In bullying, the victim is subdued to the power of harasser, installing an asymmetrical relationship. However, the harassed is able to respond to the harasser seduction with numerous defenses and, in extreme cases, getting sick, quitting or even committing suicide. These responses are what differentiates the child's SAF. In the case of Nothomb (2001), intense libidinal investment in developing her real work, as in the relationship with her superior / torturer, allowed her to enter the continuous process of translation proposed by Laplanche (1992), through her writing.

The constant publications of Nothomb (2001) lead us to the assertion that in each new literary work there is a new proposal for a translation of the traumatic, this traumatic present since the birth of the author which is actualized in bullying situations experienced in her workspace. In addition, some writing peculiarities of the author, including the irony, the humor, the tragic and the repetition enabled us to propose that when Amélie writes, beyond translating the cryptic messages, she also intends to announce her transferential project, that is behind his writing there is the unconscious, so as soon as she returned to Japan and she wrote her experiences through her autobiographical narratives, there is something there that is being communicated.

Therefore, the importance of taking their accounts as the speech of a patient in analysis, in other words, to consider the defenses, rationalizations and sublimation.

Keywords: Bullying; organization; Psychoanalysis; Generalized Seduction Theory; Amélie Nothomb.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
As vítimas na nossa pesquisa.....	16
<i>Rosângela Moraes Antunes</i>	17
<i>Cleber Donizete Martins</i>	21
<i>Por que Amélie Nothomb?</i>	24
A organização metodológica da pesquisa	25
CAPÍTULO I – SITUAÇÃO ANTROPOLÓGICA FUNDAMENTAL: AS CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA DA SEDUÇÃO GENERALIZADA.....	28
A situação originária ou Situação Antropológica Fundamental.....	28
A proposta tradutiva e os destinos das mensagens: uma discussão sobre o <i>après- coup</i>	33
CAPÍTULO II - ASSÉDIO MORAL E ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO: UMA DISCUSSÃO NA PERSPECTIVA DA PSICODINÂMICA DO TRABALHO E DA PSICANÁLISE.....	38
Assédio moral e o contexto organizacional.....	39
Assédio moral e a cultura.....	43
<i>Ijime</i>	45
Trabalho, corpo e sexualidade	49
Assédio moral e a Psicodinâmica do Trabalho:.....	56
Assédio moral e laço social.....	62
CAPÍTULO III - MEDO E SUBMISSÃO: AS VIVÊNCIAS DE AMÉLIE NOTHOMB.....	75
Breve biografia de Amélie Nothomb.....	75
“O que eu queria era trabalhar numa empresa japonesa”.....	81
Libido no trabalho e o excesso de alteridade.....	88
Amélie por ela mesma.....	115
A escrita: uma tradução.....	128
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	137
REFERÊNCIAS.....	142

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar o assédio moral no contexto organizacional, através da narrativa autobiográfica de Amélie Nothomb (2001), em seu livro *Medo e Submissão*.

Nosso primeiro contato com Amélie Nothomb aconteceu durante os encontros do Laboratório de Estudos e Pesquisa em Psicanálise e Civilização (LEPPSIC-UEM), ao surgir a ideia de analisar um romance autobiográfico com a finalidade de discutir o tema do assédio moral nas organizações. Os elementos subjetivos que o romance oferece são relevantes para abordar o fenômeno do assédio e, sobretudo, as formas de elaboração de situações potencialmente traumáticas que foram possíveis para a sua autora. O próprio livro é resultante da tradução do traumático.

É isto, o traumático do assédio e suas peculiaridades, que nos permite propor, nesta pesquisa, uma analogia com a sedução que marca a Situação Antropológica Fundamental, definida por Laplanche (1992) como o encontro inevitável entre o adulto que cuida e a criança que não tem qualquer recurso que garanta a sua autoconservação. Trata-se de uma relação de total assimetria, em que a criança se encontra num estado de passividade em relação ao adulto, não só diante do poder que esse tem de garantir a sua sobrevivência, mas, também, frente ao sexual que ele comunica inevitavelmente junto com suas ações de cuidado, na forma de mensagens que o autor chama de enigmáticas. Tais mensagens são excessivas para a criança, traumáticas, o que a levará a iniciar um trabalho de tradução, fundando assim seu próprio inconsciente, precisamente para dar conta da sedução do adulto. Mais adiante discutiremos melhor esses pressupostos e sua relação com o assédio moral.

O relato das vivências de humilhações e degradações sofridas por Nothomb (2001) na organização onde trabalhou nos permite problematizar os possíveis destinos que ela deu para o excesso de alteridade sofrido durante um ano de trabalho. Excesso advindo das mensagens enigmáticas do outro/adulto provenientes do seu inconsciente, carregadas de elementos e representações da ordem do sexual – por isso sedutoras – presente em toda relação entre um assediador e um assediado. É isso o que nos leva a propor uma analogia com a SAF. No assédio temos, também, uma relação assimétrica em que o assediado fica subjugado ao poder do agressor e, embora temporariamente, ele é colocado numa situação de passividade, semelhante à da criança.

Talvez o assédio moral seja tão antigo quanto à organização do ser humano em grupos e instituições. Contudo, a sua discussão e penalização é algo relativamente novo, e somente nos últimos anos uma situação de humilhação e degradação do outro, dentro de uma organização, passou a se configurar como uma situação de assédio, cabível de processo judicial.

O primeiro autor a levantar a problemática do assédio moral foi Heinz Leymann (1996), psicólogo alemão, que introduziu o conceito de *mobbing* para discutir as formas de assédio nas organizações de trabalho. Palavra em inglês que deriva do verbo *mob* e significa atacar, maltratar, cercar, tratar mal e tumultuar.

Leymann (1996) afirma que além de *mobbing*, há as expressões *bullying* e *psychoterror* para designar o ato de humilhar, prejudicar, depreciar alguém diante de uma situação. No entanto, o autor ressalta que *bullying* corresponde a comportamentos de crianças e adolescentes que visam agredir psicologicamente e fisicamente, bem como ameaçar seus pares. Em contrapartida, o *mobbing*, geralmente praticado por adultos, é uma agressão mais sutil; o intuito é destruir o outro, mas aos poucos.

Contudo, foi a partir das sistematizações de Marie France Hirigoyen (2000), principalmente com o livro *Assédio moral: a violência perversa no cotidiano*, que o assédio moral e o assédio sexual passaram a ser discutidos amplamente, revelando um problema cujo impacto no ambiente organizacional era ignorado até então, ampliando-o para outros âmbitos, como o da família.

De acordo com Hirigoyen (2000), o assédio moral é qualquer conduta abusiva, por meio de atos, palavras, gestos e mesmo o não dito. Os contínuos episódios de humilhação, degradação e ofensas resultam na lesão da personalidade e dignidade do assediado, levando-os às doenças psíquicas e físicas, ou mesmo a atos mais drásticos, como o suicídio. A autora ressalta que o contexto sociocultural atual leva os indivíduos a serem complacentes e a banalizarem episódios de assédio dentro de seus trabalhos, relacionamentos entre parceiros e mesmo entre membros da família.

No que diz respeito ao assédio moral nas organizações, a autora considera que se trata de uma perversão, no sentido descrito por Freud nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), isto é, indivíduos marcados pela sua sexualidade infantil, em que o perverso narcísico (o agressor) visa controlar e destruir a identidade de seus alvos. São pessoas, muitas vezes, bem vistas aos olhos da empresa, por conseguirem solucionar impasses com agilidade e firmeza. Entretanto, continua a autora, o perverso narcísico é, na verdade, alguém que sofre pela sua própria negação, que, quando criança

provavelmente também tenha sido vítima de alguma agressão¹ infligida à sua individualidade; essa dor recalçada não encontra outra saída a não ser na necessidade de causar dor a outrem.

Nessa mesma perspectiva temática, encontramos Freitas (2001) que analisa as nuances desse fenômeno. Segundo a autora, foi após as contribuições de Hirigoyen (2000), que o assédio moral passou a ser objeto de inúmeras pesquisas, publicações e debates nas universidades, organizações, sindicatos, no campo da saúde e nos meios jornalísticos.

Para Freitas (2001), o assédio toma grandes proporções no ambiente de trabalho, pois, muitas vezes, os agredidos não denunciam, aceitando as piadas e os insultos como algo corriqueiro do dia-a-dia. No entanto, quando o agressor assume, realmente, sua perversidade e o jogo de dominação - algo que almeja na sua posição de poder -, as consequências tornam-se tão deletérias para o assediado que sua saúde física e psíquica fica comprometida e as relações no ambiente de trabalho tornam-se insuportáveis. Todavia, geralmente os assediados submetem-se a essas humilhações por longo período, seja pelo medo do desemprego, seja porque o trabalho faz parte da constituição da sua identidade ou, ainda, por que supõem que logo cessará o assédio. Seja qual for o motivo, a pessoa assediada está à mercê da sedução exercida pelo outro, dando o tom de excesso e de assimetria nessa relação, o que terá desdobramentos traumáticos.

Hirigoyen (2000) e Freitas (2001) também propõem diferenciar o assédio moral do assédio sexual. Para Freitas (2001), por exemplo, o assédio moral inicia-se quase que imperceptível no espaço de trabalho; um abuso de poder qualquer que, aos poucos, torna-se um ato perverso e, por vezes, podendo chegar ao assédio sexual. No assédio sexual, continua a autora, o agressor usa seu poder para obrigar a vítima a ceder às suas investidas sexuais. Trata-se de alguém que pode castigar ou ameaçar sua vítima com a perda do emprego ou de uma esperada promoção.

Entretanto, apesar da diferença que as autoras marcam entre um assédio moral e um sexual, em termos do que se efetiva na relação entre a vítima e o agressor – nosso objeto de estudo é um caso de assédio moral relatado por Nothomb (2001). E consideramos que todo assédio moral é um assédio sexual, haja vista ser o inconsciente

¹ Essa relação direta deve ser questionada. Bonet, (citado por Bacelete, 2012), por exemplo, considera que somente 30% dos agressores sexuais foram vítimas na infância, “(...) a maioria das vítimas de abuso sexual e de agressões físicas severas durante a infância tem a tendência a desenvolver neuroses, com uma predominância de quadros de depressão, o que dificultaria reações mais ativas em relação ao trauma sofrido.” (p. 48).

sexual que entra em cena marcando precisamente a assimetria no sentido laplancheano. Isto é, seja demandando satisfação sádica de dominar e humilhar o outro, seja demandando uma relação sexual propriamente dita, a sexualidade perversa e polimórfica do assediador atua como pano de fundo do excesso frente ao qual a vítima é colocada numa situação de passividade. O assédio moral é um assédio também de natureza sexual, que instala muitas vezes uma relação sadomasoquista, embora o sexual esteja geralmente velado, o que não deixa de se apresentar como o lado demoníaco da sexualidade perverso-polimorfa.

Começamos, assim, a delinear nossa problemática de pesquisa. Partimos do pressuposto de que nas organizações onde há assédio moral, uma situação assimétrica entre o agressor e sua vítima se instaura, o que nos leva a propor, como dissemos, uma analogia com a SAF. Obviamente que a vítima do assédio não é uma criança, é alguém com suas defesas já consolidadas, mas que, mesmo assim, parece ser colocada, na relação com o assediado, numa posição de passividade como a criança da SAF, uma vez que, frente à alteridade do seu agressor, fica subjugada ao poder exercido por esse. Os relatos das vítimas mostram bem essa situação, pois ficam, durante um tempo, imobilizados frente à situação de assédio.

Essa relação agressor-vítima, análoga à relação adulto-criança, nos permite aproximar a situação de assédio moral ao momento da SAF, quando a criança se comunica com o adulto no campo do autoconservativo, enquanto o adulto o faz no campo do sexual. Isso nos leva às teorizações de Ferenczi (1933/1992), em seu conhecido texto *Confusão de línguas*, em que marca o desencontro entre a criança e o adulto: a primeira, com a linguagem do amor e o segundo, com a da paixão. Não é por acaso que Laplanche (1992) considera que os textos de Ferenczi deveriam ser o seu prefácio.

Laplanche (1985), no seu livro *Vida e Morte em Psicanálise*, retoma de Freud (1905/1996, 1915/1996) o conceito de autoconservação para dizer que a criança, no início da vida, precisa, necessariamente, de um adulto para suprir suas necessidades vitais. A alimentação e a higiene, por exemplo, são acompanhadas de carinho, toques, cheiros que somente o adulto pode proporcionar à criança. Para tanto, Laplanche (1985) assinala que não está se referindo à situação familiar ou edípica, pois uma criança pode ser cuidada fora do âmbito familiar. Juntamente com essas ações de cuidados, o sexual inconsciente do adulto é implantado na medida em que se toca o corpo erógeno do bebê – as zonas erógenas enunciadas por Freud (1905) – intimamente ligadas à vida sexual.

Ademais, nessa sedução originária, segundo Laplanche (1992), o sexual veiculado, que em princípio, não representa nenhum risco para a criança, é desconhecido tanto para o adulto, enquanto emissor, como para a criança, enquanto receptor. Contudo, a pulsão sexual sobressairá em relação à necessidade autoconservativa, de acordo com a teoria do apoio de Freud (citado por Laplanche, 1985), que sustenta que a função sexual emerge apoiada na função autoconservativa para logo tornar-se independente. Laplanche (1985) exemplifica esse sexual que escapa à autoconservação com a amamentação: a mãe oferece o seio para o filho e o seio é objeto sexual para a mulher; mas ela alimenta a criança suprimindo a necessidade autoconservativa dessa. E, embora a sucção do seio seja um ato conservativo, com a implantação do sexual, o sugar transforma-se em chupar - como chupar o dedo, por exemplo -, ato que deixa de ser autoconservativo para ser fonte de prazer; portanto, da ordem do sexual.

Temos então, a partir dos cuidados autoconservativos que o adulto dirige à criança, em que por sua vez transitam elementos sexuais, o que Laplanche (1992) propõe chamar de implantação. Através desse processo, a criança, frente ao excesso pulsional, será incitada a iniciar um trabalho de tradução, de elaboração desse excesso. Dessa forma, somente *après-coup*², é que ela sairá da sua condição de passividade e poderá metabolizar ou traduzir as mensagens enigmáticas que, num primeiro momento, são totalmente indecifráveis. Isso porque o processo tradutivo dar-se-á em dois tempos: primeiramente a mensagem é apenas inscrita, tendo em vista que não há a compreensão de absolutamente nada, ficando sob a pele. Logo, há a tentativa de tradução; o segundo momento, *après-coup*, é o que corresponde à tradução propriamente dita. A tradução será parcial e o não traduzido será recalcado, inaugurando, assim, o inconsciente – a tópica freudiana –, e as defesas, mas com a vocação para traduzir. Trabalho esse que será efetuado ao longo da vida toda.

Se a relação adulto-criança, na SAF, dissemos, está marcada pela assimetria, pois o sexual do adulto se impõe à criança como algo enigmático e excessivo, dada a sua passividade, algo da ordem do traumático desencadeará o processo de fundação do psiquismo, precisamente como defesa, que tornará a criança ativa. Nesse sentido, algo

² Vamos manter o termo em francês, como Laplanche (1992) utiliza, pois a tradução para o português como *a posteriori* pode ser problemática, uma vez que esse conceito fica limitado à relação com o tempo (presente/passado). Conforme retomaremos adiante, o tempo do *après-coup* não se limita a um “só depois”, mas um passado que marca o presente, um efeito retardado necessário para a fundação do psiquismo.

semelhante parece se configurar na situação de assédio. Propomos, assim, transpor essa relação adulto-criança, assimétrica por natureza, para a relação assediado-assediador. No entanto, ao aproximarmos o assédio moral da SAF, não estamos afirmando que seja apenas uma reedição da SAF, mas a semelhança está, sobretudo, na presença da assimetria, do excesso, da sedução e de uma espécie de passividade. Vejamos isso melhor.

Na SAF, como dissemos, há um adulto numa posição de vantagem frente à criança, que ainda não tem seu psiquismo constituído. Nessa relação de alteridade, algo do infantil excitará o adulto e esse, ao prestar os cuidados necessários à criança, irá seduzi-la, veiculando mensagens sexuais inconscientes, enigmáticas para ambos.

Na situação de assédio, algo muito semelhante ocorre. O lugar ocupado pelo assediador é análogo ao do adulto diante da criança; enquanto na SAF a vantagem do adulto é ter um inconsciente, nas organizações, o assediador tem algum poder que irá exercê-lo quando é tomado pelo sexual, um sexual excessivo, despertado pela presença do assediado, o que irá colocar a vítima numa passividade, embora temporária, mas suficiente para provocar intenso sofrimento psíquico. Isso mostra que, mesmo provida de um inconsciente e com certa quantidade de traduções constituídas ao longo da vida, na situação de assédio a vítima não consegue lidar com o excesso de alteridade, talvez porque ela tenha estabelecido uma relação de dependência com seu trabalho, seja pelo retorno financeiro, seja pelo trabalho fazer parte da construção da identidade, principalmente através do reconhecimento do outro e da sociedade de forma geral, conforme nos ensina a Psicodinâmica do Trabalho.

Sobre a ideia de passividade, Mello Neto (2008) cita Laplanche (1987)³ quando esse busca em Descartes e Leibniz uma aproximação da passividade posicional da criança com a relação entre a criatura e seu criador (Deus). Em suma, os filósofos afirmam que uma criatura irá agir sobre a outra conforme a presença da perfeição – a mais perfeita age sobre a imperfeita. Todavia, Laplanche (1987, citado por Mello Neto, 2008) desconsidera o elemento perfeição e acrescenta que a passividade de um indivíduo em relação ao outro está implicada numa desigualdade de condições. Desse modo, na situação originária – a SAF -, assim como na relação entre o assediador e o assediado, há essa desigualdade de condições simbólicas.

³ Laplanche, J. (1987). *Novos fundamentos para a psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.

Assim, se por um lado podemos assinalar uma analogia entre a SAF e o assédio moral, precisamente por se tratar de uma relação assimétrica, marcada pelo excesso, pelo sexual vindo de forma bruta a ponto de paralisar o assediado - frente ao enigma que Laplanche (1992) formularia com a pergunta: “que queres de mim?” -, por outro lado, embora dessa passividade manifesta pelo assediado, é possível que, diferentemente da criança na SAF, ele acione as suas defesas, mesmo aquelas que o levariam ao adoecimento. Temos aí as diferentes formas de sofrimento psíquico, entre as quais se destacam as psicossomatizações. (Dejours, 1991).

As formas assumidas do sofrimento psíquico que, num extremo, chega ao suicídio, implicam termos que considerar não somente as condições de trabalho, as relações estabelecidas, mas também as histórias de vidas singulares, com mensagens recalçadas que ainda buscam sentidos. É nesse contexto que o espaço de trabalho pode ser propício para que o processo tradutivo ocorra ou, ao contrário, que o recalçamento se torne mais intenso com seus diversos desdobramentos.

Veremos mais adiante, com Dejours (1992, 2010, 2012), as peculiaridades da organização do trabalho como contexto para as diferentes manifestações do sofrimento psíquico e físico decorrente do assédio.

As vítimas na nossa pesquisa

Nosso caminhar teórico nos levou a escolher a arte literária para analisar o assédio nas organizações, uma vez que, além de nos dar o aporte necessário para nos aprofundar em nossa temática, é também uma forma legítima de pesquisa no campo psicanalítico. Assim, a partir das leituras prévias, optamos por trabalhar com a narrativa autobiográfica de Amélie Nothomb (2001), principalmente com o livro *Medo e Submissão*, onde a escritora relata a sua vivência de trabalho numa organização japonesa, pautada por episódios inusitados, considerados pela cultura ocidental como assédio moral, mas que para Nothomb (2001) parecem ter outras acepções. E isso, particularmente, despertou nosso interesse em eleger sua obra como nosso principal objeto de pesquisa.

Encontramos, também, duas importantes narrativas que despertaram nossa atenção, ambas de autores brasileiros, Rosângela Moraes Antunes (2006) com o livro *Eu... vítima de assédio moral* e Cleber Donizete Martins (2010) com o livro *Suicídio Laboral, um caso real de assédio moral*. Porém, decidimos não analisar essas obras,

pois a orientação da Procuradoria Jurídica da Universidade Estadual de Maringá foi de que analisar casos de autores brasileiros dentro da vertente psicanalítica, provavelmente, infringiríamos os direitos da personalidade, conforme consta na Constituição Federativa de 1988⁴. Ainda, como o caso do Cleber Donizete Martins está em Processo Judicial, poderíamos, como nossa análise, interferir no processo. Diante desses impasses éticos, trabalhamos apenas com Amélie Nothomb, autora estrangeira de grande repercussão em vários países, com inúmeras publicações a seu respeito.

Vamos citar os relatos autobiográficos dos autores brasileiros apenas como ilustrações, pois suas riquezas descritivas das formas como o assédio moral vai se configurando nas organizações e suas terríveis consequências, nos levaram a decidir por acrescentá-los em nossa pesquisa. Comentaremos a seguir.

Rosângela Morais Antunes

Rosângela Antunes narra em seu livro *Eu... vítima de assédio moral* (2006), situações de assédio que sofreu na empresa onde trabalhou por treze anos. Segundo a autora, ela ocupava um cargo importante, era o braço direito do supervisor e do gerente de seu departamento e participava de reuniões relevantes, nas quais sua opinião influenciava nas decisões, até que começou a ser assediada por um dos diretores da empresa. Esse homem, nos dizeres da autora, era:

O cara era realmente um tipo que chamava atenção das mulheres. Esguio, mas atlético. Milionário. Diretor de uma das maiores empresas do Brasil. Para não dizer do mundo! Falava sei lá quantas línguas. Um poliglota. Hiper educado, cortês (até demais), charmoso. Uma voz! Mas bandido, sem vergonha, salafrário, nojento e perverso. (p.26).

A autora inicia seu livro relatando alguns eventos, nos quais esse diretor, chamado por ela de “Lobo Mau” (p.26), na sua posição de poder, constrangia-a diante dos outros funcionários, através de olhares, comentários e gestos abusivos. Rosângela destaca um episódio em que foi convidada pelos diretores da empresa, inclusive pelo seu assediador, para um coquetel de despedida do Cônsul de certo país. Ela e seu colega de departamento, Alberto, que na ocasião estava representando o supervisor do

⁴ Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. (1998). Brasília. Recuperado em 03 abril 2014, de http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao.htm

departamento, foram até a cobertura do apartamento de um dos diretores para homenagear o Cônsul, pessoa de muita influência nessa empresa. Acompanhemos:

A festa transcorria com toda a formalidade que o ambiente e o homenageado requeriam.

Mas...

Vestia, na ocasião, *Tailleur* estilizado, próprio para ocasiões formais. Deixava parte de minhas coxas à vista ao me sentar. Muito discretamente, mas deixava! Em dado momento, um garçom, ao servir-me o vinho, derramou-o em minhas pernas e no *Tailleur*. Quem estava a minha frente? Ninguém... Senão o “Lobo Mau”! Ávido por dar o bote. Imediatamente, prontificou-se a enxugar as minhas pernas com seu lençinho, já em mãos.

Olha! Vergonha é pouco para definir o que passei naquele instante. Junto a ele, sua digna e inocente esposa, que apenas resumiu-se em dar-me um sorriso – de apoio – e continuou a conversar com as demais senhoras à volta. Muito diplomática.

Ou seria – conveniente?

Ok! Levei aquilo como acidente. Já trocando olhares com Alberto, que por sua vez sorria, como a me dizer: - Pago por... – um letreiro vermelho piscava insistentemente em sua testa – “Lobo Mau” “Lobo Mau”.

Mas não acabou por aí não!

Não cabia mais em mim de vergonha. Combinei com Alberto que dentro de no máximo quinze minutos iríamos embora.

Acho que os dois, “Lobo Mau” e garçom desconfiaram da nossa intenção, passaram então ao plano “B”.

O “A” dera certo. Simplesmente, perfeito!

Dessa vez, foi mais para cima, no colo. E o “Lobo Mau” ataca novamente com seu lençinho sempre em mãos. Delicadamente – na verdade me sentindo um objeto qualquer, deslocado, daquele imenso, maravilhosamente bem decorado apartamento – retirei sua mão com o lençinho do meu colo, virei para Alberto e polidamente nos retiramos da festa.

O que o “Lobo Mau” achou, como ficou, ou pensou, não me importava. A vergonha era muito maior. (*sic*, p. 29).

No dia seguinte da festa, continua o relato a autora, todos os funcionários de seu setor ficaram sabendo dos acontecimentos da noite, já que Alberto não poupou nenhum detalhe, espalhando entre os funcionários comentários de um suposto romance entre ela e o diretor. Rosângela, ainda se sentindo mal, ao chegar à empresa, percebeu que todos a olhavam, com sorrisos sarcásticos e sussurros, que a fizeram se sentir mais humilhada. “A partir daquela data recebi o apelido nojento de ‘Galinha Branca do Chefe’. Isso é o que rodava na ‘*Rádio Peão*’”. (p. 30).

No decorrer do livro, ela relata seus principais sentimentos – culpa, vergonha, humilhação e nojo – que a paralisavam frente às investidas de seu gerente. Sentia-se, segundo ela, “a mais suja das mulheres” (p.29). Os olhares que o “Lobo Mau” lhe direcionava no ambiente de trabalho, perto de todos, fazia-a se sentir como um lixo humano, usada sem consentimento (p. 30).

Essas situações de assédio persistiram por um longo tempo, mas, às vezes, o “Lobo Mau” se comportava muito bem, tratando-a com respeito. Rosângela até chegou a pensar que seria uma forma dele dizer: “Gosto de você apenas como profissional” (p.30). Porém, ele sempre atacava novamente: apareceu de repente ao lado de Rosângela nas proximidades da empresa, enquanto ela indo ao trabalho logo pela manhã, se oferecendo para buscá-la até a sua casa para ela não vir mais ao trabalho a pé. Ela conseguiu escapar, mas sentiu-se muito mal e apreensiva por ter que lidar com essa situação novamente, caso isso se repetisse e ele aparecesse em alguma manhã, querendo ir buscá-la.

A última investida do diretor foi, segundo a autora, na festa de confraternização de diretores da empresa. Relata que o “Lobo Mau” estava alcoolizado e, diante de todos, beijou-a forçadamente. Decidiu não mais aceitar o abuso de poder e teve a iniciativa de conversar com ele, mas, diante do seu pedido para que ele parasse com as investidas, ele lhe respondeu: “Vai me mandar embora porque te quero? – Olha que no fundo você quer também!” (p. 37). Não conseguiu falar mais nada diante desse posicionamento excessivo e, rapidamente, saiu da sala do diretor.

Por meses, Rosângela conviveu com os olhares e brincadeiras excessivas desse diretor. Afirma que entrou numa profunda depressão e o problema que tinha em sua perna (hiper-pressão patelar, que a obrigava a usar uma bengala, diante da sua dificuldade em andar), se agravou. Em cumplicidade com o gerente, seus colegas também a maltrataram, sabotavam seu trabalho, faziam piadas e passaram a isolá-la. Afirma que chegou a recusar uma promoção, pois sabia que seria atacada por seus

colegas do setor. Nessas circunstâncias, o sofrimento era muito intenso, “doía-me o corpo por dentro e por fora.” (p.44), e continua:

Muitas foram as vezes que, usando de sarcasmo, faziam cobranças de atitudes voltadas para o “aceitar” o assédio sexual que sofria. Ainda que soubessem de minha postura, de minhas convicções e moral, as insinuações eram constantes. Tinha o apelido de “Galinha Branca do Chefe”. A primeira vez que ouvi essa expressão, nada entendi. Não era por inocência e sim porque em minha mente não havia a menor possibilidade de qualquer relação; ao ouvi-la, não percebi que a mesma era dirigida a minha pessoa. Não satisfeitos em suas intenções de desestruturar-me, passaram a agressões sutis. Fui isolada. Ouvia risinhos ao entrar na sala, bilhetinhos entregues entre si. Rumores trocados nos ouvidos, o olhar voltado em minha direção e outros tantos deboches! Não aceitavam que fosse constantemente chamada pelas chefias superiores para execução de trabalhos e negociações com empresas. Além do assédio sexual a que me via obrigada a conviver e não aceitá-lo. Afinal tratava-se de um “DIRETOR”. (*sic*, p.39).

Com o tempo, a empresa passou por algumas reorganizações, toda a diretoria foi trocada ou remanejada. Rosângela ficou sob a responsabilidade de um novo gerente, agora no setor da Diretoria Comercial. O “Lobo Mau” não trabalhava mais na empresa, o que lhe causou um grande alívio.

No entanto, provavelmente os rótulos que ela recebeu de seus colegas se estenderam por toda a empresa, pois, conforme sublinha, sua odisséia ainda não tinha chegado ao fim. Em uma reunião para tratar da sua promoção, seu novo gerente aproximou-se e, alisando a sua perna, disse, “– Você tem seu espaço na empresa! Basta você querer!” (p. 42). Após esse fato, Rosângela, finalmente, decidiu solicitar sua demissão por não suportar mais o assédio. Abriu mão de sua importante carreira nesta empresa para preservar a sua saúde já tão delicada.

Após quatro meses que solicitou seu desligamento, sua demissão ainda não havia sido emitida. Descreve que esses meses foram sofridos, não suportava ter que levantar e ir trabalhar, mas como pediu uma negociação de sua dispensa, teve que aguentar esse tempo. No entanto, certo dia foi conversar com seu gerente questionando sobre a demora de sua demissão. Ele disse que providenciaria o mais rápido possível, assim que ela treinasse a nova chefe de setor. Mais um mês se passou e então foi

chamada à sala do Diretor Comercial, em que, mais uma vez, segundo a autora, sofreu uma situação de assédio. Vejamos:

- Boa tarde, Dr. Herculano – disse, estendendo lhe a mão.

- Boa tarde... – com as duas mãos acariciava a minha estendida. – *Epa! já não gostei disso!* O alerta tornou a ser ligado.

- Hoje Antônio Carlos me falou sobre seu pedido de negociarmos a demissão. Não gostaríamos que concretizasse sua saída da empresa. Afinal, você tem um “lugar reservado” aqui! Basta querer!” – Falou o “Monstro”.

Por um momento, em pé, parada, fiquei calada. – Acho que vou para um convento! Assim ninguém me canta! – Será?

- Infelizmente já tomei minha decisão. Apenas lhe peço que seja o quanto antes minha saída!

- Conheço seu trabalho! Vamos precisar dele agora que a empresa entra em operação! Quanto à promoção, sairá em breve. Já disse! Você tem “um lugar na empresa”!

Fala aí! Qual lugar? Em alguma cama de Motel? Ou em cima da mesa desses cretinos? Falava meu subconsciente.

- Já comprei um negócio. Ainda em reforma, mas preciso urgentemente assumi-lo.

- É uma pena! Quando quiser, aqui está meu telefone. – Entregou-me um cartão contendo o número do escritório impresso e o residencial escrito à minha frente. Em seguida, pegou o formulário datado no dia, assinou-o e entregou-me.

- *Branquelo, descarado, canalha* – pensei ao sair da sala, já rasgando em pedacinhos o cartão. (p. 43, grifos da autora).

Cleber Donizete Martins

Cleber decidiu escrever seu livro *Suicídio Laboral, um caso real de assédio moral* (2010), com a finalidade de testemunhar suas vivências de assédio no seu local de trabalho. Seu livro, escrito tempos depois de seu desligamento da empresa, ainda está em vias de edição⁵, mas, em 2010, já o havia divulgado entre aproximadamente mil contatos nas redes sociais.

⁵ Informações obtidas pelo próprio autor, através de e-mail, no final de 2013.

Cleber relata que trabalhou durante vinte anos nessa empresa e durante esse tempo houve mudanças de gestão e reestruturações no modelo organizacional, o que tornou seu trabalho substancialmente mais rígido, principalmente pelas pressões em busca de resultados. Considerava-se um funcionário exímio e flexível às mudanças. Acredita que, por essas suas qualidades, conseguiu permanecer na empresa em meio a tantas mudanças. No entanto, nos últimos quatro anos de sua carreira, Cleber foi transferido para outro setor da empresa, onde então se deu o início ao que ele chama de seu “martírio” (p. 11), haja vista passar a sofrer assédio moral por parte do seu superior, batizado de “troglodita-energúmeno”⁶.

Em suma, seu testemunho começa a partir do momento em que resolve denunciar o abuso de poder, mas não encontra apoio da “gerente-omissa”, no setor de Recursos Humanos, o que resultou, então, no que ele chama de suicídio laboral, isto é, pediu demissão e abriu mão de sua carreira profissional por não suportar mais as humilhações e degradações que sofria nas mãos do seu gerente. A expressão suicídio laboral, adotada por Cleber, é muito interessante, voltaremos a ela mais adiante.

Citamos o e-mail que Cleber encaminhou à “gerente-omissa”, buscando um posicionamento da empresa diante da situação de assédio moral:

Já não é de hoje, venho sofrendo um sentimento demasiado forte de inutilidade, incapacidade, incompetência, devido a postura/atitudes de meu gerente, (Gerente Energúmeno) que além de não ter o menor trato com os subordinados, humilha, constrange e nos expõe à situações vexatórias, diante de todo o setor [...] Com isso, agressões verbais, gritos, impropérios, palavrões, exposição a situações ridículas, minha saúde mental desestruturou se. Tenho feito acompanhamento psiquiátrico e, para “aguentar” o martírio da jornada de trabalho, tenho tomado remédio controlado, [...] exausto com o ambiente de trabalho nauseado pela situação, senti que todos os meus limites haviam sido superados e que, portanto, deveria anunciar meu desejo em ser desligado, [...] O que era um abalo mental ruiu-se por vez. (*sic*, p. 10-14).

Com essa denúncia, o seu gerente, “troglodita-energúmeno”, a “gerente-omissa” e seu chefe, “Sr. Babosa” foram chamados para uma conversa. Após as acareações e os

⁶ Cleber foi impedido judicialmente de revelar o nome da empresa e dos funcionários. No decorrer do livro, ele cria codinomes para os envolvidos de acordo com a postura assumida por esses, nas situações de assédio que vivenciou. (p.06).

inúmeros argumentos, o posicionamento da empresa foi de aceitar o pedido de desligamento de Cleber.

Também Cleber enviou um e-mail à presidente da empresa, em que descreve com detalhes sua trajetória na organização e explica a situação da empresa, a partir de seu ponto de vista.

O “clima” na [empresa] até há alguns anos era normal como se espera num ambiente de trabalho. Trabalhávamos num ritmo acelerado, com uma certa pressão, porém a atmosfera era boa. Algumas discussões, alguns momentos de tensão, mas tudo dentro dos parâmetros da normalidade. Há dois ou três anos, porém, começou o declínio. A pressão aumentou e a maneira como essa pressão era passada já não condizia a um ambiente “saudável” de trabalho. Muitas brigas, xingamentos, ofensas, que para mim, são demasiadamente humilhantes, atingindo todos os níveis da hierarquia. Passou a ser comum e aceitável entre os membros da equipe, gritos com os subordinados em meio aos corredores ou na própria sala do [gestor]. É verdade, e isso eu confirmei na acareação feita com o [gestor], que comigo essas demonstrações de fúria e totalitarismo de poder, foram poucas, porém o que aleguei e por isso que me dirijo a V.Sa., foi que o ambiente de trabalho estava muito ruim, que para mim era insustentável a situação, já que, meus nervos se afloravam a cada ocorrência dessas, mesmo com as outras pessoas, pois aquele sentimento de humilhação não atingia somente a vítima da vez, atingia também a mim e a outros colegas que também me testemunharam esse sentimento tanto de humilhação, como de constrangimento. [...] Tenho um carinho “físico” pela [empresa]. Me atreperia até escrever a palavra “amor”, mas tenho receio no uso desse termo, devido a sua amplitude e complexidade. Me limito ao termo “carinho” pois essa fábrica foi por muito tempo meu segundo lar e as pessoas que lá ficaram, merecem um pouco mais de respeito. Não é preciso reconhecimento, apenas respeito pelos seus trabalhos e, principalmente respeito pela pessoa. (*sic*, p. 42).

Pois bem, após seu desligamento da empresa, Cleber relata o período da pós-demissão, o que é bem interessante e nos dá uma dimensão do seu sofrimento. No primeiro mês, era como se ainda estivesse na empresa, pois tudo o que fazia era num ritmo acelerado. Mesmo fora da tensão do ambiente da empresa, tinha a sensação de que as atividades que tinha que realizar, e isso incluía ir à padaria, por exemplo, tinham que

ser realizadas rapidamente. “Embora eu tivesse todo o tempo do mundo e não houvesse mais um troglodita berrando suas neuroses pelos corredores, ou mesmo em meus ouvidos, ainda assim eu não conseguia me desvincular dos sintomas [palpitações, a irritabilidade permanente, falta de ar].” (p. 34). Com o tempo, Cleber foi tomado cada vez mais por desânimo, tristeza, solidão, angústia, revolta e ódio.

Seu valor externo desaparece, seus amigos desaparecem e, inacreditavelmente, você vai perdendo a sua identidade. Você se lança num canto qualquer e quer fazer dali o seu lar. O trauma psíquico não permite tentativas de novo emprego. Só em pensar na possibilidade de encontrar um novo verme-energúmeno pela frente, inibe a vontade em recolocar-se no mercado profissional. Recebi oportunidade de trabalho em três empresas distintas e eu neguei as três ofertas. Preferia o chão gélido quase me envolvendo num processo criogênico, a ir para outra empresa. (*sic*, p. 36).

Tempos depois e com a ajuda de um colega, Diretor Administrativo do Sindicato ao qual pertencia, publicou o artigo *Suicídio Laboral* (2009) num jornal com amplo alcance entre os trabalhadores do setor. Em meados de 2009, Cleber iniciou uma ação trabalhista alegando assédio moral. Esse pleito judicial ocupa longas páginas de seu livro, onde descreve, após cada audiência, ou diante do que ele considera a traição de seus colegas, que se recusaram a testemunhar, os sentimentos que lhe causavam ainda mais dor. Relata os constantes sentimentos de injustiça, ódio, decepção e abandono por parte de seus colegas, que também haviam sido vítimas de assédio do Energúmeno, mas que se negaram a testemunhar. Entre esses colegas, o autor assinala que dois, em particular, lhe causaram muita decepção, um, que era equivalente à figura de um pai, e o outro, como um irmão no tempo em que trabalhou na empresa.

Por fim, continua o autor, a empresa foi condenada em primeira instância, mas ele considerou a indenização muito injusta, então, com a orientação de seu advogado, recorreu, exigindo maior soma indenizatória. O autor nos informou, por e-mail, que o processo já foi julgado em todas as instâncias e que a empresa deverá pagar a indenização que ele solicitou. No entanto, o processo ainda não está arquivado, por isso precisa manter certo sigilo.

Por que Amélie Nothomb?

Como dissemos, foi através de discussões realizadas no Laboratório de Estudos e Pesquisa em Psicanálise e Civilização (LEPPSIC-UEM)⁷, onde se insere a presente pesquisa, que tivemos acesso ao livro *Medo e Submissão*, de Nothomb (2001), uma famosa escritora belga, com grande aceitação pelos leitores brasileiros.

Esse livro, escolhido como nosso principal material de análise, relata a experiência de trabalho numa empresa japonesa, situada em Tóquio, onde Amélie Nothomb (2001) passou um ano realizando atividades que não condiziam com a função para qual havia sido contratada, a de intérprete. Para se ter uma ideia da sua situação, ao finalizar seu contrato, a sua função era a mais baixa na hierarquia da empresa: limpar banheiros.

Também a sua origem ocidental, frente aos preceitos orientais, pioraram a sua situação na empresa. São descritas muitas vivências dramáticas que, para nós, se configuram como assédio moral. Mais adiante, no terceiro capítulo, voltaremos a falar mais detidamente dessa autora e da sua obra, sempre autobiográfica, que servirá de apoio para a análise do seu livro *Medo e Submissão* (2001).

A organização metodológica da pesquisa

Esta pesquisa se situa dentro do domínio da Psicanálise extramuros, conforme Laplanche (1991) expôs numa conferência, ao discorrer sobre o *teorético* visto como possibilidades de investigação: “O teorético compreenderia então em seu campo teórico, o clínico, a psicanálise além da cura, ou seja, os fenômenos culturais, e, finalmente, o retorno da psicanálise sobre sua própria história, que é um plano essencial da investigação.” (p. 13). Nossa pesquisa aproxima-se dos fenômenos culturais, no caso, o assédio moral nas organizações, mas, embora transcenda o *setting* analítico propriamente dito, não deixaremos de mencionar os aspectos clínicos.

Segundo Laplanche (1992), “a psicanálise é um imenso movimento cultural e, nesse sentido, é o conjunto da psicanálise que se dirige para fora-dos-muros” (p. 12). Assim, apesar de haver controvérsias sobre essa metodologia de pesquisa, Laplanche (1992) retoma essa prática já desenvolvida por Freud (citado por Laplanche, 1992),

⁷ O LEPPSIC é coordenado pelos professores Dra. Viviana Velasco Martinez e Dr. Gustavo R. Mello Neto, da Universidade Estadual de Maringá (UEM).

quando esse se dedicou a estudar os fenômenos religiosos, sociais, culturais, entre outras áreas do conhecimento⁸.

Com base nessas propostas, tomamos como material principal de análise, o livro *Medo e Submissão* (2001), mas, para contextualizar a análise, recorreremos a outros livros, como *Higiene do Assassino* (1992), *Metafísica dos Tubos* (2000) e *Nem de Eva, nem de Adão* (2007), sendo os dois últimos autobiográficos. Para tanto, utilizamos a técnica de interpretação, levando em consideração o inconsciente e o processo de transferência, base de toda nossa investigação.

Ao se trabalhar com a Psicanálise extramuros, uma questão sempre é evidenciada: como lidar com a transferência diante de um texto literário? Para refletir sobre esse ponto, Green (1971/1994), além de Laplanche (1991), entre outros tantos autores, que se referem à possibilidade de transpor a prática psicanalítica à análise crítica de um texto literário, assinalam a importância de o pesquisador colocar em cena o seu inconsciente, pois somente assim, completa Green (1971/1994), poderá ter acesso ao inconsciente do outro, mesmo que esse outro esteja presente através de um texto literário. Green (1971/1994) nota que a transferência surgirá na relação pesquisador e escritor, similar à relação analista e analisando e que, de fato, haverá diferenças, mas isso não limitará a legitimidade da questão transferencial no campo literário.

Para Green (1971/1994), é imprescindível uma escuta analítica, uma espécie de leitura flutuante diante do texto, pois, assim, o crítico psicanalista conseguirá reconhecer os processos primários e secundários e, então, chegar a uma interpretação. Quanto à interpretação, é o inconsciente do analista que será evocado pelo enigma e pelo fascínio do texto, expõe o autor, assim o analista reagirá ao texto conforme o efeito provocado em seu inconsciente. “A interpretação do texto passa a ser interpretação que o analista deve fornecer sobre o texto, mas, na verdade, trata-se de sua própria interpretação quanto aos efeitos do texto sobre seu inconsciente.” (Green, 1971/1994, p. 18).

Guiados por esses embasamentos, apreendemos a narrativa de Nothomb (2000, 2001, 2007) como um discurso de um paciente, para, através de suas vivências na organização onde trabalhou, refletir, discutir nossa proposta de analogia entre assédio moral e SAF, além de propor algumas interpretações em torno da escrita da autora. Trata-se de decifrar o projeto transferencial (Mello Neto, 2012) da autora, levando em

⁸ *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância* (1910), *O Caso Schreber: notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia* (1911), *Totem e Tabu* (1913), *Moisés de Michelângelo* (1914) e *Dostoiévsky e o parricídio* (1928), entre outros.

consideração sua escrita sistemática sobre alguns temas (paixão pelo Japão, morte, infância, comparação à figura divina, entre outros).

Além de eleger os livros autobiográficos de Nothomb (2000, 2001, 2007), as fontes de nosso material de pesquisa são artigos selecionados pelo levantamento realizado na base de dados da PsycInfo e no Portal da CAPES. Ainda, buscamos materiais sobre a TSG e trauma no levantamento bibliográfico realizado por Mello Neto e Martinez (2012) no projeto intitulado “Trauma atual e Teoria da Sedução Generalizada”.

Em relação à organização de nossa pesquisa, o primeiro capítulo apresenta a Teoria da Sedução Generalizada de Jean Laplanche, evidenciando, sobretudo, a SAF. Já no segundo capítulo, a nossa proposta é discutir o assédio moral e os principais pontos da Psicodinâmica do Trabalho de Dejours, notabilizando a importância do corpo e da presença do outro no espaço organizacional. No terceiro capítulo, abordamos, além do livro *Medo e Submissão* (2001), algumas peculiaridades da vida de Nothomb (2000, 2001) e da sua escrita, para, então, chegarmos a alguns temas que consideramos categorias de análise.

O primeiro desses temas abordados é “Libido no trabalho e excesso de alteridade”, em que discutimos, entre outros pontos, o humor como satisfação sexual e tradução, frente ao excesso pulsional gerado pela violência das mensagens do assédio moral. Em torno desse tema, buscamos, ainda, a partir do referencial teórico de Dejours (1992, 2010, 2012), pontuar as estratégias que Nothomb (2001) encontrou para preencher a lacuna entre o trabalho prescrito e o trabalho real, principalmente através da erotização de suas atividades. Outro tema analisado é “Amélie por ela mesma”, em que pontuamos as construções que autora faz de si mesma, a partir dos relatos do livro *Medo e Submissão* (2001) e, como complemento, utilizamos o livro *Metafísica dos Tubos* (2000), em que relata sua infância no Japão e o livro *Nem de Eva, nem de Adão* (2007), em que a autora nos conta sobre seu romance com um jovem japonês no tempo em que trabalhou na Yumimoto. A partir de suas narrativas, discutimos sobre o romance familiar freudiano, sobre o mito do nascimento do herói de Otto Rank (citado por Martinez, 2003), e o Projeto Transferencial, proposto por Mello Neto (2012). Por fim, o último tema analisado é “A escrita: uma tradução”, em que supomos que através de seus diversos livros, Nothomb (1992, 2000, 2001, 2007) tenta traduzir suas mensagens, sobretudo, suas mensagens da SAF do período em que viveu no Japão, fase que evidencia insistentemente em seus relatos.

CAPÍTULO I – SITUAÇÃO ANTROPOLÓGICA FUNDAMENTAL: AS CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA DA SEDUÇÃO GENERALIZADA

Freud (1897/2001), supostamente, abandona sua Teoria da Sedução na famosa *Carta 69*, em que comunica a Fliess não acreditar mais em sua neurótica, deixando clara sua descrença no que diz respeito ao trauma consistir em uma agressão sexual do adulto direcionada à criança. A proposta de Laplanche (1992), da Teoria da Sedução Generalizada – TSG, parte dessa ruptura de Freud (1897/2001), tendo em vista que retoma a sua teoria da Sedução Infantil, retira sua conjectura patológica e acrescenta o aspecto generalizado através da Situação Antropológica Fundamental – SAF. No entanto, o autor ressalta que não se trata de criar algo novo, mas, a partir do pensamento freudiano, retomar os fundamentos da Psicanálise para, então, renová-los. É fazendo trabalhar Freud, como afirma o autor, que ele elabora uma proposição sobre a fundação do psiquismo por meio da relação inter-humana.

Nesse sentido, é a prevalência do outro, sobretudo a alteridade que esse outro/adulto, por ter um inconsciente, estabelece diante da criança ainda sem seu psiquismo formado, que nos levou a pensar o assédio moral como uma analogia da SAF. A proposta laplancheana de que a constituição do sujeito psíquico dar-se-á no encontro com o outro nos parece propícia para pensar nas relações entre os membros de uma organização que, ao trabalharem, levam consigo suas histórias singulares e lidam com os atores do palco do trabalho (os pares e superiores), os quais, mesmo de forma enigmática, se assemelham às figuras que outrora fizeram parte do seu cenário infantil. Supomos, assim, que as organizações propiciam o trabalho tradutivo uma vez que o outro, presente nas relações de trabalho, pode despertar o enigma da mensagem recalcada, incitando-as na busca de elaboração ou tradução.

Neste capítulo fazemos algumas considerações em torno da TSG de Laplanche, principalmente sobre a SAF para, posteriormente, conseguirmos, juntamente com as contribuições da Psicanálise freudiana e da Psicodinâmica do Trabalho, analisar o livro de Nothomb (2001) selecionado como nosso objeto de pesquisa.

A situação originária ou Situação Antropológica Fundamental

A proposta teórica de Laplanche (1992), com a TSG, resume-se na ideia do trauma estar presente na gênese do psiquismo – o trauma fundante – no sentido

estruturador.⁹ A sedução perde seu caráter patológico, como defendia Freud com sua neurótica, a qual Laplanche (1992) designou de teoria restrita, ou sedução focal, tendo em vista que essa teoria tinha como cerne a busca pelo evento traumático. Sua factualidade nunca alcançada fez com que Freud (1897/2001) percebesse que o trauma sexual não podia mais ser considerado como etiologia das neuroses.

Superada a realidade factual, Laplanche (1992) introduz o conceito da Situação Antropológica Fundamental com a finalidade de acrescentar o aspecto generalizado na sedução, já que se trata de uma situação originária, universal, tendo em vista que todos os indivíduos a vivenciam, pois, necessariamente, a vida humana passa por um confronto entre a criança e um adulto, sendo esse geralmente a mãe¹⁰. A sedução dar-se-á através dos cuidados que o adulto presta à criança no início da vida, sem os quais ela não sobreviveria. “Pelo termo sedução originária qualificamos, portanto, esta situação fundamental na qual o adulto propõe à criança significantes não-verbais tanto quanto verbais, e até comportamentais, impregnado de significantes sexuais inconscientes.” (Laplanche, 1988, p.119).

Levando em consideração que o bebê é um ser desadaptado e que, portanto, necessita de um adulto para dar conta do seu desamparo, o autor adota o termo prematuração, entendido como um estado de desamparo (*Hilflosigkeit*), para diferenciar a prematuração, no sentido de sobrevivência e a prematuração no sentido sexual. No nível da autoconservação, a criança direciona sua pulsão a fim de obter os cuidados para que possa sobreviver; assim, a comunicação dar-se-á no domínio da ternura. Por outro lado, no nível sexual, o adulto, ao responder as solicitações da criança, responde algo além dos cuidados autoconservativos; algo do seu inconsciente sexual escapa e impõe à criança mensagens enigmáticas que, por serem sexuais, serão excessivas a essa criança, que ainda não tem seu psiquismo constituído.

Em *Vida e Morte em Psicanálise*, Laplanche (1985) retoma de Freud (1905/1996, 1915/1996) o conceito de autoconservação para discutir a ideia de que, através dos cuidados vitais prestados pelo adulto, o sexual é implantado na medida em que toca o corpo erógeno do bebê, as zonas erógenas enunciadas por Freud (1905/1996), intimamente ligadas à vida sexual. Contudo, a pulsão sexual sobressairá às

⁹ Vale lembrar que todo trauma inicialmente é desestruturador, uma vez que o trauma fundante só se tornará organizador na medida em que o psiquismo adquirir a condição de elaborá-lo.

¹⁰ Laplanche (1992), afirma que o pai perverso da Teoria da Sedução Restrita cede lugar a mãe, uma vez que é esta que geralmente cuida, no sentido de tocar, olhar, acalentar, entre outras formas que encontra para suprir as necessidades da criança. No entanto, o autor menciona que esta relação não fica presa à relação edípica, pois a criança também pode ser cuidada por substitutos, além do seio familiar.

necessidades autoconservativas, assertiva evidenciada por Freud (citado por Laplanche, 1985) com a teoria do apoio, na medida em que a função sexual emerge apoiada na função autoconservativa, para logo tornar-se independente. Laplanche (1985) exemplifica esse sexual que escapa à autoconservação através da amamentação: a mãe oferece o seio, objeto sexual para a mulher, para alimentar seu filho, suprimindo as necessidades autoconservativas dele. A sucção do seio é um ato conservativo, porém, com a implantação do sexual, o sugar transforma-se em chupar, como chupar o dedo, por exemplo, ato que deixa de ser autoconservativo para ser fonte de prazer, portanto, da ordem do sexual.

Embora a comunicação entre criança e adulto esteja no plano autoconservativo, isso logo mudará, conforme pontua Laplanche (1992), pois o sexual tomará essa relação por meio das mensagens enigmáticas que o adulto transmite à criança e essa, com seu aparato psíquico despreparado, não terá condições de responder à invasão da sexualidade do adulto. Logo, estará instaurada a situação traumática.

Quanto a essa interferência do sexual que invade a criança diante da sua passividade originária, Ferenczi (1933/1992), através do que chamou *confusão de línguas*, explica que a comunicação entre criança e adulto dar-se-á em níveis diferentes, isto é, enquanto a criança se comunica no nível da ternura, o adulto se comunica na linguagem da paixão, o que resulta na sedução incestuosa, conforme denomina o autor. Isso se dá pelo fato de o adulto, com sua tendência psicopatológica, não reconhecer que a criança, ao demonstrar afeto, tem seus fantasmas lúdicos, que podem tomar forma erótica, contudo, a comunicação mantém-se na dimensão da ternura. O adulto, por sua vez, confunde “as brincadeiras infantis com os desejos de uma pessoa que atingiu a maturidade sexual e deixa-se arrastar para a prática de atos sexuais sem pensar nas consequências.” (p.351).

Nota-se que a sedução, para Ferenczi (1933/1992), é semelhante à neurótica freudiana, uma vez que volta a evidenciar o traumatismo sexual na etiologia das neuroses e acredita que muitas crianças, independentes da classe social, sofrem violência sexual por parte de seus pais ou por pessoas próximas. Com essas formulações, Ferenczi (1933/1992) considera, por um lado, a essência sedutora e traumática na relação criança e adulto, em que o trauma seria organizador do psiquismo, e, por outro, mantém a ideia de um adulto perverso, no sentido do pai perverso da neurótica freudiana. Esses dois aspectos do trauma, desestruturante e estruturante de Ferenczi (1933/1992), serão retomados por Laplanche (1992), tanto que considera as

preposições de Ferenczi (1933/1992) como um prefácio para a TSG. Mas, Laplanche (1992) ressalta que, ao discorrer sobre a *confusão de línguas*, Ferenczi (1933/1992) deixou de considerar o caráter traumático da linguagem da paixão, uma vez que essa linguagem carrega consigo ruídos, ou seja, elementos sexuais do adulto, desconhecidos por ele mesmo, que é comunicado à criança. A confusão discutida por Ferenczi (1933/1992), continua Laplanche (1992), age, antes de tudo, no próprio adulto, pois seus conteúdos inconscientes são sentidos como enigmáticos, primeiramente por ele e, logo, pela criança.

Laplanche (1992) observa que tanto Ferenczi (1933/1992) como o próprio Freud deixaram muitas vezes de considerar importante essa questão do inconsciente do adulto em suas formulações teóricas. É esse ponto que a TSG traz para o primeiro plano ao discutir essa relação assimétrica adulto-criança. O adulto é desviante no que tange à sexualidade, que não desvia apenas a criança, mas é “[...] desviante em relação a si mesmo, na sua própria clivagem”. (p.110). A presença da criança é algo muito erótico para o adulto, uma vez que, diante o corpo infantil, as fantasias sexuais desse adulto são atualizadas.

Laplanche (2003), no artigo *Três acepções da palavra “inconsciente” no quadro da Teoria da Sedução Generalizada*, afirma que o inconsciente sexual do adulto será reativado na comunicação dissimétrica adulto-*infans*. Nesse sentido, o enigma proposto pelo autor não é a mensagem propriamente dita transmitida pelo adulto, mas é o que veicula na mensagem – elementos sexuais que parasitam as mensagens destinadas às crianças. Essas mensagens não são apenas enigmáticas, isto é, exclusivamente da ordem do inconsciente, pois conforme assevera o autor, todas as mensagens são do plano pré-consciente/consciente, ou seja, autoconservativas, mas parasitadas por ruídos – significantes sexuais enigmáticos – comprometidos pelo inconsciente e enigmáticas justamente por serem inconscientes.

Dejours (2012a), em *Acidentes da sedução e teoria do corpo*, afirma que o corpo da criança impele uma reação inconsciente e incontrolável no adulto que culmina em mensagens intraduzíveis para aquela. O autor cita alguns exemplos desse apelo do corpo da criança que ativa o inconsciente do adulto.

Uma vez que, face ao apelo do corpo da criança, o adulto é o objeto de uma reação inconsciente, incontrolável e descarrilhada, a mensagem se torna intraduzível para a criança. Por exemplo, quando, face ao corpo da criança, o adulto experimenta subitamente uma reação de aversão incontrolável que o

impele a bater na criança. Ou quando, inversamente, para evitar o pior como a violência contra o corpo da criança, o adulto contrapõe subitamente uma atitude fria de isolamento pela qual ele interrompe a comunicação; ou ainda, quando, por demais excitado pela criança, ele cede ao abuso sexual do corpo da criança. (Dejours, 2012a, p.398).

Dessa forma, temos que o efeito traumático da sedução corresponde ao excesso da mensagem sexual do adulto que irrompe no psiquismo da criança. Embora todas as mensagens sejam traumáticas por veicularem o sexual, a TSG diferencia dois processos de inscrição da mensagem: o processo da implantação e o da intromissão. De acordo com Laplanche (1992), a implantação do sexual corresponde ao que expomos até agora, o adulto impelido pelo corpo infantil que o excita, transmite, juntamente com os gestos de cuidado (sedução precoce, segundo o autor), ruídos do seu inconsciente sexual que inflige o corpo erógeno da criança. Essas mensagens são experienciadas pela criança como um corpo estranho, ou seja, ela não consegue compreender, num primeiro momento, o que significa esse “outro em mim”, pois não dá conta de metabolizar o conteúdo enigmático dessas mensagens.

Já, sobre o processo de intromissão, Laplanche (1999a), no texto *Implantação, Intromissão*¹¹, assinala que a mensagem intrometida é introduzida oralmente e analmente, portanto, não permite ao indivíduo respondê-las, ao contrário do que ocorre no caso das mensagens implantadas com a tradução, ou mesmo com o recalçamento. O autor também correlaciona essas mensagens com as mensagens superegóicas, vistas como imperativos categóricos, apropriando-se da tese de Kant, na medida em que elas não são passíveis de tradução, pois são tomadas pelo outro como verdade absoluta, sem possibilidades de questionamentos. Essas mensagens irão constituir o inconsciente denominado por Laplanche (2003) de encravado, uma espécie de “limbo” onde as mensagens habitam, esperando por traduções.

Para Dejours (2012a), o processo da intromissão seria uma espécie de acidente da sedução, tendo em vista que a intromissão é uma variante violenta da implantação. O autor exemplifica a intromissão, ao discorrer no final da citação que trouxemos acima, a situação de um adulto muito excitado pela criança que acaba, por exemplo, cedendo ao abuso sexual do corpo da criança. A mensagem intrometida, por ser violenta, impede a

¹¹Título original: *Implantation, Intromission*.

criança de sair da sua situação de passividade, pois os acidentes da sedução ficam aquém do trabalho de tradução e de recalçamento.

Sobre o trabalho de tradução, vamos nos deter um pouco mais, em especial nas considerações sobre o *après-coup*, pois serão imprescindíveis para a análise do livro de Nothomb (2001), já que se trata de uma vivência que nos remete à temporalização. Trata-se, segundo Laplanche (2001), do movimento de destradição-retradução de antigas traduções sobre a realidade, o que possibilita ao indivíduo uma nova vivência diante dos fatos potencialmente traumáticos já vividos, agora com uma nova visão de mundo e com mais mensagens traduzidas.

A proposta tradutiva e os destinos das mensagens: uma discussão sobre o *après-coup*

De acordo com Laplanche (2003), é através do processo de implantação que a criança, interrogada pelo enigma, inicia a atividade tradutiva. O processo tradutivo dar-se-á em dois tempos: primeiramente a mensagem é apenas inscrita ou implantada, tendo em vista que não há a compreensão de absolutamente nada, ficando sob a pele. Logo, há a tentativa de tradução, o segundo momento, *après-coup*, que corresponde à tradução propriamente dita. Para traduzir essas mensagens, a criança conta com alguns assistentes de tradução¹², conforme propõe Martens (2009), mas que são insuficientes para traduzir as mensagens sexuais oriundas do outro. Portanto, “a criança deve recorrer a um novo código, ao mesmo tempo improvisado por ela e buscado nos esquemas fornecidos pelo meio cultural.” (Laplanche, 2003, p. 407).

Laplanche (2003) retoma o modelo de dois tempos do traumatismo freudiano, para explicar que a tradução das mensagens enigmáticas não ocorre de maneira completa, é sempre imperfeita. A tradução, ou a tentativa de tradução, formará o sistema pré-consciente – é o eu que toma forma a partir da própria historicização que o indivíduo faz daquilo que vem do outro. No entanto, esse processo sempre deixará restos, entendidos como um excesso pulsional que escapou à tradução, depositados no

¹² Para Martens (2009), o assistente de tradução pode ser entendido como um suporte à criança para que consiga traduzir as mensagens que incidem em seu corpo. Um exemplo de assistente de tradução é o próprio adulto, pois ao mesmo tempo em que emite mensagens sexuais excessivas, ele fornece, também, significantes, a partir do seu pré-consciente, à criança, para que ela consiga dar conta de traduzir essas e outras mensagens enigmáticas.

inconsciente recalcado, que formarão, segundo o autor, o Id, onde há a expressão máxima da alteridade e onde encontramos o sentido do corpo estranho freudiano (o outro que habita em mim).

Laplanche (1999c), no texto *Curto tratado do inconsciente*, define esses restos como objetos-fontes da pulsão, que estão sempre em busca de alcançar traduções. Esses conteúdos recalçados são conflitivos, já que se trata de elementos sexuais excessivos, que sofreram falha tradutiva e que acabam impelindo o indivíduo ao contínuo processo de tradução-destrução-retradução, juntamente com a ação do *après-coup*.

A esse propósito, Martinez (2012) observa que os objetos fontes da pulsão darão uma dinamicidade ao psiquismo, uma vez que esses objetos provocam no indivíduo um contínuo trabalho de tradução e retradução, o que leva a uma elaboração do traumático e uma organização psíquica. Assim, no processo de implantação, além do adulto comunicar as mensagens enigmáticas, transmite também elementos organizadores ou assistentes de tradução. A sedução, num nível ótimo – apropriando-se da expressão de Ferenczi (1933/1992) – é necessária para libidinizar o bebê e trazê-lo à realidade. Portanto, ao mesmo tempo em que a mensagem sexual é traumatizante por ser excessiva, o enigma também irá provocar atividade na criança – a tradução e a constituição do inconsciente.

Pois bem, o *après-coup*, segundo Laplanche (1999c), está implicado com a temporalização e a historicização do indivíduo. Historicizar é fazer traduções de si mesmo sob o efeito do tempo. Laplanche (2001), em *Notas sobre o après-coup*, faz uma detalhada exposição a respeito da temporalização no processo de tradução, sublinhando que esse tempo encontra-se além da dimensão temporal. O *après-coup* está relacionado com o efeito do passado agindo sobre o futuro, ou seja, o indivíduo só consegue dar conta daquilo que foi enunciado pelo outro, *après-coup*, pois o enigma toma a dimensão de algo estrangeiro, incompreensível e, impulsionado pelos objetos da pulsão, busca incessantemente traduzir o recalcado. Esse fato faz com que o autor afirme que todo o indivíduo se torna “autotradutivo e autoteorizante” (Laplanche, 1992, p. 139).

Laplanche (2001) utiliza um exemplo que Freud (1900, citado por Laplanche, 2001)¹³ relata na *Interpretação dos sonhos* para aprofundar um pouco mais na discussão sobre o *après-coup*. Nesse exemplo, Freud (1900, citado por Laplanche, 2001) descreve uma cena em que um rapaz observa uma criança sendo aleitada e, em admiração, diz

¹³ Freud, S. (1996). *Interpretação dos sonhos*. (J. Salomão. Trad.) In: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud* (Vol. IV). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1900).

que lamentava muito por não ter aproveitado mais a oportunidade. Laplanche (2001) assevera que Freud (1900, citado por Laplanche, 2001), ao analisar essa cena, levou em consideração apenas o efeito retroativo que o rapaz sofreu diante da cena da criança no seio, isto é, o rapaz, de certa forma, interpretava seu passado através das cenas do presente.

Laplanche (2001) sugere uma ampliação dessa observação de Freud (1900, citado por Laplanche, 2001), pois a cena descrita, de conotação sexual, contempla mais que um protagonista. Vejamos: há a criança, que vivencia a experiência (o autoconservativo juntamente com a implantação do sexual), a mulher que amamenta e que tem um inconsciente dotado de representações e elementos sexuais e, por fim, o rapaz que, ao ver a cena, historiciza seu passado a partir de seu presente. O autor destaca que Freud deixou de levar em consideração a figura da mulher, a sedutora, que oferece o seio, protagonista importante, pois é quem responde às necessidades da autoconservação e quem implanta o sexual. Além da cena de amamentar causar uma reativação nela mesma, uma vez que ela também já foi uma criança.

Freud (1905/1996), no importante texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, relata que a mãe, ao prestar os cuidados à criança, também libidiniza o corpo dessa, ou melhor, a mãe, além de ser uma agente da autoconservação, também excita seu filho, através dos cuidados higiênicos, por exemplo. A mãe toca as regiões genitais da criança, o que desperta na criança excitação sexual. Porém, o autor afirma que a mãe não tem uma noção consciente dessa dimensão sexual de seus cuidados.

A mãe provavelmente se horrorizaria se lhe fosse esclarecido que, com todas as suas expressões de ternura, ela está despertando a pulsão sexual de seu filho e preparando a intensidade posterior desta. Ela considera seu procedimento como um amor “puro”, assexual, já que evita cuidadosamente levar aos genitais da criança mais excitações do que as inevitáveis no cuidado com o corpo. (Freud, 1905, *O objeto sexual na fase de amamentação*).

Laplanche (1992) pontua que Freud, ao fazer essas suas postulações, mais uma vez deixou de considerar o inconsciente da mãe, que também é evocado nestes momentos de cuidado. O autor sublinha que o seio da mãe é um objeto ambíguo para a criança, pois, ao mesmo tempo em que sacia sua fome, é um órgão sexual da mãe. Assim, a mãe, ao oferecer o seio, oferece à criança mais que o leite materno; os significantes enigmáticos também são impostos a esse bebê, que logo se interroga: “o

que queres de mim, além de me aleitar e, no fim das contas, porque ela quer me aleitar?” (Laplanche, 1992, p. 135).

Da mesma forma que no exemplo acima, a mãe, diante da cena da amamentação, também sofre o efeito do *après-coup*. Martinez (2012) assinala que o adulto, ao seduzir a criança, está tentando traduzir seus próprios enigmas, aqueles recebidos ainda quando criança pelos adultos com quem se comunicava, dando novos destinos “[...] para as seduções que agem e se atualizam em si.” (p. 478). A autora ressalta a presença de uma dialética temporal na Psicanálise, na qual está intimamente ligada ao trabalho do *après-coup*. Temos, portanto, com o *après-coup*, possibilidades de reconhecer a natureza da mensagem veiculada, bem como as traduções cabíveis e os destinos dados a essas mensagens.

Laplanche (1999b), no texto *Tres destinos del mensaje enigmático*, propõe três destinos para a mensagem do outro. O primeiro corresponde ao da intromissão ou da forclusão, segundo o autor. Muito se discute se as mensagens que sofreram fracasso total de tradução poderão ter outro destino a não ser permanecer no inconsciente encravado. No texto em questão, o autor afirma que todas as mensagens, implantadas ou intrometidas, são enigmáticas por veicular o sexual do outro. Se há enigma, portanto, são passíveis de tradução. Entretanto, o autor afirma que os destinos dessas mensagens são complexos e dependem, sobretudo, de dois aspectos – da mensagem e do receptor. Quanto à mensagem, por ser de natureza violenta, ela tem em sua estrutura algo de não metabolizável. Já sobre o receptor, o autor chama a atenção para o fato de ser difícil reconhecer uma mensagem quando essa é oriunda de um acontecimento traumático, tendo em vista que é excessivo para o psiquismo, como no caso dos acidentes da sedução, analisados por Dejours (2012a).

O segundo destino da mensagem é, de acordo com Laplanche (1999b), os restos recalçados – objetos fontes – dos quais já falamos acima e que não iremos mais nos alongar, uma vez que é sobre o terceiro destino da mensagem da SAF, apresentado pelo autor, que queremos nos deter. Laplanche (1999b) relaciona esse terceiro destino com a face criativa da pulsão, a qual chama de inspiração. A sublimação, nesse sentido de inspiração como destino do enigma, é semelhante ao que Freud (citado por Laplanche, 1999b) tratou no texto sobre *Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância*. O autor pontua que Freud, nesse texto, falou de uma sublimação especial – a *pulsão de investigação*. Essa sublimação seria uma terceira forma de tratar a sexualidade. Laplanche (1999b) sublinha que essa investigação não está ligada apenas à investigação

científica, tampouco, puramente intelectual, mas é uma investigação que envolve uma curiosidade existencial – a epistemofilia falada por Freud (1910/1996) – uma curiosidade sobre a verdade dos seres. Em suma, para Laplanche (1999b), essa sublimação, que reconhecemos pela criação artística presente em Leonardo, é um destino para o enigma do outro.

Na medida em que Laplanche (1999b) aproxima criação e enigma do outro, e isso como possibilidade de tradução, está se referindo à sua proposta de inspiração. O autor sustenta que é o enigma do outro que interroga o artista, ou ainda, o olhar do outro evoca o enigma presente no artista, que configura a inspiração como possibilidade tradutiva, levando-o a criar uma pintura, por exemplo. Posto isso, o autor deixa claro que a inspiração e a sublimação não se contrapõem, pelo contrário, estão interligadas. Enquanto a inspiração tem início a partir do trauma oriundo da mensagem do outro, a sublimação liga o pulsional desligado do trauma da mensagem.

Essas contribuições do autor sobre a sublimação e a inspiração como destino para as mensagens da SAF nos remete a Nothomb (2001), pois entendemos que a autora, ao escrever seus livros, está envolvida nesse processo interligado entre sublimação e inspiração. Interrogada pelos enigmas, ela se põe sempre a escrever, escreve no sentido de se conhecer, de historicizar as mensagens implantadas. Jorge (2006) ressalta que Nothomb escreve em média um livro por ano, desde seu primeiro romance em 1992. Essa contínua escrita da autora nos parece ser um destino que ela encontrou para suas mensagens de alteridade, pois, assim, na medida em que escreve, ela as traduz e destraduz para propor, a cada produção, uma retradução. Aqui está o sentido mais amplo do *après-coup* a que nos referimos anteriormente.

CAPÍTULO II - ASSÉDIO MORAL E ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO: UMA DISCUSSÃO NA PERSPECTIVA DA PSICODINÂMICA DO TRABALHO E DA PSICANÁLISE

Neste capítulo discutimos o assédio moral no ambiente de trabalho do ponto de vista da Psicodinâmica do Trabalho e da psicanálise. No *Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa* (Cunha, 1986), encontramos a etimologia da palavra trabalho em latim *tripaliare*, cujo significado é torturar, mas o termo é derivado de *tripalium* – instrumento de tortura. De acordo com Ruffino (2000), com o processo de desenvolvimento da civilização humana, o trabalho, inicialmente, tinha uma conotação negativa, assertiva evidenciada na própria etimologia da palavra trabalho. Na medida em que surgiram as relações de trabalho, criaram-se relação de poder e hierarquia, e os detentores de poder, por sua vez, dominavam tudo o que era produzido pelos subalternos – o homem passou a explorar o próprio homem. Um exemplo desse processo foi a escravidão, em que o trabalho, por ser vergonhoso, era destinado aos que se encontravam à margem da sociedade.

Ruffino (2000) afirma que, na Idade Média, o trabalho passou a ser visto como caminho para encontrar a redenção, mas, para isso, os servos deviam obediência ao clero e à nobreza, já que esses eram os mediadores entre eles e Deus. Com o tempo, principalmente com o advento da industrialização, o trabalho adquiriu o sentido de possibilidade de conquistar riquezas e ascensão social. Surge, então, a figura do proletariado, os trabalhadores que conhecemos nos dias atuais.

Diante disso, algo que nos chama a atenção é o fato que, desde que surgiram as primeiras relações de trabalho, a assimetria esteve presente. Sempre houve a figura do detentor de poder frente a um subalterno, o qual, na sua posição de desvantagem, encarava seu trabalho como tortura ou castigo.

Na atualidade, a sociedade composta por trabalhadores tem sobre o trabalho uma visão com uma conotação inversa da que se tinha na antiguidade. É só pararmos para pensar qual o julgamento que as pessoas de nossa cultura fazem, por exemplo, de um indivíduo que não tem uma carreira profissional ou que esteja há longo tempo desempregado, no auge de sua juventude e gozando de boa saúde. Certamente causará estranheza. Isso porque, conforme pontua Dejours (1993/2011), hoje o trabalho é algo hipervalorizado e, ainda, está intimamente implicado na construção da identidade do

indivíduo. O trabalho tem o poder de designar ao indivíduo um lugar na sociedade e o reconhecimento simbólico dos outros membros da sociedade.

Por um lado, o trabalho é fonte de saúde psíquica, como veremos a seguir com a Psicodinâmica do Trabalho; por outro, sobretudo pela presença da assimetria nas relações de trabalho, algo da sexualidade polimórfica circulará nos espaços das empresas. E, caso a organização fomente a perversidade presente nos seres humanos, situações como o assédio moral podem surgir, levando muitos trabalhadores às patologias.

São essas as nossas propostas de discussão neste capítulo.

Assédio moral e o contexto organizacional

Na origem dos procedimentos de assédio, não existem explicações óbvias, mas, sim, um conjunto de sentimentos inconfessáveis. (Hirigoyen, 2001, p.37)

Vimos que Leymann (1996), ao definir o termo *mobbing* ou *psicoterror*, que para nós corresponde ao assédio moral, assinala que esse fenômeno tem como característica capital a forma hostil e antiética de se comunicar com alguém, ou com um grupo de pessoas, de forma que lhes impeçam de reagir, deixando-os numa situação de desamparo. Essa situação de desamparo, para nós, se assemelha ao desamparo da criança sem suas defesas ainda constituídas diante de uma situação de excesso, como, por exemplo, as mensagens de alteridade.

Segundo o autor, a exposição à humilhação por um longo período pode levar o indivíduo a sérias patologias, como transtornos psíquicos e somáticos, chegando ao ponto de prejudicar toda a sua vida social. Desse modo a gravidade do fenômeno *mobbing* está justamente na frequência e na duração que o indivíduo é exposto às ocorrências depreciativas.

Alguns questionamentos interpõem-se na medida em que nos aprofundamos sobre a temática do assédio moral. Qual a intenção do assediador ao tomar como alvo de humilhação uma pessoa do seu ambiente de trabalho? Quais os critérios de escolha da vítima? E, por que as pessoas se submetem por um longo período às situações de humilhação?

Hirigoyen (2000) discute a personalidade do agressor e do agredido, denunciando o fenômeno assédio moral nas instituições – família, casamento e

ambientes corporativos. A psicanalista, especializada em vitimologia, contrapõe-se a algumas teorias que defendem que as vítimas de assédio moral são inconscientemente coniventes com a situação de assédio, por estabelecer com o agressor uma relação de masoquismo. Para a autora, no âmbito organizacional, os assediados são vítimas de gestores perversos narcísicos, que visam controlar e destruir a identidade de seus alvos.

Segundo Hirigoyen (2000), o perverso narcísico busca no outro a sua própria imagem. A vítima nunca será uma pessoa vulnerável, como muitos acreditam, mas o oposto, os alvos são pessoas que despertam sentimentos de inveja no agressor, por isso, geralmente, são pessoas com cargos também importantes, com qualidades que a enaltecem, como êxito, força, beleza, entre outras qualidades. Todavia, a autora ressalta que o agressor não visa ter essas qualidades do outro, mas, almeja, sobretudo, destruí-las, uma vez que não suporta ver no outro aquilo que ele não tem e, assim, projeta, nesse outro, todos os aspectos negativos de sua personalidade perversa.

Freitas (2001) ressalta que a ocorrência do fenômeno assédio moral se agrava na medida em que há complacência ou omissão do grupo de trabalho diante da desqualificação do agredido. “Em grande medida, nessas horas, os colegas que presenciam esse tipo de ocorrência tendem a virar o rosto, a não ver, seja por covardia, egoísmo ou medo” (Freitas, 2001, p.10-11). A pessoa que é vítima de assédio tende a assumir os rótulos que lhe são incutidos no ambiente de trabalho – incapaz, incompetente, burro, desequilibrado, louco, entre outros – e, conseqüentemente, ela não consegue mais realizar suas atividades com eficácia, pois está muito sensível às críticas, para atentar-se e responder à produção com qualidade.

O assédio moral inicia-se quase que imperceptível no espaço de trabalho - um abuso de poder qualquer, assinala a autora. Aos poucos, torna-se um ato perverso, cuja intencionalidade é destruir a identidade do outro. Por vezes, o assédio moral pode chegar ao abuso sexual, conforme já exposto acima. Freitas (2001) ressalta que, se recorrermos à história escravagista de nosso país, a relação entre a escrava e o senhor feudal caracterizava uma situação de assédio sexual. Considera, também que, culturalmente, nas gerações passadas, era comum o rapaz ter sua iniciação sexual com as domésticas ou em prostíbulos. O último caso é de prostituição, mas, o primeiro, é uma situação de assédio sexual.

O aspecto mais visível ou óbvio nas situações de assédio sexual é que, geralmente, não se trata de relações entre iguais, entre pares, nas quais a negativa pode ocorrer sem maiores conseqüências para quem está fazendo a

recusa. Verificamos, ainda, que o assédio sexual é entre desiguais, não pela questão de gênero masculino versus feminino, mas porque um dos elementos da relação dispõe de formas de penalizar o outro lado. (Freitas, 2001, p. 14).

Hirigoyen (2001) evidencia algumas características que ajudam a sociedade e órgãos competentes a reconhecerem quando, realmente, se trata de um caso de assédio moral. Sublinha, portanto, que a humilhação e a intencionalidade são elementos que determinam uma situação de assédio, tendo em vista que o agressor tem a intenção, consciente ou inconsciente, de humilhar, denegrir e prejudicar a integridade da sua vítima.

A autora afirma que na relação assediado e assediador prepondera uma assimetria em que há sempre um dominante e um dominado ao passo que o detentor de poder irá submeter o outro ao seu jogo de dominação, até que esse perca a sua identidade.

Mesmo quando o assédio ocorre entre colegas ou em nível ascendente, é sempre precedido da dominação psicológica do agressor e da submissão forçada da vítima. O outro é ridicularizado, *a priori*, por ser o que é, por gênero sexual, alguma deficiência ou por sua posição hierárquica. Em todos os casos não é considerada a presença de um interlocutor válido, o que permite que sua identidade seja mais facilmente destruída. (Hirigoyen, 2001, p. 28).

Outro elemento que caracteriza o assédio moral é a repetição. Para a autora, algumas palavras, gestos ou ofensas podem ou não prejudicar alguém, porém, se essas mesmas palavras, se os mesmos gestos, ou as mesmas ofensas acontecerem repetidamente e com significativa intensidade, podem ter consequências destrutivas sobre a saúde, identidade e sociabilidade do indivíduo. É a repetição e a intensidade das ofensas que diferencia o assédio de uma agressão pontual, por exemplo, já que a agressão pontual, sem que seja precedida de várias pequenas agressões, pode ser entendida como uma expressão de raiva ou impulsividade. Já o assédio moral é uma agressão contínua, cometida por um indivíduo perverso narcisista e, o que é pior, pensamos que isso seja feito gradativamente e em “doses homeopáticas”.

Ainda nos dizeres de Hirigoyen (2000), o agressor encontra algumas estratégias no ambiente de trabalho para capturar a sua vítima, que são: a sedução, o controle, desestabilização e submissão. Inicia-se pela sedução, mas gradativamente chega-se à

violência e, então, o assédio passa a ser reconhecido por todos os envolvidos no contexto de trabalho. A autora ressalta que o prazer do agressor está no ato de humilhar o outro, mas esse outro não é qualquer pessoa, é alguém forte o suficiente para aguentar por um longo período as humilhações e que não seja totalmente passiva a essas situações. É preciso que, pelo menos inicialmente, a vítima reaja, posicione-se, seja rebelde às provocações, pois assim todos os outros trabalhadores, na posição de espectadores, poderão presenciar o poder e a maldade do assediador.

Por essas afirmações, percebemos que há apenas semelhanças entre o assédio moral e a SAF, semelhança pela relação assimétrica, mas, que, diferentemente do *infans*, a vítima irá reagir – é isso que o assediador espera – pois a vítima, enquanto adulto, tem um inconsciente e defesas já consolidadas. Contudo, nos parece que a reação da vítima acontece dentro de determinados parâmetros, controlados pelo assediador. Assim, a vítima tenta traduzir; há, porém, uma tradução apenas parcial, pois parece que algo sempre falha, de tal forma que a vítima passa a adoecer. E, se a vítima resiste durante um bom tempo, deve ser pelo jogo do assédio, em que o agressor avança e retrocede, isto é, há momentos de tréguas que devem ser entendidos pela vítima como possibilidades de cessação do assédio, restando apenas esperar e resistir um pouco mais, na expectativa de que as degradações acabem.

Com o tempo, o agressor desestabiliza psicologicamente sua vítima, controlando sua identidade e impedindo-a de reagir frente às ocorrências de assédio. A autora assinala que a maneira mais eficaz de desestabilizar uma vítima é a recusa à comunicação – o silêncio e a estimulação de sentimentos de inutilidade – pois dessa forma deixará a vítima confusa perante a ambiguidade criada no ambiente de trabalho. A vítima passará a se questionar: “o que eu fiz?”, “será que é coisa da minha cabeça?”, “será que a culpa é minha?”. Após essa fase das dúvidas, o assediado passa efetivamente a se culpar e toma para si os rótulos que lhes são atribuídos no espaço de trabalho, o que implica diretamente o desempenho de suas atividades de trabalho, bem como sua saúde psíquica e física.

A partir dessas suas postulações, Hirigoyen (2001) assevera que o assédio moral é um processo perverso; portanto, discorda que a globalização e as reestruturações econômicas são as únicas responsáveis pelas ocorrências de tantas situações de assédio na atualidade. Entretanto, há espaços organizacionais que parecem incitar, ou mesmo dar passe livre aos gestores perversos para cometerem suas atrocidades contra o outro. A autora chama atenção para o fato de que, independente das modificações no contexto

econômico, sempre existirão indivíduos com ganância por poder, que se aproveitarão das reestruturações dentro da empresa, por exemplo, para mascarar suas ações perversas.

Posto isso, Hirigoyen (2001), afirma que, apesar do panorama econômico atual ter forte influência sobre as relações entre os pares, principalmente no ambiente de trabalho, por incitar o individualismo, as trapaças, a falta de solidariedade e estimular um ambiente de concorrência, alguns sentimentos, como a inveja, o ciúme e a rivalidade surgem inevitavelmente quando duas pessoas estão em posição de comparação ou de rivalidade. A inveja, por exemplo, se manifesta em pequenas coisas, como a cadeira mais bonita, a mesa melhor, ser o queridinho do chefe, entre outros casos. Contudo, esse sentimento pode se tornar tão intenso a ponto de destruir qualquer possibilidade de relação sadia no espaço da empresa, culminando em situações como o assédio moral.

Em relação ao sentimento de ciúmes, a autora alega ser algo natural entre os membros de vários escalões de uma empresa. O ciúme, muitas vezes, não leva os envolvidos no cotidiano de trabalho a cometerem atos perversos uns com os outros. Porém, há alguns casos - como um subordinado que se destaca mais que seu superior por ser mais comunicativo e admirado por outros funcionários, por exemplo -, em que o ciúme pode gerar problema. Nesse caso, o superior pode ser levado a cometer assédio tanto com o funcionário que se destaca, como com o restante dos funcionários que o admiram.

Já a rivalidade é uma artimanha que muitas organizações recorrem para que seus funcionários produzam e alcancem os lucros estimados pela empresa. Segundo a autora, a rivalidade se acirrou diante da falta de cooperação e coletividade no ambiente corporativo. Muitos gestores, frente às mudanças na economia contemporânea, acreditam que instigar um grupo contra o outro, ou pessoas contra outras, conseguirão obter mais produtividade e, conseqüentemente, alcançar mais lucros. A autora exemplifica que muitos gestores valorizam determinados grupos e menosprezam outros, ou instigam um grupo de jovens a se voltarem contra os mais velhos, afirmando a ideia de que esses já estão obsoletos, entre outras inúmeras competições estimuladas na própria empresa.

Assédio moral e a cultura

Encontramos, conforme avançamos em nossas leituras diante da proposta de pesquisar o assédio moral, além de pontos de vista diferentes sobre esse fenômeno, distintos termos que se equivalem, mas que são definidos de acordo com a cultura e a região do país.

Inicialmente, como vimos, Leymann (1996) propôs o termo *mobbing* nos anos 1980, na Suécia, que passou a ser discutido principalmente entre os países escandinavos e, posteriormente, nos países de língua alemã.

Vimos, também, o termo *bullying*, que se refere ao ato de tratar mal, degradar, ou quando uma pessoa mais forte ataca o mais fraco, sem que esse tenha a possibilidade ou capacidade de se defender. Tal termo é muito conhecido na Inglaterra e em países de língua inglesa. Em contrapartida, o *mobbing* é uma agressão mais sutil; o intuito é destruir o outro, mas, aos poucos e, geralmente, praticado por adultos, dentro de uma relação desigual de forças ou poder.

Leymann (1996) definiu também o termo *harassment*, que podemos traduzir por perseguição (o verbo *to harass* significa importunar), adotado nos Estados Unidos nos anos 1990. No entanto, Hirigoyen (2001), assinala que esse termo já havia sido introduzido pelo psiquiatra Carrol Brodsky, em 1976, quando defendia a ideia que *harassment* pode ser entendido como ataques contínuos a uma pessoa com a finalidade de atormentá-la e provocá-la.

Encontramos, ainda, o *ijime*, palavra em japonês que corresponde ao assédio moral. Esse termo, particularmente, despertou nosso interesse, já que o livro eleito como nosso objeto de pesquisa trata das vivências de uma trabalhadora – Amélie Nothomb (2001) – numa organização japonesa. Portanto, vamos abordar essa definição um pouco mais detalhadamente, sobretudo pelas peculiaridades da cultura asiática.

Ijime

O assédio moral, nos últimos anos, principalmente após as sistematizações de Hirigoyen (2000, 2001), passou a ser discutido em todos os países, inclusive no Japão. O termo em japonês, que para nós é equivalente ao assédio moral, é *ijime*, que segundo Hirigoyen (2001), é utilizado tanto para caracterizar as humilhações às crianças no espaço escolar, como as pressões, agressões e degradações psíquicas no âmbito organizacional. Todavia, o *ijime* faz parte da cultura nipônica, pois se trata de uma estratégia para garantir os valores da sociedade. Parece que, entre os japoneses, a prática

do *ijime* está institucionalizada, pois é comum e aceitável na sociedade que o mais velho maltrate o mais novo; ou a pessoa que tem mais poder humilhe quem está em desvantagem. Na educação escolar, por exemplo, durante muito tempo os professores acreditavam que o *ijime* era um processo importante para formar futuros profissionais, estimulando a rivalidade entre os estudantes.

A autora ressalta que, no ano de 1990, muitas crianças cometeram suicídio e outras se recusaram ir à escola. Em 1995, o Ministério da Educação revelou que 82 mil crianças abandonaram a escola, sendo que, muitas delas, por problemas de saúde. (Hirigoyen, 2001, p. 84).

Roberts (2014) observa que o primeiro psicólogo japonês a escrever sobre o *ijime* foi Okada Yasuko, em 2003. Yasuko (citado por Roberts, 2014)¹⁴ afirma que os trabalhadores das indústrias, dos hospitais, das escolas e do setor público são as principais vítimas do *ijime*. Afirma, também, que as pessoas que mais suportam o *ijime* são aquelas com responsabilidades financeiras, que têm filhos, que são casadas e com a idade de aproximadamente trinta anos. A população economicamente ativa do Japão está adoecendo ou morrendo por conta do *ijime*, afirma a autora, que, além de afetar a economia, produz certos fenômenos que têm impactado toda a população. Um desses fenômenos é o *Hikikomori*, pessoas com comportamento de extremo isolamento, em geral, do sexo masculino, com idade entre 15 e 39 anos, que relatam terem sido vítimas do *ijime*, tanto nas escolas, como nos espaços organizacionais. A autora pontua que, segundo o Ministério da Saúde, do Trabalho e do Bem-estar (Ministry of Health, Labor and Welfare - MHLW) do Japão, estima-se que aproximadamente 70 mil japoneses sofrem de *Hikikomori*, uma espécie de depressão severa. Essas pessoas não têm perspectiva de conseguirem um emprego e passam a maior parte do dia isoladas do mundo. Os dados mostram, ainda, que de 2002 a 2011 as consultas por problemas de saúde no trabalho duplicou, passando de 103.194 para 256.343 casos.

Roberts (2014), ao analisar em seu estudo dez entrevistas realizadas com trabalhadores de Tóquio, observa que o *ijime* destrói a saúde psíquica das vítimas, embora muitos gestores, influenciados pela cultura oriental, acreditem que essa prática pode disciplinar e moldar os subordinados, tornando-os mais produtivos e bem sucedidos. Entre os fatores culturais, a autora ressalta que o período de recessão dos anos de 1990 fez com que gestores, dispostos a reconquistar o crescimento econômico

¹⁴ Okada, Yasuko. 2003. *Yurusuna! Pawaa Harasumento: joushi no ijime, iyagarase* (Don't Allow it! Power Harrassment: Boss's bullying and harassing) Tokyo: Asuka Shinsha.

do Japão a todo custo, se tornassem indivíduos rígidos, capazes de colocarem sua própria vida em risco para serem profissionais de sucesso e ajudar o seu país. Esse é o fenômeno conhecido como *Karoshi*, continua a autora, isto é, pessoas que morrem por excesso de trabalho.

Dollard, Shimazu, Nordin, Brough e Tukey (2014), no estudo sobre as condições psicológicas de trabalhadores nos países asiáticos, assinalam que altos índices de suicídio e doenças laborais nesses países, sobretudo no Japão, estão relacionados com as longas jornadas de trabalho, com o *ijime* e com o *Karoshi*. Sobre esse último, continuam os autores, é frequente, nos países asiáticos, uma pessoa passar sua vida praticamente trabalhando e, em decorrência desse excesso, morrer por um ataque do coração ou por um Acidente Vascular Cerebral. Em 2005, 328 funcionários japoneses morreram por excesso de trabalho e, em 2007, dos 2.207 suicídios registrados no Japão, 672 estavam relacionados com o trabalho, segundo os dados do MHLW. Os familiares das vítimas alegam que os principais sentimentos que acometiam essas pessoas eram a sensação de desprezo, fracasso, honra ferida e vergonha.

Um dado importante que Dollard (et. al, 2014) pontuam é sobre o alto índice de suicídio entre as mulheres nos países asiáticos. As mortes das mulheres também estão relacionadas com a condição desumana de trabalho de certas regiões, principalmente na Coreia, onde mulheres são submetidas à pressão de trabalho, longas jornadas e são as principais vítimas de assédio moral e sexual. O Japão é o quinto país, entre os países asiáticos, a registrar altos índices de suicídio entre as mulheres, mortes correlacionadas com o mundo do trabalho e com o fracasso pessoal.

Nothomb (2001) se refere precisamente ao fato de que as mulheres japonesas merecem admiração justamente por elas não terem se suicidado. Isso porque as japonesas sofreram e sofrem restrições físicas e mentais - proibições absurdas, assinala a autora. A cultura impõe ao cérebro feminino alguns dogmas que são aceitos como verdades absolutas. A autora cita alguns deles:

“Se não estiveres casada aos vinte e cinco anos, terás mesmo bons motivos para te envergonhares”, “se rires não terás classe”, “se teu rosto exprime um sentimento, és vulgar”, “se mencionares a existência de um pelo em teu corpo, és imunda”, “se um rapaz te beijar em público, és uma puta”, “se comeres com prazer, és uma porca”, “se sentires prazer em dormir, és uma vaca.” (Nothomb, 2001, p.70).

Sobre a carreira profissional, a mulher nipônica não pode esperar muito, observa a autora. As mulheres que trabalham, em geral, são para servir à empresa, poucas conseguem uma carreira bem sucedida. Nothomb (2001) afirma que a mulher não tem o direito de ter prazer ou ser feliz em qualquer âmbito – familiar, profissional, ou em seus relacionamentos amorosos. É devido a essas peculiaridades da cultura que a autora afirma que muitas mulheres acabam se suicidando. As que não se matam, em algum momento, não irão mais aguentar tanta pressão e irão se entregar a alguma desonra, “arranjarás um amante, ou te entregarás à glutoneria, ou te tornarás preguiçosa – sabes lá o quê.” (p.76).

Para Koga e Amaral (2007), a cultura japonesa considera que a pressão psicológica, através do *ijime*, faz com que o indivíduo seja mais resistente e menos propício a cair no fracasso. Essa prática se inicia na própria família e depois nas escolas. Isso porque a imagem, as aparências e o julgamento do outro são princípios muito valorizados pelos japoneses. Nos espaços organizacionais, continuam os autores, a hierarquia e a subordinação são marcantes – o *koohai* (subordinado) deve respeito e reverência ao *sempai* (figura de poder), independente de qualquer situação.

No ambiente de trabalho, esta relação chega aos extremos. O “*sempai*” torna-se senhor absoluto enquanto o “*koohai*” se comporta como se fosse um escravo daquele. O pior de tudo é que esta situação é observada com naturalidade por todas as pessoas da empresa, inclusive pelos próprios envolvidos na situação. É um regime militar! (Koga e Amaral, 2007, p.09).

Segundo os autores, essa relação entre *sempai* e *koohai* é facilmente observada com os estrangeiros que trabalham no Japão – os *dekassegui* –, que devem respeitar, acima de tudo, seu gestor. Os estrangeiros se submetem a longas jornadas de trabalho, sofrem humilhações e degradações, além de serem privados de participar de reuniões da empresa e tratados como imbecis, sublinham os autores.

Ações que são muito comuns e que atingem os *dekasseguis* verificam-se na obrigatoriedade de cumprir cota de produção sob a ameaça de demissão, com pressão constante, durante todo o dia, chegando a ponto de alguns funcionários deixarem de descansar e continuarem a trabalhar, mesmo durante o período de intervalo de descanso intrajornada. Também é comum ocorrer agressões verbais, obrigatoriedade em cumprir número excessivo de horas-extras, o impedimento

ao empregado de utilizar os sanitários durante o período de trabalho, entre outros. (Koga e Amaral, 2007, p.09).

Contudo, Koga e Amaral (2007) ressaltam que, de maneira geral, os trabalhadores no Japão sofrem muita pressão em seus trabalhos, pois é dever do japonês realizar suas atividades com perfeição. E, caso não atinja o ideal estabelecido culturalmente, não será digno de honra e terá que levar consigo a humilhação do fracasso.

Suzuki (2013), no seu estudo sobre os imigrantes japoneses no Brasil, cita o trabalho de Benedict (1946) para se referir a todo um sistema de deveres e dívidas que vinculam o japonês à figura do Imperador, inicialmente representado por Meiji e, logo, por seus sucessores. Mesmo perdendo o poder, a figura do Imperador é incorporada como uma imagem divina, paternal e de proteção, portanto, inviolável e idealizada pela nação nipônica. De tal maneira, continua Suzuki (2013), que a cultura japonesa é marcada precisamente pela obrigatoriedade de cumprir seus deveres para com o Imperador. Um dever, que na língua oriental corresponde a *giri*, é, segundo Benedict (1946, citado por Suzuki, 2013) uma eterna e impagável dívida (*gimu*), com a pátria oriental, com os ancestrais, com o trabalho e mesmo com o imperador. Isto se deve, sobretudo, pelo fato de se nascer em solo japonês. Existe também, assinala Suzuki (2013), a dívida (*on*) que se contrai com os colegas, com um chefe, com alguém da família, por exemplo. Essa dívida difere da dívida com a nação japonesa, pelo fato dela ser passível de ser “quitada”. Contudo, o pagamento dela é questão de honra para o japonês.

Para entender melhor o conceito de dívida (*on* ou *gimu*) e sobre o dever que o japonês tem de honrar com ela, Suzuki (2013) menciona dois significados de *giri* (dever) propostas por Benedict (1946, citado por Suzuki, 2013)¹⁵: um, que corresponde ao *giri* para com o mundo e o outro, o *giri* para com o nome. Essa diferenciação é apenas didática para que se possa perceber o significado do *giri* para um japonês. *Giri* para com o mundo é honrar um favor prestado, como por exemplo, um bom patrão que emprestou uma quantia em dinheiro, quando o funcionário estava passando por uma dificuldade financeira. Esse funcionário tem uma dívida (*on*) para com seu patrão, o que

¹⁵ Benedict, R. (2002). *O crisântemo e a espada* (3a ed.). (Coleção Debates). São Paulo: Perspectiva. Original publicado em 1946.

não significa devolver apenas a quantia em dinheiro, mas uma espécie de dívida simbólica, como por exemplo, sendo fiel a esse padrão.

Já o *giri* para com o nome, nota Benedict (1946, citado por Suzuki, 2013), está implicado com o dever de honrar o próprio nome e a reputação. Esse dever é algo muito marcante na cultura japonesa, uma vez que o sentimento de honra permeia as relações entre os japoneses, principalmente na área profissional, pois o sucesso profissional é um dever para o japonês. Essa é uma dívida que o indivíduo tem para consigo mesmo e para com seus ancestrais, principalmente para manter a honra do nome da família. Segundo Benedict (1946, citado por Suzuki, 2013), diversos profissionais do pós-Meiji, por não conseguirem obter sucesso profissional, acabaram abandonando sua profissão, ou cometendo suicídio, pois não suportaram o fracasso, justamente pelo fato de ser algo muito humilhante para um japonês.

Trabalho, corpo e sexualidade

Dejours (1993/2011), com o avanço de suas pesquisas, pôde reconhecer que entre o trabalho prescrito e o trabalho real existe um distanciamento, uma lacuna que o trabalhador precisa preencher. Entende-se por trabalho prescrito, as regras, as normas dadas pela organização previamente, enquanto o trabalho real é o resultado da mobilização do corpo, da inteligência, da subjetividade do indivíduo para alcançar o sucesso de uma atividade. Essa descoberta foi o marco, podemos dizer, do avanço da Psicopatologia do Trabalho para a Psicodinâmica do Trabalho.

O investimento libidinal é necessário precisamente para fazer frente a essa lacuna entre o prescrito e o real, uma vez que trabalhar é investir libido em prol da atividade e da criatividade. Trabalhar, para Dejours (2008/2011), é fazer a experiência do real, isso implica a mobilização da subjetividade, no sentido de mobilizar a inteligência, o corpo e as defesas. Para enfrentar o real, o indivíduo convoca o corpo, pois esse real é sempre um processo de investigação e de descoberta através da experiência vivida no seu espaço coletivo de trabalho, do saber fazer – trabalho vivo – afirma o autor.

Dejours (2004), no texto *Subjetividade, trabalho e ação*, sublinha que trabalhar não corresponde apenas às experiências cotidianas (práticas), mas, também, às experiências do encontro entre o sofrimento e o real, onde há, necessariamente, a mobilização da subjetividade.

Trabalhar é preencher a lacuna entre o prescrito e o real. Ora, o que é preciso fazer para preencher esta lacuna não tem como ser previsto antecipadamente. O caminho a ser percorrido entre o prescrito e o real deve ser, a cada momento, inventado ou descoberto pelo sujeito que trabalha. Assim, para o clínico, o trabalho se define como sendo aquilo que o sujeito deve acrescentar às prescrições para poder atingir os objetivos que lhe são designados; ou ainda aquilo que ele deve acrescentar de si mesmo para enfrentar o que não funciona quando ele se atém escrupulosamente à execução das prescrições. (Dejours, 2004, p. 28).

Para o autor, o sofrimento é o ponto de origem na relação indivíduo-trabalho. Ademais, é o sofrimento como afetividade que está na origem da inteligência, definida pelo autor como inteligência do corpo ou inteligência astuciosa, tendo em vista que é o corpo o envolvido no processo que permite chegar às soluções do trabalho prático-técnico. É do corpo erógeno que o autor se refere, o corpo que se experimenta afetivamente e que está implicado na relação com o outro, com a cultura e com a história.

Para Dejours (2012a), o corpo erógeno se forma pelo corpo biológico, num processo que nomeia de subversão libidinal, resultante das experiências mais singulares dos indivíduos consigo e com o outro. Esse movimento de subversão libidinal dar-se-á na relação criança e adulto, vivenciada ainda na primeira infância, quando os pais oferecem cuidados ao filho para atender as necessidades primárias deste. São os pais, continua o autor, os responsáveis por garantir o investimento libidinal à criança, para que haja a formação de um corpo erógeno a partir das alterações no corpo biológico.

Dejours (1991) afirma que os pais investem suas libidos no corpo da criança, objeto de satisfação narcísico dos pais. O autor, buscando apoio em Freud (1914, citado por Dejours, 1991), ressalta que o investimento narcísico dos pais no corpo da criança é fundamental para que esta possa, num segundo momento, investir libido em si mesma. Assim, diante desse movimento de investimento narcísico, há a reatualização do processo de subversão libidinal na reconstituição do corpo erótico, tendo em vista que é um processo sempre inacabado e indispensável no processo da constituição subjetiva.

Caso o corpo erógeno não seja ativado, isto é, haja falhas no processo de subversão, partes das zonas corporais são excluídas do investimento libidinal, permanecendo ligadas apenas ao corpo biológico. “Ali onde o corpo erótico não pode

ser constituído, resta um corpo animal colocado sob a primazia do fisiológico.” (Dejours, 1991, p.77). É justamente nessas zonas, chamada pelo autor de zona de fragilidade do corpo, que a somatização, por exemplo, se manifesta. Nas manifestações somáticas, a escolha do órgão, ou da função desse, está implicada com as zonas que tiveram a função erógena excluída do processo de subversão libidinal do corpo biológico, vulneráveis, então, ao sintoma somático.

Portanto, o corpo erógeno é de suma importância na formação psíquica do indivíduo, como lugar de expressão do desejo e do prazer, expressões indissociáveis para a interação do indivíduo com o mundo externo. É esse o corpo convocado no trabalho, afirma Dejours (2012b) em *Trabalho e Emancipação*. O primado do corpo erógeno leva o autor a colocar a sexualidade como operador de todas as produções humanas, da cultura, da sociedade e das instituições.

Pensamos, então, que a manifestação somática de uma vítima de assédio moral não esteja simplesmente relacionada com a agressão sofrida pelo assédio. O destino dado à mensagem do agressor depende, também, da constituição subjetiva da vítima, pois a história singular de cada indivíduo não é deixada de lado quando esse se encontra em seu ambiente de trabalho. Talvez, o sexual veiculado nas mensagens de assédio reative o processo de subversão libidinal no *après-coup* e os sintomas somáticos se manifestam nas zonas de fragilidade do corpo como uma resposta à alteridade, presente na situação de assédio.

Dejours (2012a) assinala que é o corpo que recebe a mensagem através da implantação, é o corpo que experimenta a excitação sensual e o corpo que detém o poder da tradução – uma espécie de eu corporal apenas mencionado por Freud (1923, citado por Dejours, 2012a)¹⁶ ao falar que o eu inicialmente é um ser de superfície – “O eu é, antes de tudo, um eu corporal, ele não é somente um ser de superfície, mas é, ele mesmo, a projeção de uma superfície” (Freud, 1923 citado por Dejours, 2012a).

Na SAF, a criança vivencia a intromissão da mensagem sexual como um transbordamento de excitação no corpo, que leva à desestabilização ou ruptura do eu, conforme assinala o autor. Aqui, como Laplanche (1992) nota, o processo tradutivo não já não é possível, as mensagens ficam aquém do recalçamento e elas, de maneira bruta, passam a habitar o inconsciente encravado, à espera, quem sabe, de uma possibilidade

¹⁶ Freud, S. (1996). O Ego e o ID. (J. Salomão. Trad.) In: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud (Vol. XIX)*. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1923).

de metabolização. O adulto, numa situação de assédio, por exemplo, embora com seu eu já constituído, também recebe a mensagem sexual do agressor como um excesso, uma excitação tão intensa que transborda em seu corpo. Mas, diferente da criança, a resposta dada pelo adulto a esse excesso pode vir a ser, por exemplo, uma somatização, que retoma as mensagens do inconsciente encravado, que segundo Dejours (2012a) “é o depósito (*gisement*) das reações somáticas e psicóticas.” (p. 399).

O agressor, por sua vez, tomado pelo apelo da vítima, que na sua situação de passividade pode ser comparado à criança da SAF como apontamos acima, é inundado pelo seu sexual; não consegue contê-lo e acaba deflagrando-o em ataques humilhantes de assédio a sua vítima.

De acordo com Dejours (2004), tudo se passa pelo corpo e se forma a partir do corpo, ou ainda, “é no próprio corpo que reside a inteligência do mundo e que é, antes de tudo, pelo seu corpo que o sujeito investe no mundo para fazê-lo seu, para habitá-lo.” (p.29). É necessária uma longa relação do corpo com a tarefa, uma familiarização com a parte técnica do trabalho, resultando no processo de subjetivação da matéria e dos objetos, uma espécie de corpopropriação do mundo, conceito que Dejours (2004) busca nas teorizações do filósofo Michel Henry (1987).

Dejours (2012c), em *Psicodinâmica do Trabalho e Teoria da Sedução*, compreende que o trabalho de produção – *poiesis* – para ser realizado com qualidade, precisa convocar a subjetividade na sua face mais íntima, o corpo, lugar de máxima experiência subjetiva, sublinha o autor. É através do corpo que o *plus* da criatividade é conferido à inteligência. Desse modo, o trabalho de produção passa a ser exigência de trabalho imposta ao psiquismo e ao corpo – *Arbeitsanforderung* – sendo o corpo, lugar de experiência com o real.

É nesse sentido que Dejours (2012c) nota o ponto nodal entre a Psicodinâmica do Trabalho e a TSG, a relação entre o sexual e Eros. O autor sustenta que “Eros, aí, é tomado como movimento econômico oposto ao do Sexual, no interior da sexualidade humana” (p.366), tem a função de ligação-sublimação da excitação sexual gerada pela mensagem enigmática. A sublimação, assinala Dejours (2012c), dentro da perspectiva laplancheana, é entendida como ligação-tradução a serviço de Eros. Dejours (2012c) nos fala que:

Laplanche, como Freud, não está interessado no trabalho “stricto sensu”, mas, o que acabo de dizer sobre o trabalho de produção – *poiesis*, que deixa como marca de sua passagem, a necessidade de outro trabalho, de si sobre si, *Arbeit*,

para tornar-se hábil, sugere que o trabalho comum funciona como mensagem a ser traduzida. A “exigência de trabalho imposta ao psiquismo” (Freud, 1915/2010, p.169), por sua vez, não é senão uma exigência de tradução que contribui para fazer expandir o eu, para aumentar o eu e a ligação no pré-consciente. (p.366).

Para Dejours (2012c), o prazer oriundo do trabalho no sentido *Arbeit*, possibilitado pelo *poiesis*, está relacionado com o crescimento da subjetividade, já que trabalhar não é apenas o produzir, mas é a transformação de si mesmo. É por esse viés que encontramos a primeira dimensão da sublimação de que nos fala o autor – o trabalho comum que convoca a subjetividade do trabalhador. Por sua vez, essa mobilização da subjetividade pode representar um risco para a economia psíquica, pois ao lidar com o real do trabalho, o indivíduo enfrenta constantemente o medo do fracasso. “O processo aqui evocado ocorre então em uma relação de si para si. Ele compromete o amor por si próprio e por seu corpo e se desdobra fundamentalmente no não visível, como tudo que se refere à subjetividade.” (Dejours, 2012c, p.366).

As pessoas engajadas com seus trabalhos são mais vulneráveis às crises de identidade, por exemplo, comparadas àquelas que não se envolvem realmente com suas atividades. Os trabalhadores que desprendem energia para dar conta da distância entre a prescrição e o real, jamais são indiferentes em relação aos seus trabalhos, e, assim, caso recebam um julgamento que invalide todo seu esforço, ou quando esse julgamento for proferido de maneira intencionalmente injusta, como nos casos de assédio moral, a pessoa pode adoecer.

O inconsciente também pode se apresentar ao eu como uma não realização, haja vista precisar se abdicar de satisfações sexuais para se proteger e, nesse caso, o eu é induzido a se impor frustrações, recusas e mesmo renúncias. Essa defesa é, de modo geral, o caminho para a economia das pulsões. Dejours (2012c) retoma as assertivas de Laplanche (1992) quando afirma que, mesmo o inconsciente tendo se constituído através de elementos sexuais do outro/adulto, esses elementos se tornam, rapidamente, da criança/receptor, pois na medida em que o receptor os recebe, principalmente através do corpo, eles se tornam seu, e ele que terá que dar conta dos mesmos. “O ‘*Sexual*’ se encarna.” (Dejours, 2008/2011, p. 415). Esse *Sexual* se torna as pulsões (pulsões parciais), vinculadas ao acionamento das zonas erógenas do corpo.

É a pulsão a responsável pelo trabalho, ou melhor, pela exigência de trabalho, que tem por finalidade o desenvolvimento do aparelho psíquico. “Assim, um sujeito é compelido a realizar um trabalho sobre si próprio sempre orientado rumo ao desenvolvimento, o qual conota imediatamente a dimensão da saúde: desenvolver-se ou adoecer.” (Dejours, 2008/2011, p. 416).

Os destinos da pulsão apresentados por Freud (1915, citado por Dejours, 2008/2011, p. 419) são: “a reversão a seu oposto; o voltar-se contra si mesmo; repressão; e sublimação”. Dejours (2008/2011) ressalta que os três primeiros destinos são da ordem sexual, enquanto apenas a sublimação concede à pulsão vias que não seguem o eixo erótico, ou seja, é a pulsão no seu caráter dessexualizado, que implica a renúncia da satisfação sexual.

Dejours (2008/2011) sustenta que a sublimação proposta por Freud está próxima ao processo de emancipação, enquanto para Laplanche (1999c), conforme dissemos, está para a ligação-tradução. Porém, como Freud não se interessou muito em discutir a relação sublimação e trabalho, Dejours (2008/2011) sugere pensarmos nessa relação a partir do trabalho ordinário, ou seja, da atividade, do trabalhar no sentido *stricto sensu*. Diferencia, então, a sublimação ordinária, que encontramos nos trabalhos de forma geral (operacionais e intelectuais), da sublimação extraordinária, àquela proposta por Freud, como uma sublimação mais rara, encontrada apenas entre os artistas¹⁷ ou pesquisadores.

Segundo Dejours (2008/2011), o processo da sublimação, seja a ordinária ou extraordinária, permeará o trabalho vivo. A inteligência utilizada pelo trabalhador para realizar seu trabalho efetivamente, a engenhosidade conforme vimos, exigirá um trabalho da pulsão.

A mobilização desta inteligência no trabalho diz mesmo respeito à natureza própria da sublimação enquanto esta operar um duplo deslocamento em relação ao objeto e em relação ao objetivo da pulsão. Ora, esta sublimação, que tem encontro marcado com a qualidade da produção, é uma potencialidade bastante disseminada, mesmo se é uma especificidade dos seres humanos que se mostra com a frequência ditada pela exigência de qualidade tanto no trabalho agrícola como no industrial, no trabalho do setor serviços como no trabalho doméstico... Admitamos, ou reconheçamos aqui a possibilidade de uma sublimação

¹⁷ Leonardo da Vinci é um belo exemplo (Freud, 1909 [1910]).

frequente e reservamos para ela o nome de “sublimação ordinária”, é o mínimo que ela merece. (Dejours, 2008/2011, p. 422).

A respeito da sublimação enquanto renúncia ao sexual, o autor apoia-se em Freud (1930, citado por Dejours, 2008/2011) para afirmar que esse desvio da meta sexual é dirigido às atividades socialmente valorizadas. É a respeito dessa valorização que Dejours (2008/2011) acredita que a recompensa pela renúncia sexual vem por meio da dinâmica da contribuição e retribuição, principalmente pelos julgamentos da estética (julgamento proferidos pelos pares) e da utilidade (julgamento que vem principalmente dos superiores), conferido aos trabalhadores nos ambientes de trabalho e pela sociedade de forma geral.

De acordo com o autor, essa recompensa pela renúncia sexual, marca a consolidação da identidade e da subjetividade do indivíduo. Por isso, a sublimação tem papel importante na manutenção da saúde psíquica e é um elemento fundamental na luta contra a alienação no trabalho. Assim, o indivíduo pode se realizar (realização de si mesmo, nos dizeres do autor) de duas formas: pela via do erótico e sexual, que passa pelo amor; e pelo campo social, que passa pelo trabalho e pelo reconhecimento.

Assédio moral e a Psicodinâmica do Trabalho

As pesquisas de Dejours surgiram a partir da década de 1970, com a psicopatologia do trabalho, cujo intuito era investigar o conflito entre a organização do trabalho e o funcionamento psíquico. Sua obra *A loucura do trabalho: estudos de psicopatologia do trabalho* (1987) foi de suma importância para difundir uma disciplina que até então era desconhecida. O autor busca, através de certas manifestações de sofrimento, compreender a relação entre o homem e sua tarefa e o que esse encontro pode implicar para a vida psíquica do trabalhador.

O trabalho é um gerador de saúde ou, ao contrário, um constrangimento patogênico. O trabalho jamais é neutro, considerado deste ponto de vista. Ou joga a favor da saúde ou, pelo contrário, contribui para a sua desestabilização e empurra o sujeito para a descompensação. (Dejours, 1994/2011, p. 164).

Segundo Dejours (1987/1992), é a forma como a organização do trabalho é posta ao trabalhador que o trabalho pode gerar, por um lado, o que o autor nomeia de

sofrimento criativo, isto é, o ambiente organizacional como espaço de construção de saúde, onde o indivíduo pode obter satisfação e prazer ao realizar suas tarefas. Por outro lado, o trabalho pode ser fonte de sofrimento patogênico quando, por a organização ser muito rígida, o indivíduo não encontra espaço para realizar o seu saber fazer, sua criatividade, tampouco espaço para seus desejos. Tendo em vista que não encontra nenhum sentido ao realizar suas tarefas, a satisfação e o prazer são praticamente inalcançáveis.

Para Dejours (1987/1992), os trabalhadores precisaram criar estratégias para lidar com as imposições de certas organizações do trabalho, sobretudo, as organizações que tinham como forma de gestão o sistema taylorista, com lema fundamental da disciplina do corpo, otimizando tempo e ritmos de trabalho. Foram as estratégias coletivas de defesa, concebidas nos espaços organizacionais, que possibilitaram aos trabalhadores meios de lutarem contra o sofrimento e manterem, até certo ponto, sua saúde mental e física, ao driblar os medos e as angústias.

O autor sublinha que os sistemas defensivos têm como característica a coletividade, uma vez que, para que haja a eficácia simbólica das defesas, todos os trabalhadores envolvidos precisam participar. Foi a partir dessas suas postulações que Dejours (1987/1992) reconheceu a importância que os pares têm no ambiente de trabalho. Seja para consolidar as estratégias defensivas, lidando com o medo e a angústia frente aos perigos da tarefa, como no caso dos trabalhadores da construção civil, seja para ajudar um colega de trabalho a sabotar uma esteira de produção para escapar da pressão de trabalho, ou, ainda, nos movimentos sindicais, onde os pares assumem papéis importantes nos espaços organizacionais. Em todas essas situações, a coletividade corrobora para a manutenção da saúde psíquica e física dos trabalhadores. Esse dado é relevante para analisar as consequências do assédio moral numa vítima, quando os pares legitimaram as humilhações do agressor.

Dejours e Bègue (2010), no livro *Suicídio e Trabalho: o que fazer?* afirmam que, atualmente, a organização do trabalho passa por intensas modificações, principalmente no que tange à forma com que as pessoas se relacionam diante de um panorama de desemprego, terceirização e emprego informal, resultados das reengenharias que visam acima de tudo, redução de custo sem reduzir a produção. As relações são efêmeras entre os trabalhadores, estimula-se a competição, dando espaço para a deslealdade e a falta de solidariedade no ambiente de trabalho. As condutas de solidariedade, que antes podiam contribuir com a prevenção das descompensações,

foram substituídas pela fórmula do cada-um-por-si, e a solidão assentou-se nas organizações.

Os autores pontuam que as doenças mentais no contexto organizacional se agravaram atualmente, ao ponto de muitos trabalhadores cometerem suicídio. Os suicídios nos locais de trabalho atingem índices que assustam a sociedade, mesmo ainda, muitas dessas mortes, serem mascaradas pelas organizações onde elas acontecem. A organização do trabalho transformou-se substancialmente, principalmente após os anos 1990, com a inserção da gestão de qualidade (controle de qualidade e qualidade total).¹⁸ Essa forma de gestão visa minimizar os valores atribuídos ao trabalho, segundo a fala dos autores.

A flexibilidade (o recurso às subcontratações, o trabalho temporário e os contratos de prazo determinado) permitiu, de fato, a elevação das margens de lucro, o enfraquecimento do poder de resistência dos assalariados e dos profissionais, a introdução da precarização generalizada e das demissões (eliminação de eventuais “gorduras” da folha de pagamento). Ao final, não apenas os valores associados ao trabalho foram rechaçados, como ainda os gestores conseguiram impor o *slogan* do “fim do trabalho” como última trincheira do triunfo da gestão. A desqualificação do trabalho de excelência é disseminada, durante esse embate, o conjunto dos valores da profissão é destruído. (Dejours e Bègue, 2010, p. 36-37).

Outro ponto evidenciado pelos autores como causa de sofrimento psíquico no trabalho é o método de avaliação individual do desempenho, adotado pela nova gestão de qualidade, que provoca efeitos deletérios na saúde do trabalhador. Esse método tem como objetivo avaliar, de maneira objetiva e quantitativa, o trabalho de cada um, mensurando e comparando seu desempenho com o desempenho de outros trabalhadores. Essa avaliação é considerada pelos autores como inválida, uma vez que é impossível mensurar o trabalho propriamente dito.

Não se sabe hoje mensurar o tempo psíquico e intelectual que um trabalhador consagra a seu trabalho para a aquisição das habilidades e competências

¹⁸ De acordo com Dejours e Bègue (2010), a qualidade total e o controle de qualidade, nada mais é que um *slogan*, um dispositivo utilizado pela empresa para envolver seus funcionários num rigoroso processo de qualidade (os diversos ISO), portanto, precisam ser gabaritados e desempenhar suas atividades com extrema dedicação, para estarem à altura de representar uma empresa ou uma marca conceituada no mercado de trabalho.

necessárias à realização dos objetivos e à melhora do desempenho. Ainda mais com o importante desenvolvimento das atividades de serviço, assentadas essencialmente em competências relacionadas – o que dificulta a objetivação, tornando praticamente impossível a medida dos recursos psicológicos engajados no trabalho efetivo. (Dejours e Bègue, 2010, p. 44-45).

O ponto mais agravante desse método, ressaltam os autores, é o efeito destrutivo que ele tem sobre o trabalho coletivo, sobre o viver junto. Essa avaliação estimula a competição e a concorrência que geram condutas de deslealdades e boicotes. A confiança é rapidamente substituída pela desconfiança, e os pares passam a ser vistos como adversários e as relações, aos poucos, vão se deteriorando.

De acordo com Dejours e Bègue (2010), é nesse sentido que as pessoas adoecem ao sofrerem assédio moral, por estarem na solidão. O assédio em si sempre existiu, mas as ocorrências de assédio moral se intensificaram em virtude das mudanças contemporâneas na organização do trabalho. Hoje as pessoas sofrem por não poderem mais contar com o olhar ou com o apoio de seus colegas. Os autores assinalam que é diferente enfrentar os impasses oriundos das situações de trabalho (fracassos, dificuldades, injustiças) com o apoio dos colegas, que fazem parte da sua vida, a ter que enfrentar todas essas situações, isolado e desamparado.

O sofrimento decorrente do assédio moral, além das humilhações e degradações que infligem à personalidade, está relacionado com o silêncio e o abandono do outro, com a recusa de testemunhar e com a covardia do colega, que fomentou a situação de assédio para garantir seu emprego, ou alcançar uma posição melhor na empresa. São esses sentimentos, continuam os autores, que desencadeiam uma crise de identidade, uma patologia psicossomática, ou mesmo, o suicídio. “A injustiça e o assédio que outrora teriam sido considerados experiências árduas ou dolorosas, podem, no atual contexto, degenerar brutalmente em crise de identidade.” (Dejours e Bègue, 2010, p. 47).

Segundo os autores, uma vítima de assédio resiste bem mais psiquicamente se tiver o apoio de seus colegas de trabalho, comparadas àquelas que vivenciam essa experiência isolada. Reiteramos, ainda, que os sinais de compreensão expressados pelos colegas de trabalho propiciam à vítima amparo e possibilidades de interpretação das mensagens excessivas e ambíguas de seu agressor.

Vimos também, com Hirigoyen (2001), que o assédio moral é uma agressão sutil, que visa destruir o outro aos poucos. Assim, a primeira sensação que a vítima tem é de estranheza ou confusão. As desqualificações geram esse sentimento de ambiguidade e de incertezas na vítima, pois, a princípio, se questiona se está realmente cometendo as falhas evidenciadas pelo agressor - “será que é coisa da minha cabeça, ou meu gestor está me perseguindo?”; “será que eu realmente estou cometendo erros, ou as ofensas são injustas?”.

Para dar conta dessa ambiguidade, continuam Dejours e Bègue (2010), o próprio espaço de trabalho fornece significantes para que o trabalhador, envolvido na dimensão coletiva, consiga dar conta desses questionamentos. Trata-se da dinâmica do reconhecimento, sugerida por Dejours (1994/2011), que consiste num processo de contribuição e retribuição, isto é, o indivíduo fornece suas contribuições à organização, de maneira espontânea, mas espera uma resposta, uma retribuição simbólica, seja pelos ajustes feitos para dar conta das suas tarefas, ou pelos esforços da sua subjetividade, que contribuiu para que o trabalho fosse realizado de forma eficaz.

O reconhecimento do trabalho está intimamente ligado à cooperação e a possibilidade de se consolidar o espaço de discussão dentro das organizações. A retribuição que o indivíduo espera de seu trabalho vai além da retribuição material (salário), mas como já dito, é uma retribuição simbólica por ter investido sua libido em prol da empresa.

Esse reconhecimento, segundo Dejours (1995/2005), vem através de dois julgamentos, o julgamento da estética ou da beleza, que geralmente é proferido pelos pares, já que esse julgamento está relacionado com a conformidade do trabalho de modo geral. Esse julgamento, dado de forma qualitativa, permite que o trabalhador seja inscrito na coletividade ou na comunidade, conferindo-lhe o sentimento de pertença, pois é expresso pelos pares que conhecem bem as artes do ofício. Já o outro julgamento, o julgamento da utilidade, proferido pelos superiores, por um cliente, ou por aquele que usufrui da atividade do trabalhador, visa à importância técnica, social ou econômica dessa atividade. Contudo, continua o autor, o julgamento da estética é mais significativo e diz muito ao trabalhador, pois o distingue dos demais trabalhadores, dando-lhe um estilo singular de desenvolver seu trabalho.

Assim, se a dinâmica do reconhecimento estiver consolidada no espaço de trabalho, os pares, através de seus julgamentos, fornecerão códigos, que poderão ser um simples gesto, olhar, ou pela linguagem verbal, que as críticas e acusações do

gestor/agressor, na situação de assédio moral, são apenas injúrias. Então, as mensagens do agressor são assumidas coletivamente como desqualificadas, como injustas, portanto, como um assédio. A vítima, provavelmente, sofrerá e poderá até abdicar de seu trabalho, mas, a partir desses códigos, consegue fortalecer seu eu e encontrará soluções mais saudáveis que as doenças psicossomáticas, por exemplo, ou chegar ao ponto de cometer suicídio.

Por outro lado, nos parece que numa situação de assédio essa dinâmica do reconhecimento fica comprometida, pois o sexual rompe com o contrato simbólico de contenção do sexual/pulsional e, assim, as relações são mais agressivas, os pares são tomados como adversários num espaço de plena rivalidade. A vítima de assédio, frente a esse sexual desmedido, encontra-se na solidão e na medida em que seu agressor a humilha, a isola¹⁹, ela não conta com os códigos fornecidos pelo coletivo; a ambiguidade será intensa e seus questionamentos permanecerão apenas como dúvidas.

Ainda Dejours e Bègue (2010) ressaltam que a vítima isolada, não consegue discernir se os julgamentos negativos e os ataques agressivos do gestor são reais (atos de covardia ou traição), ou se são fantasias (deve ser coisa da minha cabeça). A vítima aos poucos se apropria dos julgamentos negativos e, conseqüentemente, surge a sensação de culpa, o sentimento de dúvida sobre suas capacidades e qualidades. A pessoa adocece, continua os autores, não encontra mais forças para retomar suas atividades, tampouco o respeito de seus colegas. O agredido vai se degradando, adoecendo, e pode até tirar a própria vida.

Tomado pela dúvida sobre suas próprias qualidades, ele multiplica os esforços na vã esperança de poder, com isso, reconquistar a estima e a confiança da chefia. E ele acaba esgotado, é tomado pela insônia... até o cometimento dos erros que agravarão o assédio e deixarão claro que ele é culpado, que merece a desgraça. Aí, se instala a espiral da depressão. Os sentimentos de impostura, de erro, de decadência etc. podem se amparar do assalariado com tal violência que ele chega a cometer o gesto suicidário. (Dejours e Bègue, 2010, p. 47 - 48).

Nas ações de assédio, as mensagens dirigidas à vítima são parasitadas pelo sexual, pois, juntamente com as desqualificações, o polimórfico também circula entre a

¹⁹ É a famosa expressão colocar na geladeira, que, segundo os autores, é impossibilitar que o trabalhador desenvolva suas atividades, é deixá-lo só e sem absolutamente nada para fazer. Citam o exemplo de retirar o computador da mesa da pessoa, sem o qual não consegue realizar nenhuma atividade. É ainda isolar essa pessoa do restante do grupo e bloquear qualquer tipo de comunicação.

dupla, por isso o caráter violento do assédio sobre o corpo e sobre o psiquismo da vítima. A mensagem excessiva transmitida pelo agressor impele à vítima a tentativa de tradução: “o que o meu gestor quer de mim?”. Contudo, não podemos esquecer que a vítima é um adulto e, diferentemente da criança que tomaria esse excesso como traumático que irrompe seu psiquismo, o adulto aciona suas defesas e responde à alteridade conforme a sua individualidade. Por isso, além do panorama econômico atual que se pauta no individualismo e na competição, há relações assimétricas nas organizações – a começar pelas hierarquias e salários, etc. –, e é nelas que algo da ordem fantasmática se reedita, e, por isso, aqui, a analogia que propomos com a SAF.

É o corpo e a subjetividade do indivíduo que são convocados no espaço de trabalho para responder as mensagens do assédio. Portanto, o sexual, tanto na versão erótica, como sublimada, tem um importante papel na manutenção dos vínculos entre os trabalhadores e na realização da atividade propriamente dita.

Dejours (2012c), no decorrer de seus escritos, sugere pensarmos no laço social para compreender a relação entre trabalho, indivíduo e coletividade. Nós, embora de forma sucinta, vamos versar sobre essa temática, já que é de nosso interesse compreender o que se rompe ou se constitui fragilmente no laço social que leva os indivíduos a serem perversos uns com os outros, chegando a ações de assédio moral. Compreender o que está no princípio do laço social, nos permite explorar o assédio moral na óptica das relações, enquanto indivíduos com suas histórias de vida singulares que se defrontam num ambiente comum de trabalho e que, de certa maneira, não conseguem preservar o contrato de contenção do sexual.

Assédio moral e laço social

Freud (1930/2010), em *O mal-estar na civilização*, assevera que o princípio do prazer marca o funcionamento psíquico ainda muito cedo e caminha junto ao indivíduo ao longo de seu desenvolvimento na busca contínua pela felicidade. Para o autor, a felicidade está correlacionada à satisfação dos impulsos, mas, devido à repressão da cultura, a felicidade plena é impossível de ser alcançada.

[...] é simplesmente o programa do princípio do prazer que estabelece a finalidade da vida. Esse princípio domina o desempenho do aparelho psíquico desde o começo; não há dúvidas quanto a sua adequação, mas seu programa está em desacordo com o mundo inteiro [...] Aquilo que chamamos “felicidade” no

sentido mais estrito, vem da satisfação repentina de necessidades altamente represadas, e por sua natureza é possível apenas como fenômeno episódico. (Freud, 1930/2010, p. 30-31).

É através do deslocamento da libido que o psiquismo consegue, de certa forma, amenizar ou evitar o sofrimento. Esse deslocamento nada mais é que a modificação da meta da pulsão – a sublimação. “O melhor resultado é obtido quando se consegue elevar suficientemente o ganho de prazer a partir de trabalho psíquico e intelectual.” (Freud, 1930/2010, p.35). Nessa passagem, o autor parece remeter apenas ao trabalho da arte/criação como fonte de satisfação pulsional. No entanto, em nota de rodapé, seu conceito de trabalho é ampliado, tendo em vista que é a escolha do ofício (*Arbeit*) de forma livre que possibilitará satisfação por meio do processo de sublimação.

Nenhuma outra técnica para a condução da vida prende a pessoa tão firmemente à realidade como a ênfase no trabalho, que no mínimo a insere de modo seguro numa porção da realidade, na comunidade humana. A possibilidade que oferece de deslocar para o trabalho e os relacionamentos humanos a ele ligados uma forte medida de componentes libidinais – narcísicos, agressivos e mesmo eróticos – empresta-lhe um valor que não fica atrás de seu caráter imprescindível para a afirmação e justificação da existência na sociedade. A atividade profissional traz particular satisfação quando é escolhida livremente, isto é, quando permitir tornar úteis, através da sublimação, pendores existentes, impulsos instintuais subsistentes ou constitucionalmente reforçados. E, no entanto, o trabalho não é muito apreciado como via para a felicidade. As pessoas não se lançam a ele como as outras possibilidades de gratificação. A imensa maioria dos homens trabalha apenas forçada pela necessidade, e graves problemas sociais derivam dessa natural aversão humana ao trabalho. (Freud, 1930/2010, p. 36).

Essas considerações de Freud (1930/2010) nos permitem pensar o trabalho, enquanto sublimação, como um dos destinos para a pulsão (Freud, 1915/1996). No entanto, para que esse processo seja possível, o indivíduo precisa investir libido em seu trabalho e em suas relações, ou seja, é necessária a erotização no ambiente de trabalho. Segundo Freud (1930/2010), o trabalho é substancialmente importante tanto para a economia libidinal, como também para a vida em sociedade, tendo em vista que, além

de fonte de satisfação pulsional, possibilita ao indivíduo viver, criar laços em comunidade e também sobreviver.

Freud (1921/2010), em *Psicologia das massas e análise do eu*, ressalta a importância das identificações, sobretudo a identificação com o chefe, um chefe que não corresponde mais ao pai da horda primitiva, sob a recusa do amor, como em *Totem e Tabu* (1913/1996), mas como um líder, com o qual os integrantes do grupo se identificam. O autor assinala que nas massas altamente organizadas, que nomeia de massas artificiais, há uma vinculação libidinal que liga os semelhantes, mas esse vínculo tem que estar interligado com o líder, isto é, os semelhantes se unem através do processo de identificação com seu líder.

Segundo ele, para a existência e a permanência de um agrupamento de pessoas – as massas artificiais, como o Exército e a Igreja – tem que haver a presença de uma *coação externa*. É importante frisarmos que, mais adiante, Figueiredo (1999), sugere pensarmos as massas artificiais como equivalentes às instituições atualmente. Apesar dos exemplos de massas tomados por Freud (1921/2010) estarem em desuso, principalmente quando se trata de estudos voltados ao âmbito social e organizacional, vamos propor, a partir dessas ideias freudianas, algumas aproximações, embora o autor não se refira explicitamente à organização do trabalho.

Para Freud (1921/2010), existem diferentes tipos de massas, a saber: passageiras/duradoura, homogêneas/heterogêneas e naturais/artificiais. No entanto, as massas artificiais, por serem altamente organizadas e resistentes, despertaram seu interesse.

Igreja e Exército são massas artificiais, isto é, uma certa *coação externa* é empregada para evitar sua dissolução e impedir mudanças na sua estrutura. Normalmente não se pergunta a alguém, ou não lhe é dada a escolha, se deseja ou não ingressar numa massa desse tipo; a tentativa de desligamento é desestimulada ou severamente punida, ou está sujeita a condições bem determinadas. Está longe de nosso interesse atual indagar por que estas associações requerem salvaguardas tão especiais. (Freud 1921/2010, p. 46-47).

Enriquez (1990), na obra *Da Horda ao Estado*, nota que Freud (1921/2010) considerou a vinculação libidinal como uma ligação de alteridade, marcada pela ambivalência amor e ódio, segurança e perseguição, aproximação e distância. (p. 51). Nessa relação com o outro estão postas a satisfação pulsional, as fantasias e os medos. É

se relacionando com esse outro que o indivíduo passa a ter condições de se definir e de se transformar. O autor chama atenção, ainda, para a existência desse outro, pois afirma que o outro só existe mediante os investimentos afetivos dispensados a ele, ou seja, “o homem só existe para nós quando o investimos afetivamente.” (p. 52). Por outro lado, nós só existimos, também, por meio do reconhecimento do outro, tendo em vista que é na relação com o outro que nosso psiquismo é constituído. “É a relação (o vínculo libidinal) que permite a construção dos seres, e não o inverso. *O vínculo libidinal é originário*. Isso porque ele não existiu na época da horda, visto ser essa uma horda e não um grupo.” (Enriquez, 1990, p.53, grifos do autor).

Para Enriquez (1990), o vínculo social é a própria relação com o outro, o outro no sentido do diferente de nós, daquele que está separado de nosso corpo; relação marcada, acima de tudo, por ambiguidades.

O vínculo social se apresenta, em princípio, como um vínculo trágico: ele nos faz compreender que os outros existem, não como objetos possíveis de nossa satisfação, mas como sujeitos de seus desejos, em outras palavras, como tão suscetíveis de nos rejeitar quanto de nos amar, de manifestarem vontades contraditórias às nossas, de representarem perigos permanentes não apenas para nosso narcisismo, como também para nossa simples sobrevivência; e de serem, para nós, apesar de tudo isso, tão indispensáveis quanto o ar que respiramos. O semelhante, o irmão, é um adversário em potencial, às vezes, até mesmo um inimigo cruel. O outro tem a possibilidade de ser tudo, dependendo da maneira como ele é investido. (Enriquez, 1990, p. 158).

No assédio moral nos parece que há uma demanda de fusão na relação entre vítima e agressor; o agressor quer dominar o corpo do outro e, tomado pelo seu sexual, violenta o corpo da vítima que está sendo convocado nas relações de trabalho, como pontuou Dejours (2012c). Diante do apelo sexual da vítima – a sedução da SAF – o agressor a toma como objeto de satisfação, pois não consegue conter o polimórfico que escapa, assumindo a figura de inimigo cruel de que Enriquez (1990) nos fala. A vítima, então, é colocada numa espécie de passividade, que precisará encontrar estratégias para responder ao sexual do assédio. Deparamo-nos aqui com as patologias das quais nos falaram Dejours (2012c) e Hirigoyen (2000), ou com respostas menos rígidas e bem sucedidas, podemos dizer, como o caso de Nothomb (2001), em que se utilizou da sua escrita para traduzir o traumático da sua vivência de assédio.

Freud (1921/2010), sobre o laço social, apenas apontou a existência da *coação externa* e afirma que diante de seu propósito de pesquisa naquele momento, não lhe era possível desenvolver o que seria essa ligação que propicia coesão, estabilidade e durabilidade nas massas artificiais. Enriquez (1990) sublinha que Freud (1921/2010) não desenvolveu nenhuma explicação sobre a constituição e o funcionamento da massa e acrescenta que “tudo se passa como se os indivíduos tivessem se reunido por motivos imprecisos ou desconhecidos, se estimulassem mutuamente, sem outros objetivos além dos de cometer um crime, adorar os ídolos, ou, no caso de ações precisas, de ‘erguer montanhas’”. (p. 60).

É particularmente Figueiredo (1999) que propõe retomar esse tema, quando afirma que tanto no âmbito social quanto no individual, estão presentes a libido, o amor e a sexualidade, ou seja, as manifestações de Eros.

Figueiredo (1999) sustenta que as vinculações eróticas, as quais Freud atribui às massas artificiais, dar-se-ão de duas formas: na posição vertical, que a ligação da massa condiz com seu líder ou, ao substituto da figura do chefe da horda (o pai primevo)²⁰; e na posição horizontal, que corresponde à ligação entre os próprios membros do grupo. Contudo, continua o autor, independente das posições de vinculação, é capital que defesas sejam estabelecidas para proteger as ligações pulsionais. “Efetivamente, quando os indivíduos estão imersos nas massas, as mais poderosas forças do seu psiquismo parecem ganhar uma desenvoltura que origina muitos riscos para a vida grupal e para a vida de cada um dos membros do grupo.” (Figueiredo, 1999, p. 03). Encontramos essa ideia, também, em Mello Neto (1994) ao discutir o pensamento adulto sobre a criança, onde essas vinculações eróticas estão presentes nas relações adulto-criança, segundo o autor.

Sobre os riscos que podem levar à desestabilização das massas artificiais, ou nesse caso, dos trabalhadores de uma organização, Figueiredo (1999) reintroduz o elemento alteridade, evidenciado por Freud (1921/2010), para discutir a questão da ambivalência afetiva, isto é, o amor dirigido ao líder pode ser fonte de satisfação, mas, por vezes, fonte de frustração. Na medida em que o líder se aproxima da figura do pai da horda, mais rígida será sua gestão, utilizando-se de seu poder para estabelecer leis e regras de acordo com seus ideais e pouco voltado ao outro. Assim, os sentimentos que

²⁰ Cf. Totem e Tabu (Freud, 1913).

permeiam a relação indivíduo e líder, além de amor e admiração, são frustrações, ressentimentos e ódio.

Isso implica que a presença da alteridade, assim como na relação assediador e assediado, irá despertar na vítima sentimentos de admiração, pelo menos em princípio. Esse líder é objeto de apoio, análogo ao adulto da SAF, entretanto, com as contínuas ocorrências de assédio; esse líder falha na sua função de cuidado e orientações, levando a vítima a sentimentos ambíguos em relação ao agressor/líder, pois as afeições são, aos poucos, substituídas por ódio.

Já Enriquez (1990), considera que a dificuldade de manter o vínculo social está relacionada com a dificuldade que temos de viver conosco mesmo. Somos ambivalentes frente a nosso ego e nosso corpo – amor e ódio, proximidade e rejeição, ternura e terror.

A relação humana se institui sobre uma base de angústia não controlável, as referências são frágeis, mutantes; nosso corpo não é inteiramente nosso, nosso ego não nos pertence; o outro está sempre ali, com sua solidez e seu caráter proteiforme e englobante; somos rodeados de perigos, habitados por perseguidores internos; o não-controlável, o indeterminável, em suma, o inominável nos cerca, a imundície nos corrói, a dúvida nos invade. (Enriquez, 1990, p. 159).

É nesse sentido que Enriquez (1990) ressalta que o caos primordial, de que nos fala Freud (1913/1996), não existe, uma vez que o caos está em nós, na nossa própria clivagem e na relação com o outro, que está sempre presente como possibilidade de amor e perigo, trazendo à tona a semelhança e a diferença, já que, diante desse outro, há o contínuo processo de projeção, em que projetamos parte de nós, da mesma forma que o outro também projeta em nós, partes de si. “O caos está presente de maneira constante, alucinatória, encantatória em cada um de nossos gestos e pensamentos. Podemos nos desfazer em pedaços a qualquer momento, e a qualquer instante o outro pode se revelar realmente como nosso carrasco.” (Enriquez, 1990, p. 160).

Ainda segundo Enriquez (1990), o caos se declina nas relações de força, na castração real, e numa indiferenciação entre todos que não ocupam o lugar do chefe da horda. Assim, o caos não é uma fusão ou uma similaridade absoluta entre eu e o outro, mas a um mundo de desordem marcado pela “onipotência *do Um*” (p. 161), ao desejo exclusivo desse *Um* que busca incessantemente a satisfação. O inominável, que Enriquez (1990) diz que nos cerca, começa, então, a ser nomeado como a dominação do

outro sobre nós, o genitor castrador ou mãe arcaica, pontua o autor. É, na verdade, a alteridade que sufoca, “é ser falado por um outro, ser feito por ou para outro.” (p. 162).

Com relação ao outro/semelhante, Enriquez (1990) afirma que, diante do irmão, no sentido da horda, somos levados a indagar se podemos fazer daquele outro nosso inferior (meu subordinado) ou se devemos respeitá-lo como superior. Entre outros aspectos, isso talvez esteja em torno das situações de assédio, pois não é por acaso que nem todos os indivíduos subalternos, numa organização, são assediados, há leis que devem ser respeitadas. Tais limites decorrem da luta entre os irmãos, que sinalizam a necessidade de criação da função paterna e a importância da sua manutenção: as leis com as suas interdições.

Se o pai é reconhecido enquanto pai e amado como tal (após ter sido morto), ele nos faz saber que nunca nos liberaremos dele; que devemos investi-lo como Deus, Totem, ancestral, que ele viverá dentro de nós mesmos, que ele nos obrigará a pagar uma dívida infinita à sua memória e que nos ameaçará sempre de uma dissolução possível. Os outros, então, nos remetem sempre ao "grande outro", àquele que, morto ou vivo, nos indica, para sempre, qual é a nossa condição: a de seres vivos sempre ameaçados, sempre suscetíveis de despedaçamento, expostos a objetos parciais que nos conduzem a uma busca alucinatória e perda de antemão (o “seio bom” não será nunca reencontrado, nem o falo conquistado, mas os homens se debaterão por isso, como se se tratasse de um objetivo realizável e não de um sonho mistificador). (Enriquez, 1990, p. 162, 163).

Dentro dessa mesma perspectiva, Figueiredo (1999) assinala que, entre os semelhantes, ou entre os irmãos da horda primitiva, os sentimentos de ciúme e inveja são encobertos pela formação reativa, que aparecem por meio da exacerbação da solidariedade e fraternidade entre os membros do grupo.

Os sentimentos hostis, contudo, nunca serão totalmente eliminados e, reprimidos para o inconsciente, estarão prontos para eclodir em muitas circunstâncias em que o amor narcisista do indivíduo por si mesmo ganha terreno sobre o amor fraterno e sobre a adesão ao coletivo. (Figueiredo, 1999, p. 04).

Na situação de assédio é comum, como vimos, a vítima não encontrar apoio de seus colegas frente às humilhações. Muitos desses pares, mesmo presenciando

frequentemente inúmeras ocorrências de assédio e, até mesmo, sendo uma das vítimas do mesmo agressor, deixam de testemunhar quando solicitados durante um processo judicial em que alguém, no limite da dor, resolve abdicar da sua profissão – suicídio laboral (Martins, 2010) –, e busca indenização ou mesmo vingança pelas degradações sofridas.

Com Enriquez (1990) vimos que, num grupo, os semelhantes/irmãos sofrem justamente por perceberem que o outro existe não como objeto de satisfação, mas como sujeitos de seus desejos, que estão suscetíveis a nos amar, bem como a nos rejeitar. Na realidade, como Figueiredo (1999) assinalou, a exacerbação da fraternidade e solidariedade vem como uma formação reativa sobre os sentimentos hostis existentes entre os membros do grupo que, por vezes, podem não ser totalmente reprimidos ou, mesmo, evadem-se da formação reativa, quando o interesse narcísico fala mais alto que o interesse dos pares.

Jamais o recalçamento será suficiente para manter a formação reativa, especialmente quando se trata de um grupo de pessoas com interesses e desejos em comum (salários, promoção, ser o preferido do chefe, etc.), em que, provavelmente, o polimórfico se sobressairá aos sentimentos fraternos. Portanto, os pares, em muitos casos, colocam seus interesses narcísicos acima dos interesses coletivos e preferem se esquivar de qualquer responsabilidade numa situação de assédio, mantendo seu emprego e, quem sabe, conseguir uma promoção ao assumir o cargo da pessoa que deixou o emprego por ter adoecido em virtude das humilhações do assédio.

É por esse viés que Figueiredo (1999) afirma que a libido, ao mesmo tempo em que mantém os membros de um grupo unidos, pode, também, ser uma ameaça. Dentro dos espaços organizacionais, tem que haver a modificação da meta da pulsão, ou seja, para que os membros de um grupo criem laços e convivam em sociedade, é preciso que as metas sexuais, de certa forma, sejam inibidas. Isso é necessário principalmente devido a dois motivos. Vejamos.

O autor salienta que, se as metas sexuais são atingidas rapidamente, juntamente com a satisfação pulsional, tão logo há o desinvestimento libidinal, portanto, um enfraquecimento das ligações, pelo menos por um tempo. Outro ponto corresponde ao excesso de investimento libidinal, que pode ser nefasto à vida em sociedade.

Os membros da massa que passam a investir muita libido uns nos outros e a esperar muito prazer uns dos outros, tendem a se separar da vida coletiva, a se desligar do grupo. Ou seja, um excesso de ligação erótica produz um

desligamento do casal. Com isto os outros investimentos libidinais horizontais se enfraquecem, bem como se enfraquece no eixo vertical a submissão ao líder. O casal de amantes, por assim dizer, dá as costas às exigências e compromissos coletivos e altruístas em benefício dos prazeres egoístas da dupla. Quando relações desta natureza envolvem o próprio líder, isto é, quando ele próprio privilegia uma ou um dos outros membros da massa, em detrimento dos demais, é natural que cresçam e proliferem as frustrações, invejas, ressentimentos e demais hostilidades, o que ameaça também, por este outro lado, a coesão do grupo. (Figueiredo, 1999, p.06).

Enriquez (1990) lembra-nos de que o amor é sempre incestuoso e endógamo, portanto, contrário à civilização. O amor sexual, combinado com agressividade e possessividade, precisa ser sublimado para que sentimentos como ternura, afeição e solidariedade surjam e o homem consiga estabelecer vínculos comunitários. Dessa forma, os indivíduos conseguem se reconhecer e reconhecer o outro em sua diferença, como, também, ser reconhecido por esse outro, destaca o autor.

Ao eliminar do amor sua *substância violenta*, seu aspecto desmesurado, cada um se protege ao mesmo tempo dos aspectos excessivos da conduta de outrem. Todo mundo ganha: os outros, ao invés de serem possíveis adversários, tomam-se parceiros, ao invés de entrarem em relações de ciúme e rivalidade, entram em relações de aliança. Aliás, se o amor permanecesse sempre ligado à sua carga sexual, ele não poderia ser outra coisa senão um amor *endógamo* e *incestuoso*. O amor é contrário à civilização, não apenas porque “os casais saciados” não precisam dos outros e porque cada homem, ao desejar utilizar outrem como objeto sexual, entra em competição com outros homens. Ele o é, antes de tudo, porque em seu movimento natural, ele se inclinaria em direção aos *primeiros objetos* dos quais tenha recebido carícias e os quais ele mesmo tocou, beijou, sugou e, mordeu. (Enriquez, 1990, p. 165, grifos do autor).

Diante disso, é imprescindível que num espaço de coletividade haja tanto a inibição das metas sexuais, como também o livre fluxo da libido para que as vinculações entre os membros dos grupos possam manter-se unidas e organizadas. No entanto, não pode haver um excesso de energia, tendo em vista que essa energia, seja

pelo erotismo em demasia ou pela agressividade, pode destruir as relações e, conseqüentemente, a estabilidade do grupo estará em risco.

Figueiredo (1999) sugere que a *coaço* externa, evidenciada por Freud (1921/2010), entra em cena para inibir as metas sexuais e manter vínculos dessexualizados entre os membros das massas artificiais – bases da estabilidade e estruturação das instituições, segundo o autor. É preciso que na estrutura interna das instituições se impeçam que núcleos eróticos se formem, para que a libido circule num nível ideal, por assim dizer. Dentro das instituições, como, por exemplo, numa empresa, as relações entre os trabalhadores, como também a relação dos trabalhadores com o líder, são prejudicadas caso haja vínculos eróticos em que a meta sexual não seja inibida. O autor propõe pensarmos na relação entre um casal, para entendermos esse processo.

Mesmo em um casamento, um quadro aparentemente tão propício ao prazer sexual, muitas das tarefas de manutenção do instituído - como a criação de filhos, os trabalhos domésticos e mais ainda os outros (que colocam a família em interação com o resto da sociedade) - requerem uma, às vezes drástica, inibição de metas sexuais. Boa parte da estabilidade de um casamento dependerá da capacidade dos cônjuges renunciarem a um tipo de prazer que, paradoxalmente, pareceria o principal motivo e objetivo da união. (Figueiredo, 1999, p.07).

A *coaço* externa, segundo Figueiredo (1999), atua também no processo de identificação entre os membros de um grupo (tanto na posição vertical, quanto na horizontal), firmando as semelhanças e subtraindo as diferenças. Nesse sentido, continua o autor, é mais fácil inibir as metas sexuais, quando as diferenças no grupo são amenizadas, já que o erotismo, numa de suas vertentes, pode ser estimulado pelo encontro de diferentes. O autor busca uma passagem em Freud (1921/2010) para justificar suas assertivas.

Nas grandes massas artificiais, Igreja e exército, não há lugar para a mulher como objeto sexual. A relação amorosa entre homem e mulher fica excluída destas organizações. Mesmo onde se formam massas mistas de homens e mulheres, a diferença entre os sexos não desempenha nenhum papel. Mal tem sentido perguntar-se se a libido que dá coesão à massa é de natureza homossexual ou heterossexual, pois não se encontra diferenciada segundo os

sexos e prescinde, em particular, das metas da organização genital da libido. (Freud, 1921, citado por Figueiredo, 1999, p.08).

Figueiredo (1999) recorre também a Freud (1920, citado por Figueiredo, 1999), em *Além do Princípio do Prazer*, para pontuar que um encontro assimétrico pode gerar excitação e tensões, reforçando as diferenças. A libido é solicitada pelo outro, a assimetria estimula a libido, assim, sem a presença do outro e sem a tensão causada nesse encontro, a libido se dissipa. "Ela (a libido) é solicitada, estimulada, reanimada pelo outro, pelos outros, pelos barulhos do mundo. Barulho e furor da vida, do exterior vivo... Sem esta tensão entre si e os outros, entre si e o mundo, a libido se esvai." (Radmila Zygouris, citada por Figueiredo, 1999, p.08)²¹.

Posto isso, é possível notar que, nas massas artificiais, nos espaços organizacionais, para melhor entendermos, a deserção libidinal precisa ser limitada. A amenização dos encontros assimétricos contribui para que a libido circule nos espaços organizacionais numa medida certa, favorecendo a coesão da massa, pois os impulsos libidinais ficam a serviço dos processos identificatórios, tanto com o líder, como entre os membros do grupo.

Ressaltamos, também, que a *coação externa* inibe justamente a formação de vínculos privilegiados, isto é, limita as ligações eróticas plenas. Sem a *coação*, supostamente haveria uma erotização excessiva entre os membros do grupo e, como já discutimos, a pulsão sexualizada circulando livremente tem efeitos prejudiciais à manutenção e coesão do grupo. Na situação de assédio moral, há o encontro assimétrico entre o agressor e o agredido. Pelo excesso de libido, presente nesse encontro, acabam por eclodir os ataques de raivas e humilhações do lado do agressor. Já, pelo lado da vítima, nos parece que ela, de certo modo, representa a desorganização, a dissolução do grupo e, portanto, deve ser eliminada, mas dentro do registro do pulsional, do sexual.

Sugerimos pensar, ainda, que a *coação externa*, na situação de assédio, não consegue inibir a excitação e a tensão despertadas no encontro assimétrico entre assediador e assediado. Assim sendo, esse encontro entre os diferentes provoca um excesso de erotização; a libido, solicitada pela alteridade, passa a circular livremente e o sexual impele o agressor a atacar violentamente sua vítima. Reiteramos, também, que um grupo consegue reconhecer um indivíduo que não estabelece o pacto dessexualizado

²¹ Zygouris, R. (1999). *Pulsões de Vida*. Escuta: São Paulo.

que se instala com o líder. Esse, talvez, será o assediado, principalmente por estar comprometendo e desorganizando a contenção pulsional.

Pellegrino (1983), em *Pacto edípico e pacto social*, vai adiante com essas ideias e propõe que são as falhas na constituição do laço social que movem um indivíduo às perversidades. Para o autor, a lei primeira – Pacto Edípico – não é algo que reprime o desejo, pelo contrário, estrutura-o no âmbito cultural. O Édipo é, portanto, a Lei do desejo, que busca amparo em Eros. Temos, assim, na base do processo civilizatório, o erótico que entrelaça o individual e o coletivo.

O autor lembra que, para Freud (1930, citado por Pellegrino, 1983), o processo civilizatório envolve as renúncias pulsional, erótica e agressiva. No Édipo, base intrapsíquica da civilização, a criança também precisa fazer renúncias – pulsões incestuosas e parricidas. Trata-se de renunciar ao princípio do prazer em prol do princípio da realidade, que se dá pelo temor, vinculado ao amor. Por se tratar de um acordo, continua o autor, os dois lados precisam ter suas vantagens. Acompanhemos.

A solução do Complexo de Édipo implica um pacto – uma aliança – com o pai e com a função paterna. Ora, num pacto, sob a égide da concórdia, ganham os dois lados: no Édipo, com o acordo, ganha a sociedade, representada pelo pai e pela família e tem que ganhar também a criança. O pacto edipiano implica mão dupla, um toma lá dá cá. A criança perde, mas ganha. Em troca da renúncia que lhe é exigida, tem o direito de receber nome, filiação, lugar na estrutura de parentesco, acesso à ordem do simbólico, além de tudo o mais que lhe permita desenvolver-se e sobreviver – vivendo. A criança tem que receber do Édipo as ferramentas essenciais que lhe permitam construir-se como sujeito humano. Com isto, ela ama e respeita o pacto que fez e, nesta medida, fica preparada para identificar-se com os ideais e valores da cultura à qual pertence. (Pellegrino, 1983, p.06).

De acordo com Pellegrino (1983), o pacto com a Lei da cultura – ou Lei do pai – é uma tarefa para a criança na primeira etapa do seu desenvolvimento psicosssexual. Logo após o Édipo, a criança, no período de latência, começa a apropriar-se de competência que a leva a fazer parte de um âmbito social. Assim, assinala o autor, a Lei da cultura é uma espécie de “batismo do ser humano, a marca da passagem que o faz ingressar, como postulante ou neófito, no círculo de intercâmbio social.” (p.07). Mais tarde, já adulto, acrescenta-se à Lei da cultura, um pacto social, estruturado sob a égide

do trabalho. É através do trabalho, sublinha o autor, que os adultos são inseridos no âmbito social e passam a fazer parte da sociedade. Assim, o pacto social está estreitamente relacionado com o pacto sexual, pois o indivíduo atesta a lei primeira e a amplia.

No pacto social, por meio do trabalho, pede-se ao ser humano que confirme a sua renúncia pulsional primígena através da aceitação do princípio de realidade. Trabalhar é inserir-se no tecido social por mediação de uma práxis aceitando a ordem simbólica que o constitui. Trabalhar é disciplinar-se, é abrir mão da onipotência e da arrogância primitivas, é poder assumir os valores da cultura com a qual, pelo trabalho, nos articulamos organicamente. O pacto com a Lei do pai prepara e torna possível o pacto social. Este exige renúncias, e uma função simbolizadora, que só serão viáveis na medida em que uma interdição originária – a proibição do incesto – lhes prepara o aposento. (Pellegrino, 1983, p.06).

Para Pellegrino (1983), falhas no pacto com a cultura comprometem o pacto social, levando o indivíduo às condutas antissociais. Por outro lado, se no pacto social não houver o *toma lá dá cá*, sugerido pelo autor, o indivíduo também reagirá com condutas, tomadas pela sociedade, como inadequadas. Se a sociedade não oferecer a parte que lhe cabe no acordo, desrespeitando e agredindo o indivíduo, esse também não cumprirá a sua parte – preservar e respeitar a sociedade – chegando ao ponto de romper com ela. Na melhor das hipóteses, afirma o autor, o indivíduo pode tornar-se um revolucionário; porém, muitos podem adoecer, cometer suicídio ou responder às agressões com violência aos outros membros da sociedade.

Cogitamos, então, que, numa organização onde há assédio moral, algo acontece entre os pares em que o pacto social não é firmado ou é rompido. Falamos pares, pois todos os envolvidos numa situação de assédio, agressor, vítima e os espectadores parecem encontrar vias de satisfação pulsional diante das cenas de violência. Os espectadores que, indiretamente participam do assédio - tal qual a criança que presencia a outra sendo surrada -, na fantasia de que uma criança está sendo surrada, conforme assinala Freud (1919/2010), no texto *“Batem numa criança”*, encontra uma espécie de prazer sádico ao presenciar as humilhações sofridas pelo outro.

Já entre a vítima e o agressor, fica claro que o edípico se reatualiza no palco do ambiente organizacional. Dejours (1996) afirma que o trabalho poderá transpor o cenário original do sofrimento para a realidade social. Todavia, os atores não são mais

os pais ou seus substitutos, mas os adultos que compõem o espaço organizacional. O autor ressalta que essa transposição do teatro psíquico ao teatro do trabalho envolve tanto a mudança de objeto e a mudança da meta da pulsão, no nível dinâmico, como também os destinos pulsionais específicos da sublimação, no nível econômico.

Desse modo, o jogo sexual do assédio leva o agressor e a vítima ao primado do princípio do prazer, pois as renúncias do pacto social são subvertidas em favor de uma satisfação sexual inundada pelo polimórfico. Por um lado, a figura de alteridade (o gestor), frente à vítima, revive o seu eu da infância, enquanto que a vítima toma seu agressor como o outro da sedução originária. Assim, no campo simbólico, o edípico pode ser revivido e o incesto se torna fonte de prazer. Talvez, a culpa surgida entre a dupla – e aqui podemos tomar as expressões de raiva e os sintomas como efeitos dessa culpa –, nos leva a afirmar que a falha no contrato do pacto social move os indivíduos às condutas antissociais, as quais destacou Pelegrino (1983), ou à perversidade, no assédio moral.

Por outro lado, as vivências de assédio é algo realmente traumático para a vítima; seu corpo é violentado, o seu pacto social é violado e, a partir do momento em que é agredida, a formação de compromisso com a sociedade se rompe, deixando de investir libido em sua atividade. Necessariamente ela precisa encontrar saídas para esse excesso, pois se trata de um adulto, e cada um, com sua história de vida, tentará encontrar estratégias para lidar com esse sexual que irrompe seu corpo. Talvez, com um pedido de demissão, ou algo que lhe traga alívio para o martírio sofrido no espaço de trabalho ou, como vimos nos exemplos expostos nessa pesquisa, acaba adoecendo, por sofrer durante um longo período.

No caso de Nothomb (2001), nosso material de análise, as vicissitudes do assédio moral e do contexto organizacional, bem como tudo o que envolve o indivíduo no seu espaço de trabalho (corpo, sexualidade, subjetividade, entre outros) podem ser evidenciados nas vivências da autora em seu ambiente de trabalho. Porém, a singularidade de seu caso, comparando-a com os exemplos que citamos de algumas vítimas de assédio nessa dissertação, está na saída que ela encontrou para traduzir o excesso vivido, entre eles, a erotização, o humor e, principalmente, a escrita.

Discutiremos essas singularidades no capítulo seguinte.

CAPÍTULO III - MEDO E SUBMISSÃO: AS VIVÊNCIAS DE AMÉLIE NOTHOMB

Este capítulo tem como finalidade analisar o livro *Medo e Submissão*, de Amélie Nothomb (2001), que versa sobre o período em que trabalhou na empresa japonesa Yumimoto²². As vivências relatadas pela autora nos permitem, primeiro, tomá-las como assédio moral²³, mesmo que a autora não se refira a tal, ao descrever as humilhações infligidas pelos seus gestores e, segundo, estabelecer uma analogia do assédio moral e o excesso de alteridade, isto é, a sedução e o processo tradutivo das mensagens enigmáticas, tomando como referência a SAF.

Para analisar o livro de Nothomb (2001), optamos em trabalhar com temas que desdobramos a partir da leitura do material, a saber: Libido no trabalho e excesso de alteridade; Amélie por ela mesma; e, por fim, A escrita, uma tradução.

Antes, contudo, vamos apresentar alguns dados de interesse sobre a autora e sua obra, sobretudo o livro *Medo e Submissão* (2001), para que o leitor possa, posteriormente, acompanhar nosso percurso.

Breve biografia de Amélie Nothomb

Yoshimoto (2006), no texto *Las imágenes de Japón en la obra de Amélie Nothomb*, assinala que a escritora nasceu no Japão em 1967, passou sua primeira infância na província Kansai, uma das regiões da ilha de Honshu, importante ilha do arquipélago japonês. Foi criada por duas governantas japonesas e lá permaneceu até seus cinco anos de idade. Seu pai era embaixador belga, por isso constantemente se mudavam. Em 1972, a família se mudou para a China, o que causou um sentimento de estranheza na menina, uma vez que considerava o Japão como seu país. Amélie morou em outros lugares, como New York, Bangladesh e atualmente reside em Bruxelas.

²² O nome Yumimoto, cujo significado é “as coisas do arco” (p.9), é um nome fictício dado por Amélie à empresa, pois esse nome lhe remete à Fubuki, sua superior imediata, que parecia com um arco nipônico.

²³ Não podemos deixar de considerar a existência do *ijime*, apesar de, somente na última década, pesquisas correlacionarem tal fenômeno como algo que denigre a personalidade do indivíduo. Este fenômeno, que culturalmente era, e ainda é, em alguns casos, utilizado para disciplinar os cidadãos nipônicos, principalmente nos ambientes escolares, não era discutido como algo tão prejudicial ao indivíduo, na época em que Amélie trabalhou no Japão, nos anos de 1990. Contudo, isso não impede que consideremos o *ijime* como equivalente ao que estamos nos referindo como assédio moral. Talvez, a partir das recentes discussões sobre esse tema no Japão, a população oriental reconheça os efeitos deletérios que as humilhações, castigos e degradações têm sobre a saúde psíquica e física dos que sofrem o *ijime*.

Contudo, em muitos momentos se refere ao Japão de forma nostálgica, como podemos observar neste diálogo com Fubuki – sua superior – ao descobrir que nasceram na mesma região:

Ela falou-me da sua infância em Kansai. Falei-lhe da minha, que começara na mesma província, não longe de Nara, na aldeia de Shukugawa, perto do monte Kabuto – e a lembrança daqueles lugares mitológicos enchia-me os olhos de lágrimas. – Como fico feliz em saber que somos ambas filhas de Kansai! É lá que bate o coração do velho Japão. Era lá também que batia o meu coração, desde o dia em que eu deixara as montanhas nipônicas pelo deserto chinês, aos cinco anos de idade. Aquele primeiro exílio marcara-me tanto que me sentia capaz de aceitar qualquer coisa para ser reincorporada àquela região de que por tanto tempo me julgara originária²⁴. (Nothomb, 2001, p.20)

A famosa escritora aborda temas contemporâneos em seus livros. Publicou em 1992, seu primeiro romance, *Higiene do Assassino* e desde então publica um livro por ano, somando 22 obras publicadas e traduzidas para diversos idiomas, segundo Jorge (2006). Entre seus livros mais famosos no mercado editorial francês e com repercussão em vários países, inclusive no Brasil, destacam-se: *Le sabotage amoureux* (1993); *Metafísica dos Tubos* (2000); *Medo e Submissão* (2001); *Biographie de la faim* (2004); *Ni d'Ève ni d'Adam* (2007) e *Le Fait du prince* (2008). Além de romances, a autora também escreve contos, novelas, peças de teatro, roteiro de filmes e letras de música.

No livro *Metafísica dos Tubos*, Amélie Nothomb (2000) relata seus três primeiros anos de vida no Japão. Aliás, na maioria dos seus livros encontramos dados biográficos, mas os críticos literários julgam que se trata de uma narrativa bem mais próxima da ficção que de uma autobiografia. Isso não impede que nós a tomemos como um relato autobiográfico, o que não deixa de ser uma construção ficcional, um romance familiar, que nos permite discutir a realidade da mensagem, como sugere Laplanche (1999d) em *Sedução, Persecução e Revelação*. Essa narrativa da autora traz dados da sua infância e nos interessa por se tratar de um relato das origens, em que também encontramos o enigmático. Mais adiante apresentaremos ao leitor esses relatos, para posteriormente tomá-los em nossa análise.

Yoshimoto (2006) afirma que Amélie é formada em Filologia Românica pela Universidade Livre de Bruxelas em 1988, o que justifica, segundo o autor, a relação

²⁴ Todas as citações serão transcritas tais quais ao original, com a tradução de Clóvis Marques.

privilegiada e crítica que ela tem com a linguagem. Além do mais, a escritora é de uma tradicional família belga, em que o pai, embaixador da Bélgica e admirador das Letras, proporcionou à filha, desde muito cedo, a leitura de clássicos como Diderot, Proust, Stendhal, Flaubert e Radiguet.

Em 1990, Amélie termina seus estudos e volta ao Japão para trabalhar numa grande companhia japonesa, mas após vencer seu contrato de um ano de trabalho, retorna a Bruxelas e inicia sua carreira como escritora. Essa experiência de trabalho no Japão é o tema do seu livro *Medo e Submissão* (2001), cujo título original é *Stupeur et Tremblements* (1999). De acordo com Jorge (2006), foram vendidos 400.000 exemplares desse livro em um ano e recebeu o Grande Prêmio de Romance pela Academia Francesa.

Ao realizarmos uma revisão bibliográfica sobre a autora, encontramos diversos artigos que versam sobre as peculiaridades da literatura nothombiana. Porém, encontramos poucos trabalhos sobre a autora dentro da abordagem psicanalítica, em especial, sobre seu relato autobiográfico em *Medo e Submissão* (2001). Apesar de utilizarmos bases de dados que abrangem inúmeras revistas de Psicanálise, não encontramos pesquisas científicas que discutissem as vivências da autora na Yumimoto como uma situação de assédio moral.

Portanto, para compreender um pouco da história de Amélie, já que, conforme defende Dejours (1996), o trabalhador leva consigo toda uma história de vida que não deixa no armário ao entrar no seu ambiente de trabalho, decidimos pontuar algumas peculiaridades da vida da escritora. Assim, teremos elementos subjetivos que certamente influenciaram em suas ações na Yumimoto.

Dos artigos que nós selecionamos, destacamos o trabalho de Geneviève Bourdellon (2001), em *L'anorexique, une petite fille livide, rouge et noire, cousue de fil blanc*, em que faz uma interessante interpretação psicanalítica da narrativa de Amélie em *Metafísica dos Tubos* (2000). Segundo o autor, Amélie revela, num certo programa de televisão, que na sua adolescência sofria de transtornos alimentares. Para ele, há uma falha no *link* entre a escritora e sua mãe, por isso desencadeou anorexia nervosa na adolescência. No item Amélie por ela mesma, fizemos um breve resumo desse livro, mas, por hora, para que o leitor compreenda as interpretações de Bourdellon (2001), diremos que Amélie Nothomb viveu seus primeiros dois anos como um tubo-Deus, sem nenhum estímulo – não chorava e não se movimentava – apenas vegetava; era

considerada por todos como uma planta. É o chocolate que a avó paterna oferece ao pequeno Deus, que irá ligar a autora ao mundo e ao prazer.

Para Bourdellon (2001), uma criança sem o investimento libidinal da mãe, introjeta muito cedo o desejo de não desejar. Por outro lado, quando há um *plus* de sedução na infância, como um abuso sexual, exemplifica o autor, na fase da adolescência a menina pode desenvolver transtornos alimentares, como a anorexia e a bulimia. As anoréxicas, continua o autor, geralmente relatam a história familiar sem nenhum problema, mas, essas histórias sofrem efeitos das defesas, pois são, muitas vezes, histórias profundamente traumáticas e dramáticas, por isso indizíveis. O incesto, afirma o autor, é o enredo dessas histórias.

Com as mudanças psíquicas e físicas que acompanham a adolescência, os distúrbios alimentares vêm denunciar essa configuração familiar, pontua Bourdellon (2001). Entra em cena, então, a tentativa da adolescente em controlar seu corpo. Os sintomas alimentares estão associados à melancolia, na qual essa adolescente, que não foi investida pela sua mãe, terá a sua autoimagem como a de um “grande bebê” (p. 1563); um bebê que é alimentado por seus pais. Esse desejo de permanecer bebê impede que a menina se torne uma mulher, com corpo de mulher. O ataque ao corpo é, na verdade, ataque ao corpo materno, assinala o autor.

Nessa mesma perspectiva, Katie Jones (2007), em *Literature as Consumption and Expulsion: Amélie Nothomb's “esthétique du vomissement”*, afirma que as narrativas de Amélie em *Higiene do Assassino* (1992), *Attentat* (1997) e *Journall d' Hirondelle* (2006) são extensões de seu corpo, ou seja, a escrita da autora está intrinsecamente relacionada com seu corpo. Em toda sua literatura há a marca de um corpo excessivo (vísceras, excrementos, vômitos), continua a autora, sempre discutindo a beleza e a feiura. Para a autora, há dois aspectos importantes na narrativa nothombiana: um, implica o grotesco na descrição do ideal de beleza feminina; o outro, o grotesco ao escrever sobre a concepção. De forma geral, a autora afirma que a narrativa de Amélie é grotesca, pois o escrever é similar ao vomitar – ela vomita em palavras todas as frustrações, conflitos e, principalmente, a rejeição –. A escrita da autora, nota Jones (2007), tem um tom de rejeição, uma rejeição do corpo e das emoções.

Jones (2007) exemplifica essa sua analogia entre escrita e vômito com um relato de Amélie em *Higiene do Assassino* (1992). Apenas para nos situarmos, nesse livro, a autora narra a história do Sr. Pretextat Tach, um famoso escritor que, no fim da vida,

aceita dar entrevistas a alguns jornalistas. As entrevistas, aos poucos, vão se configurando num interrogatório e o Sr. Tach, descrito como um homem rude, obeso e com hábitos alimentares nada saudáveis, se revela uma pessoa atormentada pelos seus segredos. A cada entrevista, as palavras traduzem a crueldade, a manipulação e as ambivalências desse homem, que nada mais são que as características do próprio ser humano.

Numa dessas entrevistas, o Sr. Tach decide falar sobre comida com o jornalista.

O escritor fala:

À noite, no entanto, como coisas bastante leves. Contento-me com coisas frias, como patê, gordura gelada, toucinho cru, o óleo de uma lata de sardinhas – quanto às sardinhas, não gosto muito, mas dão sabor ao óleo: jogo fora as sardinhas, guardo o suco, e bebo puro. Minha nossa, o que o senhor tem?

- Nada. Continue, por favor [disse o jornalista].

- O senhor não parece nada bem, lhe garanto. Para acompanhar, tomo uma sopa muito gordurosa que preparo de antemão: fervo durante horas rabos e pés de porco, cartilagem de galinha, ossos com medula e cenoura. Junto uma concha de gordura de porco derretida, tiro a cenoura e deixo esfriar durante vinte e quatro horas. Na verdade, gosto de beber essa sopa quando está fria, quando a gordura endureceu e formou uma cobertura que deixa os lábios reluzentes. Mas não se preocupe, não desperdiço nada, não vá pensar que jogo fora as carnes delicadas. Depois dessa longa ebulição, elas ficaram mais tenras, apesar de terem perdido o caldo: as cartilagens da galinha, cuja gordura amarela adquiriu uma consistência esponjosa, são uma delícia... Mas o que o senhor tem?

- Não... não sei. Claustrofobia, talvez. Não poderíamos abrir uma janela?

- Abrir uma janela num dia 15 de janeiro? Nem pensar. O oxigênio o mataria. Não, já sei o que o senhor precisa.

- Deixe-me sair um instante.

- Nada disso, fique aqui, está quente. Vou lhe preparar um *alexander* do meu jeito, com manteiga derretida.

Com essas palavras, a tez lívida do jornalista tornou-se verde: ele saiu correndo, curvado para frente, com a mão diante da boca.

Tach fez a cadeira de rodas deslizar como uma flecha até a janela que dava para a rua e teve a satisfação intensa de assistir o infeliz vomitar de joelhos, derrotado.

O obeso murmurou com sua papada, jubilando:

- Quando se tem uma constituição frágil, não se vem medir forças com Pretextat Tach. (Nothomb, 1992, p. 35-36).

Para Jones (2007), esse exemplo representa o transtorno alimentar de Amélie, o qual ela atualiza em sua escrita. O nojo pela comida fica evidente, continua a autora e a comida descrita de maneira nojenta e excessiva parece violar o corpo do jornalista que, tomado pela náusea, sai correndo para vomitar. Assim é com a escritora, tomada por algo excessivo, ela vomita, compulsivamente, em palavras esse excesso, que para Jones (2007), está ligado aos sentimentos de rejeição.

Nós reiteramos a forte presença da oralidade em Amélie, é como se ela precisasse digerir o traumático para logo, escrever. Na entrevista a revista Zashi, Amélie, ao diferenciar o tempo de publicação entre *Medo e Submissão* (2001) e *Nem de Eva, nem de Adão* (2007), afirma: “Precisei de oito anos para digerir uma experiência ruim e de dezesseis anos para digerir uma experiência boa. Eu descobri que levo muito mais tempo para assimilar as coisas boas. Estamos mais acostumados a esperar que aconteçam desgraças na vida.”²⁵.

Há uma forte marca da oralidade em Amélie; ela conta história, quer ser intérprete na Yumimoto, fala insistentemente sobre comida, ora como lembranças do passado, como quando sente o cheiro da comida feita pelo namorado Rinri e se lembra de Nishio-san, em *Nem de Eva, nem de Adão* (2007), ora como algo excessivo, quase num tom sexual. Alimentar as carpas, por exemplo, em *Metafísica dos Tubos* (2000), lhe causou fortes sentimentos de repulsa, que acabou se jogando no lago de sua casa. Outra referência à comida como excesso é exemplificado na figura do Sr. Omochi, vice-presidente da Yumimoto, que é descrito pela autora como um obeso sem escrúpulos, que come compulsivamente. O Sr. Tach, o famoso escritor de *Higiene do Assassino*, cujo título é o mesmo do livro de Amélie, vimos, também é um obeso que causa abjeção aos jornalistas que o entrevista, e em nós, enquanto leitor²⁶. Ambos os personagens são

²⁵ Fala de Amélie Nothomb à revista Zashi, 2008, disponível em: <http://www.zashi.com.br/apresenta/>.

²⁶ Embora *Higiene do Assassino* (1992) não seja um livro classificado como autobiográfico, Amélie é claramente encontrada entre as personagens, por isso, também, o elegemos como complemento para nossa análise.

parecidos e nós, adiante, afirmamos que são figuras que materializam o traumático vivenciado pela autora.

Pois bem, após expor brevemente essas peculiaridades da vida da autora, que retomaremos adiante, vamos em seguida apresentar um resumo sucinto do livro *Medo e Submissão* (2001), nosso principal material de análise, no qual vamos nos referir à autora apenas como Amélie. Isso, porque tomaremos o discurso do livro como o discurso de um paciente em análise, tendo como base as sugestões de Green (1971/1994) e Laplanche (1991/2012), quando afirmam que, a partir da leitura flutuante de um texto literário, é possível ter acesso aos fenômenos inconscientes. Através do discurso de Nothomb (2001), vamos estabelecer analogias entre o assédio moral e a SAF.

“O que eu queria era trabalhar numa empresa japonesa”²⁷

“No dia 8 de janeiro de 1990, o elevador cuspiu-me no último andar da sede da Yumimoto”. (p. 05).

Amélie, então com 22 anos de idade, começou a trabalhar na empresa Yumimoto, situada em Tóquio. Segundo ela, “era uma das maiores companhias do universo” (p.12). A hierarquia nessa empresa era algo muito marcante. “Os Sr. Haneda era o superior do Sr. Omochi, que era o superior do Sr. Saito, que era o superior da Srta. Mori, que era minha superiora. E eu não era superior de ninguém. Na companhia Yumimoto, portanto, eu estava às ordens de todos.” (p.05).

Assim que Amélie chegou à companhia, foi recebida pelo Sr. Saito, gestor do setor de contabilidade, que lhe mostrou o enorme departamento administrativo, situado no quadragésimo quarto andar da empresa. Conheceu o gabinete do Sr. Omochi, vice-presidente e a sala do Sr. Haneda, presidente da Yumimoto. A figura do Sr. Omochi causou, de imediato, má impressão em Amélie; pois ele, segundo ela, era um homem enorme, obeso e assustador.

O Sr. Saito mostrou-lhe a sua mesa, ficava numa sala com quarenta pessoas e situada bem à frente da mesa de sua superiora imediata, a Srta. Fubuki Mori que, na ocasião, estava em reunião. Sua primeira atividade na Yumimoto foi passada pelo Sr.

²⁷Nothomb, 2001, p. 11.

Saito – redigir uma carta, convidando o Sr. Johnson para jogar golfe no domingo e nenhuma informação a mais. Assim que terminou de redigir a carta, levou-a até o Sr. Saito que, simplesmente, ao ler seu trabalho, “deu um gritinho cheio de desprezo e rasgou-o: - Faça outra vez.” (p.8). Isso se repetiu por algumas vezes, até que, ao rasgar a enésima carta, sem ao menos lê-la, pediu que ela fosse trabalhar com a Srta. Mori (Fubuki, como ela mesma preferiu ser chamada por Amélie).

Logo, Fubuki, muito gentil, recebeu Amélie; mostrou-lhe alguns documentos e explicou do que se tratava. A imagem da sua superiora a deixou em êxtase, não conseguia mais ouvir nenhuma palavra pronunciada pela bela japonesa.

A Srta. Mori media pelo menos um metro e oitenta, altura que poucos homens japoneses atingem. Era encantadoramente longilínea e graciosa, apesar da rigidez nipônica a que tinha de submeter-se. Mas o que me deixara petrificada era o esplendor de seu rosto. [...] Dois metros a minha frente, o espetáculo de seu rosto era cativante. Suas pálpebras abaixadas para os números impediam-na de ver que eu a observava. Tinha ela o mais belo nariz do mundo, o nariz japonês, esse nariz inimitável, de narinas delicadas e reconhecíveis entre mil outras. Nem todos têm este nariz, mas quem o tem só pode ser de origem nipônica. (p. 10-11).

Após alguns dias na empresa, Amélie não tinha realizado nenhuma atividade pela qual tinha sido contratada – intérprete. Suas atividades consistiam em admirar a beleza de Fubuki e ler alguns regulamentos e enumerações.

Os dias passavam-se e eu continuava sem servir para nada, o que não me incomodava além da conta. Tinha a sensação de que me haviam esquecido, o que não era desagradável. Sentada em minha mesa, eu lia e relia os documentos que Fubuki me havia entregado. Eram prodigiosamente desinteressantes, à exceção de um deles, que relacionava os membros da companhia Yumimoto: lá estavam alinhados nome, prenome, data e local de nascimento, o nome do cônjuge quando fosse o caso, assim como o dos filhos, cada qual com sua data de nascimento. [...] No meu estado de desocupação e inanição em que se encontrava meu cérebro, aquela lista pareceu-me palpitante como uma revista de escândalos. Para parecer que trabalhava, decidi decorá-la. (p.12-13).

O sentimento de inutilidade a tomava, todavia, não a incomodava, pois conseguiu alcançar o que sempre almejava: trabalhar numa empresa japonesa. Além do mais, a presença de Fubuki já lhe era suficiente para trabalhar naquela empresa. “Sua amizade parecia-me uma razão mais que suficiente para passar dez horas por dia na companhia Yumimoto.” (p.11).

Amélie, então, teve a sua primeira função – servir café – o que não lhe causou desconforto, pois de acordo com a tradição japonesa, é comum iniciar em uma companhia japonesa com o *ochakumi*, isto é, “a função do honrado chá” (p.14). Porém, Amélie, aos olhos do Sr. Omochi, desonrou a empresa por servir café em uma reunião importante à delegação de uma firma amiga, se comunicando na língua japonesa. Então, Sr. Omochi, num ataque de fúria, ordenou ao Sr. Saito que proibisse Amélie de falar japonês dentro da empresa.

Após esse episódio, Amélie relata que seria coerente de sua parte pedir demissão, porém não iria assumir tal postura de desonra, já que aos olhos de um japonês seria infame abandonar um emprego em apenas um mês, quando seu contrato de trabalho era de um ano. “Dar as costas com tão pouco tempo me teria coberto de vergonha, aos olhos deles e aos meus.” (p.17). Além do mais, ela não queria ir embora, havia estudado muito para ingressar naquela empresa, passou por inúmeros testes, até conseguir o contrato de intérprete com a Yumimoto.

Decidiu que ficaria. No entanto, o sentimento de inutilidade só aumentava, não havia nada que pudesse fazer, a não ser, servir algumas xícaras de café. Então, viu na tarefa de distribuir correspondências, uma oportunidade de ter uma atividade na companhia. Entregava com diligência cada correspondência, empurrando um enorme carrinho pelos escritórios.

Porém, essa sua atividade não durou muito. O Sr. Saito a proibiu de entregar as cartas, pois a acusou de roubar o trabalho do carteiro da empresa, que chegava somente à tarde e não tinha mais sua função para desempenhar. Teve a ideia de solicitar a permissão de seu superior para atualizar os calendários das mesas dos funcionários, pois observou, nesse tempo em que entregou as correspondências, que os calendários não estavam em dia. Com a permissão, sentiu que tinha uma nova função, “empurradora- viradora de calendários.” (p.23).

Contudo, o Sr. Saito ficou sabendo que Amélie estava entretendo os funcionários com sua nova função, e não lhe agradou o fato dela prejudicar a concentração dos mesmos. Foi então que o Sr. Saito pediu a Amélie que tirasse cópias de um documento

que, segundo a autora, era o regulamento do clube de golfe e que chegava à margem de mil páginas. Para Amélie, esse foi seu castigo por entreter os funcionários com a sua função de empurradora-viradora de calendários.

E foi nessa ocasião, enquanto passava horas na copiadora, que Amélie teve a oportunidade de conhecer o Sr. Tenshi, o qual reconheceu nela potencialidades que podiam ser usadas em benefício à empresa. Solicitou a Amélie que redigisse um relatório sobre a técnica de extração da gordura da manteiga na Bélgica, pois estava interessado nessas novas técnicas adotadas por aquele país. Assim, vislumbrando uma oportunidade de crescer profissionalmente, Amélie fez um estudo minucioso sobre essa nova técnica e redigiu um excelente relatório. Porém, o Sr. Tenshi assumiria a autoria do relatório, pois seria uma falta profissional de sua parte solicitar um trabalho a Amélie sem a autorização do próximo nível hierárquico, o vice-presidente, Sr. Omochi.

A Srta. Fubuki, sabendo da pretensão de Amélie de conquistar seu espaço na empresa, delatou o acordo ao Sr. Omochi. Então, chamados à sala do vice-presidente, Amélie e o Sr. Tenshi foram humilhados. “Meu companheiro de infortúnio e eu fomos chamados de todos os nomes: éramos uns traidores, umas nulidades, verdadeiras serpentes dissimuladas e, ainda por cima, – máximo do insulto – uns individualistas.” (p. 34). Amélie narra que teria sido capaz de qualquer coisa para que Sr. Omochi parasse de gritar, “eu teria sido capaz do pior – invadir a *Mandchúria*, perseguir milhares de chineses, suicidar-me em nome do imperador” (p.34), mas o que não suportava, era ver o seu comandante humilhado. A postura corporal de Sr. Tenshi demonstrava submissão e vergonha, e Amélie o imitava.

Após o Sr. Tenshi ter revelado que a delatora era a Srta. Fubuki, Amélie tentava entender por que Fubuki seria capaz de entregá-la, já que eram amigas. O Sr. Tenshi lhe informou que Fubuki era amigável enquanto Amélie virava calendários e tirava cópias. Quando houve a oportunidade de alcançar uma posição melhor na empresa, algo por que Fubuki sofreu e demorou anos para conquistar, Amélie tornou-se uma ameaça e sua amiga não mediu esforços para que sua rápida ascensão fosse impedida.

Na conversa que Amélie teve com Fubuki, sua gestora, deixou claro que apenas cumprira os procedimentos da empresa, pois sua subordinada tinha cometido uma falta grave, além de pleitear uma promoção da qual não tinha o menor direito. Amélie afirmou ser tomada por uma grande decepção diante da postura daquela que mais admirava em seu trabalho, porém, Fubuki respondeu: “- De minha parte, não estou decepcionada. Não tinha estima por você.” (p. 43).

É a partir desse episódio que Amélie passa a relatar que seu ambiente de trabalho podia ser comparado a uma “câmara de tortura” (p. 69), pois passou a sofrer inúmeras humilhações e castigos vindos de Fubuki, que deixou de ser a figura amigável e assumiu a condição de “torturadora” (p. 117). O primeiro castigo que recebeu foi a tarefa de colocar em ordem as faturas da empresa. Amélie reconhecia suas limitações com os números, até mesmo porque nunca almejou trabalhar na área de contabilidade, porém Fubuki lhe informou que o trabalho era simples, portanto, ao alcance de seu cérebro ocidental. Esses ataques à Amélie, por ser ocidental, passaram a ser frequentes desde então. Apesar de a atividade exigir pouca inteligência, conforme afirma a autora, cometeu alguns erros, que deixaram Fubuki muito irritada. Devido aos erros, sua superiora a humilhou diante dos quarenta funcionários do departamento. Amélie tentou se defender, informando que aquela atividade não estimulava sua inteligência, pois era muito monótona. Mas, Fubuki a humilha mais ainda, chamando-a, entre outras ofensas, de retardada.

Assim, Fubuki, a fim de exercitar a suposta inteligência ocidental de Amélie, lhe deu a segunda atividade – fiscalizar as faturas de gastos das viagens de negócio dos executivos da empresa. Para Amélie, foi o início dos piores pesadelos que já pôde imaginar. Por mais que se empenhasse, nunca conseguia chegar a um resultado próximo sequer dos valores que precisava conferir. Não tinha afinidade com a calculadora, pois sempre que precisava digitar mais que cinco minutos, sua mão se imobilizava; definiu essa sua limitação como a “síndrome do purê de batatas” (p. 56), já que parecia que seus dedos estavam mergulhados num purê de batatas ao utilizar tal máquina.

Passaram-se dias e Amélie não conseguiu conferir nenhum resultado. Fubuki, para demonstrar que era possível fazer uma constatação de resultado rapidamente, mostrou-lhe como fazia e, segundo a autora, “doze horas não me bastavam, então, para chegar ao resultado que Fubuki obtinha brincando, em três minutos e cinquenta segundos.” (p.54). Decidiu então passar as noites no trabalho, pois o prazo para entregar o relatório estava chegando ao fim. Foi então que, na terceira noite sem dormir, Amélie teve sua “noite de loucura” (p. 67). Tirou suas roupas, saltou pelas mesas, abraçou o computador de Fubuki e se considerou naquele momento Deus, prestes a morrer crucificado na sexta-feira santa.

O desfecho dessa noite se deu com Amélie, novamente vestida, dormindo coberta por papéis. Logo pela manhã, Fubuki e outros funcionários presenciaram essa

cena. Porém, como Amélie estava coberta de lixo, se tornou intocável, segundo os preceitos nipônicos. Fubuki não deixou de se posicionar, “Ela não tem a menor dignidade. Quando lhe digo que é burra, ela me responde que é pior que isto, que é uma retardada mental.” (p.65). Amélie somente acordou às dez horas da manhã. Com muita vergonha, correu ao banheiro para se recompor. Logo procurou Fubuki e lhe comunicou que desistia da sua tarefa, pois era incapaz de fazer uma conferência sequer. Fubuki, rapidamente, exclamou “– Custou, hein!” (p.66). Amélie compreendeu então o propósito de sua torturadora. “Ela queria que eu tomasse a iniciativa. Naturalmente: é mais humilhante.” (p.66).

Logo, voltou para as suas atividades de preparar o chá e o café. Retomou a função de viradora-empurradora de calendário, mas de uma forma bem mais discreta. Continuava a contemplar a beleza de Fubuki. E, assim, foram nesses seus dias de calmarias, em que parecia esquecida na Yumimoto, servindo café, virando calendários e observando a Srta. Fubuki, que o clima de tensão tomou conta de todo o departamento de contabilidade. Da sala do Sr. Omochi ouviram-se urros – o nome escolhido, Fubuki-san! –. Sr. Omochi humilhou publicamente a Srta. Fubuki, diante de todos do departamento. Não se sabe o porquê daquela terrível humilhação, no entanto, como o Sr. Omochi era o chefe, ele tinha o direito de eleger qualquer situação para descarregar seu sadismo em Fubuki ou quem quer que seja, segundo a autora.

Amélie relata que todos do escritório sentiram um mal-estar. Ninguém interferiu, e ela se arrepende por não ter se sacrificado e interrompido as degradações que Fubuki sofria. Finalmente, Sr. Omochi voltou para sua sala. Amélie comenta que sua superiora dirigiu-se ao banheiro, tal qual faria uma mulher violentada. Tomada por sentimentos de solidariedade, decidiu prestar seu apoio. Ao entrar ao banheiro, viu que Fubuki estava chorando; percebeu, então, que tinha cometido uma gafe. Ao tentar aproximar-se, Amélie sentiu o ódio no olhar de sua superiora e, por mais que tentasse se explicar, Fubuki ordenava imperativamente que Amélie saísse dali. “Ela caminhou em minha direção, com Hiroxima no olho direito e Nagasaki no esquerdo. Uma certeza eu tenho: se ela tivesse o direito de me matar, não teria hesitado.” (p.95).

Fubuki, após esse acontecimento, designou a Amélie sua nova função: limpadora de latrinas. Como vingança, por ter contemplado suas lágrimas, ordenou a sua subordinada que limpasse os banheiros femininos e masculinos do departamento em que trabalhavam. Ao receber a notícia de sua nova função, Amélie recordou-se de seus sonhos e de suas ambições.

Quando pequena, eu queria tornar-me Deus. Não demorei a me dar conta de que seria pedir demais, e verti um pouco de água benta em meu vinho de missa: seria Jesus. Mas logo tomei consciência de meu excesso de ambição e aceitei “fazer-me” de mártir quando fosse grande. Adulta, decidi-me a ser menos megalomaníaca e a trabalhar como uma intérprete numa empresa japonesa. Infelizmente, era bom demais para mim, e tive de descer mais um degrau, passando à contabilidade. Mas nada parecia deter minha fulminante queda social. Acabei portanto sendo lotada na categoria do nada absoluto. Infelizmente – e eu devia ter sabido – o nada absoluto era bom demais para mim. Foi quando recebi minha tarefa derradeira: limpadora de latrinas. (p.99).

Segundo Amélie, qualquer um em seu lugar teria pedido demissão, a não ser um japonês. Apesar de limpar banheiros não ser honroso para um japonês, entregar os pontos seria menos honroso ainda. Faltavam sete meses para vencer seu contrato, então, decidiu ficar. Diante da nova atividade de Amélie, houve por parte dos segmentos do departamento, uma mobilização em respeito a Amélie. Como protesto, os homens, pouco a pouco, pararam de utilizar o banheiro do quadragésimo quarto andar. “No Japão, isso tem um nome: sabotagem, um dos mais graves crimes nipônicos, tão odioso que se emprega a palavra francesa, pois só mesmo um estrangeiro imaginaria tamanha baixeza.” (p. 108). A autora relata que frequentar o banheiro do quadragésimo quarto andar tornara-se um ato político, pois aqueles que ainda iam ao banheiro, eram os absolutamente submissos aos líderes, sem se importarem com o que era feito com os estrangeiros na Yumimoto. Por outro lado, aqueles que se recusavam a ir ao banheiro, entendiam a situação da seguinte forma, aos olhos de Amélie: “Respeitar meus superiores não me impede de manter meu espírito crítico diante de certas decisões suas.” (p. 113).

Amélie se indagava constantemente sobre o porquê de Fubuki a eleger, entre outros subordinados, para uma atividade tão asquerosa. Certamente havia algum sentimento, era privilegiada, pensara. O tempo passou, e para Amélie, não existia vida senão dentro dos banheiros, as latrinas passaram a integrar a sua vida.

Pois bem, os sete meses se passaram e, próximo ao dia 07 de janeiro de 1991, o dia do vencimento do seu contrato, Amélie foi apresentar seu pedido de desligamento. Teve que o apresentar respeitando a hierarquia da empresa, além de respeitar uma regra fundamental no mundo do trabalho no Japão – não se queixar. Primeiro, esteve com

Fubuki; a superiora teve seu momento de volúpia ao Amélie demonstrar inferioridade diante de sua superioridade. Amélie informou seu desligamento, “– A companhia Yumimoto me proporcionou grandes e múltiplas oportunidades de mostrar minha capacidade. Serei eternamente grata por isso. Mas infelizmente não consegui mostrar-me à altura da honra que me era conferida.” (p. 126). Amélie finalizou a conversa, informando a Fubuki que talvez tentasse encontrar um futuro trabalho na prensagem de lixo, e sua superiora, no ápice do prazer, concordou que aquele seria um bom trabalho para sua subordinada. Foi o último contato com Fubuki na Yumimoto.

Logo após o fim dessa conversa, Amélie encontrou-se com o Sr. Saito. Ele demonstrou muito incômodo e chegou a pedir-lhe desculpa. Isso foi algo de muita estima, afirma Amélie, pois não é comum ver um japonês se desculpar. Ela explicou-lhe o porquê de não renovar o contrato, repetindo a justificativa ensaiada. Ele foi muito gentil, mas não contrariou as pontuações de Amélie.

Foi então a vez do Sr. Omochi. Seu pedido de desligamento não foi relevante, pois a conversa transcorreu em torno dos chocolates que o vice-presidente apreciava. Ele estava mais interessado que Amélie - mesmo que pela última vez, lhe obedecesse e provasse os chocolates verdes que ele comia - que com o pedido de desligamento propriamente dito. Logo após Amélie repetir sua justificativa, o Sr. Omochi, numa crise de risos, afirmou: “Ora, ora, a senhora estava perfeitamente à altura.” (p.136).

Chegou o momento de conversar com o presidente da empresa, o Sr. Haneda, um homem generoso, educado, o qual Amélie considerava um Deus. O Sr. Haneda não deixou Amélie terminar a sua justificativa. Interferiu e afirmou que, na verdade, ela apenas não teve sorte, e que reconhecia suas capacidades, pois através do relatório feito para o Sr. Tenshi, ela havia demonstrado o quanto era competente com as atividades que lhe convinham. E, ainda, a empresa estaria de portas abertas caso ela mudasse de opinião.

Em 1991, Amélie deixou a empresa e, em 1992, publicou seu primeiro romance, *Higiene do Assassino*, que estava sendo escrito quando estava na Yumimoto. Em 1993, recebeu uma carta de Fubuki que, em japonês, dizia: “Amélie-san, Cumprimentos. Mori Fubuki’.” (p. 142).

Libido no trabalho e o excesso de alteridade

Logo que iniciamos a leitura flutuante de seu livro, a primeira observação que nos surgiu foi quanto ao intenso investimento de componentes libidinais, principalmente a erotização, que Amélie direciona ao seu trabalho e às pessoas com as quais se relacionam.

Vimos, com a Psicodinâmica do Trabalho, que o investimento libidinal é necessário para que a lacuna entre o trabalho prescrito e o trabalho real seja preenchida, pois trabalhar é investir libido em prol da atividade e da criatividade. Para enfrentar o real, o indivíduo convoca o corpo, convoca a inteligência do corpo, ou seja, uma inteligência concebida por meio de um processo de investigação e de descoberta na experiência vivida no próprio espaço coletivo de trabalho. Conforme assinala Dejours (2012c), o trabalho de produção – *poiesis* – para ser realizado com qualidade, precisa convocar a subjetividade na sua face mais íntima, o corpo, lugar de máxima experiência subjetiva. Para dar conta desse trabalho, necessariamente, há a mobilização do trabalho no sentido *Arbeit*, ou seja, uma exigência de trabalho psíquico, que aumenta a subjetividade e transforma a si próprio. *Arbeit* pode ser compreendido como um trabalho sobre si mesmo, uma possibilidade de tradução, já que o trabalho comum se apresenta como uma mensagem a ser traduzida. Dessa forma, podemos entender que o *Arbeit* para Dejours (2012c) é equivalente à tradução, para Laplanche (1992).

Amélie, apesar de não ter desempenhado a função que almejou, de intérprete, ela buscava todo o tempo sentir-se útil na Yumimoto. Isso pode ser observado quando, achando que tinha sido esquecida em sua mesa, começou a investir libido em atividades que, embora simples, como entregar correspondências e virar calendários das mesas dos funcionários do departamento de contabilidade, fez com que ela se sentisse útil e reconhecida pelos colegas de trabalho.

Essas atividades, que podemos entender como o trabalho de produção (*poiesis*), foram intensamente investidas por Amélie (*Arbeit*). Por exemplo, ao entregar as correspondências, ela, tendo decorado as datas de nascimento dos funcionários e de seus familiares, felicitava-os, quando chegada a data comemorativa. “Não só era capaz de identificar os mais insignificantes funcionários como valer-me daquela tarefa para desejar-lhes, quando fosse o caso, um feliz aniversário, a eles, ou a suas esposas e filhos.” (p.21). Os funcionários ficavam surpresos diante da diligência de Amélie. Após o Sr. Saito ter proibido Amélie de continuar distribuindo as correspondências, ela encontrou outra estratégia para sentir-se útil, virar os calendários. Amélie introduz algo

de lúdico, em termos de investimento libidinal, como fonte de satisfação ao realizar a atividade, tomando a função de atualizar os calendários como um grande gesto:

Eu assassinava o mês de fevereiro com grandes gestos de samurai, imitando uma luta sem trégua contra a foto gigante do monte Fuji coberto de neve que ilustrava aquele período no calendário Yumimoto. Em seguida, deixava a cena da luta com ar esgotado, mas cheia do orgulho sóbrio dos guerreiros vitoriosos, ao som dos *bonzai* dos espectadores maravilhados. (Nothomb, 2001, p. 24).

É nesse sentido que podemos compreender o trabalho psíquico (*Arbeit*), as estratégias encontradas pela autora para ter seu reconhecimento, ter seu espaço naquela organização e sentir-se útil. As mensagens que recebia da Yumimoto, que podemos entender como: “você não tem nada o que fazer, já que é uma estrangeira”, vindas, principalmente pelo trabalho prescrito, a fez mobilizar o trabalho no sentido *Arbeit*, provando para si e para os demais funcionários que ela era, sim, uma japonesa, portanto, capaz de desempenhar com zelo as atividades que se propunha²⁸.

O que, entretanto, nos chama a atenção em Amélie é que, por mais que tentasse encontrar estratégias para dar conta de seu trabalho, as atividades lhas eram retiradas. Parecia-lhe que tudo o que dava certo era retirado como se, de certo modo, ela tivesse que ficar numa espécie de passividade, de uma não resposta ao que lhe estava sendo imposto. E, apesar disso, Amélie não pediu demissão, tampouco adoeceu, como comumente acontece entre as vítimas de assédio moral. Um paradoxo, podemos pensar.

Não foram poucas as situações degradantes que Amélie sofreu na Yumimoto. O fato de ser isolada e desempenhar uma função que não condiz com a que foi contratada, como servir café, por exemplo, já se caracteriza uma situação de assédio moral. Porém, essas humilhações sutis que Amélie vivenciava (ser esquecida em sua mesa, não ter nenhuma atividade significativa para realizar, tirar cópias do mesmo documento várias vezes, entre outros) passaram, aos poucos, a ações de muita humilhação. A princípio, dos gestores de maneira geral, como o Sr. Omochi e o Sr. Saito, mas, logo, é Fubuki que assume o papel de torturadora, conforme relata a autora, violentando seu corpo – o corpo erógeno mobilizado nas situações de trabalho, notado por Dejours (2012a) –, que a levou a recorrer a certos recursos para lidar com essa situação de excesso. Adiante discutiremos as respostas que a autora encontrou para o excesso de alteridade.

²⁸ Essa busca incessante de Amélie em provar ser uma japonesa será tema de nossa análise logo adiante.

Vejam os relatos de Amélie, em que ilustra, a nosso ver, uma ocorrência de assédio moral que sofreu do Sr. Saito, o qual, também, na mesma situação, foi vítima do Sr. Omochi. Na ocasião, Amélie havia servido café numa reunião importante da empresa e ao terminar a reunião, o Sr. Omochi, aos gritos, ordenou que o Sr. Saito fosse até sua sala. O clima de tensão tomou todo o departamento. Assim, logo que o Sr. Saito saiu da sala do vice-presidente, chamou Amélie até sua sala e num tom muito agressivo, disse:

- A senhora criou um clima execrável na reunião desta manhã: como haveria nossos parceiros de sentir-se à vontade com uma branca que entendia sua língua? A partir de agora, a senhora não fala mais japonês.

Olhei-o com os olhos arregalados:

- Perdão?

- A senhora não sabe mais japonês. Entendido?

- Mas foi por meu conhecimento de sua língua que a Yumimoto me contratou!

- Pouco me importa. Ordeno-lhe que não entenda mais japonês.

- É impossível. Ninguém pode obedecer a semelhante ordem.

- Sempre é possível obedecer. É o que os cérebros ocidentais precisam entender.

“Lá vamos nós”, pensei, para continuar:

- Talvez o cérebro nipônico seja capaz de se esforçar e esquecer uma língua. O cérebro ocidental não tem como.

Este argumento extravagante pareceu justificado ao Sr. Saito.

- Pois tente. Ou pelo menos finja. Recebi ordens a seu respeito. Estamos entendidos? (p. 15-16).

Na cultura nipônica, como vimos, as ações do *ijime* eram institucionalizadas e até mesmo naturalizadas, pois se acreditava que a estimulação da rivalidade entre os pares e a rigidez na educação dos mais novos, diminuía a possibilidade do indivíduo ser um profissional destinado ao fracasso. Essa mentalidade oriental ainda permanece em muitos espaços entre a população asiática, sobretudo nos ambientes organizacionais, onde a hierarquia é marcante e se acredita que o chefe, análogo à figura do imperador, tem o direito de ser rude com as pessoas e os funcionários, como fieis cidadãos nipônicos, têm o dever de respeitar, acima de tudo, a figura que detém o poder. Na Yumimoto, podemos dizer, a gestão é perversa, o *ijime* parece ter passe livre entre os pares e hierarquia e, essa prática perversa influencia a trama entre Amélie e Fubuki.

É importante considerarmos que as protagonistas estão inseridas num contexto onde o laço social se constitui pautado numa perversão social, em que, embora as humilhações entre os funcionários na Yumimoto eram contínuas e a sensação de mal-estar entre os funcionários do departamento eram aparentes, ninguém manifestava nenhuma opinião contrária à do gestor/agressor ou se opunha às degradações sofridas entre todos os escalões da empresa. Na Yumimoto, podemos afirmar, não foi apenas Amélie vítima de assédio, mas todos os funcionários, que de certo modo, foram vítimas de uma gestão perversa.

Amélie, por sua vez, estava sob as ordens de toda a hierarquia da empresa, mas era Fubuki, sua gestora imediata, a figura a quem devia se reportar dentro da empresa. Fubuki, então, após perceber que Amélie podia ser uma ameaça para ela na Yumimoto, pleiteando uma promoção em tão pouco tempo de trabalho, ao realizar um bom relatório para o Sr. Tenshi, direciona toda a sua perversidade à Amélie, passando a humilhá-la constantemente. Vejamos alguns exemplos.

Fubuki, ao ordenar a Amélie que trabalhasse na contabilidade da empresa, afirma, depois de ser questionada pela autora sobre a nova função de contadora: “– contadora seria exagero. Não a considero capaz de tanto. [...] Seu trabalho será mais simples, e, portanto, perfeitamente ao seu alcance,” disse Fubuki num tom irônico e com expressão pedagógica.

Essa atividade consistia em classificar as faturas da companhia em ordem cronológica e de acordo com cada seção que pertenciam. Amélie não acreditava que tivesse precisado concluir seus estudos superiores para desempenhar uma atividade que se resumia em copiar letras e números. Porém, após alguns dias realizando essa atividade, ouviu os gritos do Sr. Unaji, responsável por informatizar os dados que Amélie havia classificado:

- Não acredito! Não posso acreditar!

Ele [Sr. Unaji] virava as páginas num frenesi crescente. Logo passou a dar gargalhadas nervosas, que evoluíram para uma sucessão de gritinhos secos. Os quarenta empregados do escritório gigante olhavam-no estupefatos.

Eu me sentia mal.

Fubuki levantou-se e correu em direção a ele, que lhe mostrou numerosas passagens do livro de faturas, urrando de rir. Ela voltou-se para mim, sem compartilhar a hilaridade aflita de seu colega. Pálida, chamou-me:

- Que é isto? – perguntou-me secamente, mostrando uma das linhas incriminadas.

Eu li:

- Muito bem, é uma fatura da GMBH com data de...

- A GMBH? A GMBH! – exaltou-se ela.

Os quarenta empregados da seção de contabilidade caíram na gargalhada. Eu não entendia nada.

- Quer por favor explicar-me o que é GMBH? – exigiu minha superiora, cruzando os braços.

- É uma empresa química alemã com a qual estamos sempre fazendo negócios.

As gargalhadas redobraram. [...] Fubuki, de sua parte, continuava sem rir. Seu rosto exprimia a mais terrível das cóleras contidas. Se pudesse, dava-me uma bofetada.

- Idiota! Fique sabendo que GMBH é o equivalente alemão do inglês Ltd., do francês S.A.

- [...] Mas que ideia, esses alemães escolheram uma sigla tão longa para dizer S.A.!

- Então é isto! Provavelmente é culpa dos alemães se você é tão estúpida. (p. 47-48).

Embora Amélie não relate ter sido vítima de assédio, acreditamos que as humilhações e a tentativa de mantê-la passiva na Yumimoto caracterizam-se como ocorrências do *ijime*. Vimos com Hirigoyen (2000) e Freitas (2001), que o assédio moral inicia-se quase que imperceptível no espaço de trabalho, um abuso de poder qualquer, mas, aos poucos, torna-se um ato perverso, cuja intencionalidade é destruir a identidade da vítima. Aqui está um ponto curioso: para a Yumimoto, Amélie não é japonesa, não é nada, por isso tantas ofensas quanto a sua origem ocidental – o assédio se materializa na recusa dos pares e da hierarquia de reconhecê-la como uma profissional. Já, para a autora, é uma questão de honra mostrar que ela é japonesa.

A principal forma de desestabilizar psicologicamente a vítima, além das ofensas e humilhações, assinala Hirigoyen (2000), é a recusa à comunicação – o silêncio e a estimulação de sentimentos de inutilidade – pois, dessa forma, deixará a vítima confusa perante à ambiguidade criada no ambiente de trabalho.

Esse período de sentimentos ambíguos, acompanhado por questionamentos, pode ser evidenciado em Amélie: “Eu me perguntava por que diabos não me teria demitido: não estava suficientemente claro que eu jamais iria concluir a centésima parte sequer do meu trabalho?” (p. 61). “Ela [Fubuki] tinha outros subordinados, além de mim. Eu não era a única pessoa que a odiava e a desprezava. Podia ter optado por martirizar outros, mas só exercia sua crueldade comigo. Devia ser um privilégio.” (p. 120). “Sua necessidade de humilhar-me era assim tão descomunal? E se assim fosse, qual seria a verdadeira natureza de seus sentimentos a meu respeito?” (p. 127). Encontramos em seus questionamentos algo de enigmático, sobretudo quando se indaga sobre as intenções de Fubuki (que queres de mim?). Paira no ar algo de sedução, tanto que Amélie vai se sentir muito atraída pela beleza de sua gestora.

Logo após essa fase da ambiguidade, o assediado passa efetivamente a se culpar e toma para si os rótulos que lhes são atribuídos no espaço de trabalho, o que implica diretamente o desempenho de suas atividades de trabalho, bem como sua saúde psíquica e física, ressalta Hirigoyen (2000). Amélie vivenciou o silêncio e a inutilidade no seu espaço de trabalho e, em seu discurso, podemos observar os sentimentos que a tomavam. “Meu espírito não era das raças dos conquistadores, mas da espécie das vacas que pastam no prado das faturas à espera de que passe o trem da graça. Como era bom viver sem orgulho nem inteligência. Eu estava hibernando.”(p. 46). Ou ainda,

Do fundo de minha inimaginável ausência de ambição, nenhum destino me parecia melhor que ficar sentada em minha mesa contemplando as estações no rosto de minha superiora. Servir o chá e o café, atirar-me regularmente pela janela e não utilizar minha calculadora eram atividades que preenchiam minha necessidade mais frágil de encontrar um lugar na sociedade. (p.87).

Relembremos que o prazer do agressor está no ato de humilhar o outro, afirma Hirigoyen (2000), mas, esse outro tem que ser forte o suficiente para aguentar por um longo período as humilhações. Amélie tentou encontrar estratégias para vencer a inutilidade, desde as tarefas mais simples, como pontuamos, como, também, pleitear uma promoção ao realizar uma pesquisa sobre a extração de gordura da manteiga na Bélgica, a pedido do Sr. Tenshi. Contudo, foi a partir dessa iniciativa de Amélie que Fubuki entendeu a possível promoção como uma trapaça. Começou então o martírio de Amélie, ou como ela mesma relata, passou a viver numa “câmara de tortura” (p. 69).

A dissimetria instaurada na relação Fubuki e Amélie desperta a atenção, na medida em que nos deixamos levar pela leitura flutuante dos relatos da autora. Vamos tomar o assédio moral como um excesso de alteridade para analisar as respostas que Amélie encontrou para essas mensagens sexuais oriundas de seus superiores que se expressam no que, para o mundo ocidental, seria assédio. E, ainda, o porquê de ela não desenvolver nenhum sintoma, como geralmente acontece entre as vítimas de assédio. Para tanto, optamos em analisar as cenas²⁹ descritas pela autora, por partes. A primeira cena é a sua relação com Fubuki.

Apesar de Amélie afirmar que não deixaria seu trabalho por honra, acreditamos que sua ligação erótica com a Fubuki foi um dos fatores que a fez aguentar as contínuas degradações em seu trabalho (a erotização como um mecanismo de defesa e de satisfação). Em princípio, pensamos a figura de Fubuki como assistente de tradução, pois a autora, quando humilhada, contava com o olhar, com o sorriso e com as palavras de apoio de sua superiora, numa franca transferência materna.

A autora nos conta que, ao receber a ordem de não mais falar japonês, se pergunta como faria isso. Percebe, então, o olhar sensível de Fubuki que, de certo modo, lança enigmas e a faz tomar a decisão de permanecer na empresa. Por outro lado, acreditamos, também, que a solidariedade dos colegas de trabalho tenha sido um elemento importante que fez com que Amélie não adoescesse, ou pedisse demissão. Após Amélie receber a ordem de limpar os banheiros da seção da contabilidade, algo importante acontece entre os funcionários do departamento. Quanto ao banheiro feminino, as únicas mulheres eram Amélie e Fubuki, e essa intensificou suas idas ao banheiro, como uma forma de menosprezar Amélie. Porém, muitos dos trinta e oito funcionários restantes passaram, aos poucos, a utilizar o banheiro masculino dos outros andares. Segundo Amélie, o uso do banheiro do departamento passou a ser um “ato político” (p.112).

Segundo Dejours e Begès (2010), o apoio dos colegas de trabalho, principalmente diante de um caso de assédio, possibilita o reconhecimento da veracidade das degradações do assediador. É como se o coletivo dissesse à vítima que as ofensas são desqualificadas e injustas, fortalecendo o ego do assediado. Por outro lado, quando há a fomentação do assédio, os colegas legitimam o que está sendo

²⁹ Vamos tomar os relatos da autora como cenas para poder analisá-las.

colocado pelo agressor, e isso, para os autores, é o que leva a pessoa a adoecer, a abrir mão de uma carreira ou a cometer suicídio.

Além dessa suposição, temos outra consideração importante, mas, para isso, precisamos aprofundar um pouco mais a nossa análise.

Levamos a hipótese, também, de que a beleza de Fubuki, tão admirada pela autora, lhe dava elementos para elaborar a perda do Japão de sua infância, um lugar nostálgico em que quisera sempre voltar, desde seus cinco anos de idade, quando a família teve que se mudar para a China, e que a fez, com apenas três anos de idade, preferir morrer em solo japonês a ter que ir embora com a família para qualquer outro lugar³⁰.

A autora, em *Medo e Submissão* (2001), relata um pouco dessa sua nostalgia pela Japão:

À noite, só com má vontade se diria que nenhuma das habilitações pelas quais fora contratada me havia servido. Afinal de contas, o que eu queria era trabalhar numa empresa japonesa. Pois lá estava. [...] Eu ainda não entendia qual era o meu papel na empresa – o que me era indiferente. O Sr. Saito parecia achar-me deplorável – o que me deixava ainda mais indiferente. Eu estava encantada com minha colega. Sua amizade parecia-me uma razão mais que suficiente para passar dez horas por dia na companhia Yumimoto. [...] Fubuki encarnava à perfeição a beleza nipônica, com a inacreditável exceção de sua altura. Seu rosto assemelhava-se ao “cravo do velho Japão”, símbolo da nobre mocinha de tempos idos: pousado naquela imensa silhueta, ele estava destinado a dominar o mundo. (p.11).

Lembremos que, para Laplanche (2003), frente a uma mensagem enigmática, a criança tem que recorrer a códigos para conseguir traduzi-las, pois que, por estar parasitada pelo sexual, não pode ser compreendida rapidamente. Precisamente, apenas *après-coup*, ela será reconhecida e elaborada, ou recalçada. Contudo, os códigos inatos não são suficientes para dar conta das mensagens de alteridade, portanto, precisará de assistentes de tradução que são fornecidos pelo próprio adulto e, logo, pela cultura como um todo.

³⁰ Dados obtidos através do livro *Metafísica dos tubos* (2000).

As mensagens da SAF não são traduzidas completamente, pois, conforme pontua Laplanche (1999c), o processo de tradução é sempre falho, ficando os restos não traduzidos (objetos-fontes) no inconsciente recalado. Essas mensagens, assim como outras mensagens que passam a habitar esse estoque de mensagens (Laplanche, 2003), fazem dos indivíduos seres que estão num contínuo processo de tradução-destrução e retradução. Ou seja, num movimento de antigas traduções sobre a realidade, o que lhe possibilita uma nova vivência diante dos fatos potencialmente traumáticos já vividos, agora com uma nova visão de mundo e com mais mensagens traduzidas.

Nesse sentido, notamos que, desde que Amélie retornou ao Japão, ao entrar na empresa, mensagens não traduzidas entraram em movimento, demandando novas traduções. As mensagens atualizadas *après-coup* na empresa e que dizem respeito à infância da Amélie, possibilitaram, talvez, que ela não adoecesse na empresa, pois encontrara nelas elementos para a tradução do enigmático. Ou seja, o que seria traumatizante, em termos de assédio moral, termina sendo um meio para a tradução de outras mensagens atualizadas. O movimento das mensagens enigmáticas nos parece ter ficado ainda mais intenso com a presença de Fubuki, levando-nos a supor que o encontro com a figura japonesa despertou na autora o sexual/pulsional ou, ainda, que Fubuki mobilizou em Amélie sentimentos que estavam subjugados pela força do inconsciente desde sua tenra infância, ainda quando vivia em solo japonês.

O encontro entre Amélie e Fubuki despertou o processo tradutivo em ambas as personagens, possibilitando novos destinos às mensagens que ainda estavam à espera de traduções. Quanto a Amélie, temos a impressão de que a autora, ao ver a beleza do Japão bem a sua frente, objeto de amor perdido, erotiza sua relação com Fubuki, talvez, como uma forma de dominar o excesso que aquela figura lhe causou, realizando assim, traduções. O erotismo presente nos relatos da autora sobre Fubuki se apresentam como uma modalidade de satisfação sexual, desejos homossexuais que ganham força diante da beleza, da origem nipônica e do sucesso profissional de Fubuki, excitando Amélie e levando-a a contemplar, incessantemente, a figura da sua superiora. Isso, provavelmente tem relação com a sedução durante o cuidado, pois, talvez, atrás de Fubuki, esteja a babá Nishio-san, como discutiremos logo mais.

Dois metros a minha frente, o espetáculo de seu rosto era cativante. Suas pálpebras abaixadas para os números impediam-na de ver que eu a observava. Tinha ela o mais belo nariz do mundo, o nariz japonês, esse nariz inimitável, de

narinas delicadas e reconhecíveis entre mil outras. Nem todos os japoneses tem esse nariz, mas quem o tem só pode ser de origem nipônica. (p.11).

Ou, ainda, enquanto tentava realizar cálculos, o que para Amélie era seu maior martírio, contemplava a beleza de Fubuki:

Não demorava muito para que, entre duas somas, eu erguesse a cabeça para contemplar aquela que me mandara para a tortura. Sua beleza me deixava pasma. Eu lamentava apenas seu *brushing* arrumadinho, que imobilizava seus cabelos meio longos numa curva imperturbável cuja rigidez significava: “Eu sou uma *executive woman*.” Entregava-me então a um exercício delicioso: despenteava-a mentalmente, dando liberdade àquela cabeleira de esplêndido negror. Meus dedos imateriais conferiam-lhe um admirável *negligé*. Às vezes eu exagerava, deixando-lhes os cabelos num tal estado que ela parecia ter passado uma noite louca de amor. Esta selvageria tornava-a sublime. (p.60).

Já em Fubuki, a presença de Amélie é muito excitante, tal qual a presença da criança é para o adulto na SAF, pois entendemos que a desvantagem de Amélie diante de Fubuki, reatualiza fantasias sexuais, talvez da ordem da crueldade, da dominação e do sadismo. De certa forma, ambas estabelecem uma relação sadomasoquista, própria de uma organização com hierarquia marcante, como a japonesa. Devemos lembrar que Laplanche (2003), no artigo *Três acepções da palavra “inconsciente” no quadro da Teoria da Sedução Generalizada*, afirma que o inconsciente sexual do adulto é reativado na comunicação dissimétrica adulto-*infans* e, ao deslocarmos essa dissimetria para a dupla Fubuki-Amélie, supomos que Fubuki, tentando dominar o sexual despertado, acaba deixando-o escapar e direciona sua agressividade em Amélie, caracterizando, assim, o assédio moral.

Figueiredo (1999) pontua que, quando há um excesso de investimento libidinal nas relações de trabalho, é esperado muito prazer entre os nele envolvidos. Quanto a Amélie, o investimento direcionado a sua superiora e à Yumimoto, a fez, de certo modo, se desinteressar da sua vida fora da organização, e isso pode ser evidenciado no seguinte relato:

[...] quando me encontrava em meu posto de trabalho, nos banheiros do quadragésimo quarto andar da Yumimoto, tratando de recolher os vestígios das imundícies de um executivo, era-me impossível imaginar que fora daquele

prédio, a onze estações de metrô dali, havia um lugar onde as pessoas me amavam, me respeitavam e não viam qualquer relação entre uma escova de latrinas e eu. Quando esta parte noturna de meu cotidiano me vinha à lembrança naquele lugar de trabalho, eu só podia pensar da seguinte maneira: “Não, você inventou essa casa e essas pessoas. Se tem a impressão de que eles existem há mais tempo que a sua nova tarefa, é uma ilusão. Abra os olhos: que peso tem a carne desses preciosos humanos diante da eternidade da louça dos sanitários? Lembre-se daquelas fotos de cidades bombardeadas: as pessoas estão mortas, as casas, arrasadas, mas as latrinas ainda se erguem em direção ao céu, encarapitadas em tubulações em ereção. Quando o Apocalipse houver realizado a sua obra, as cidades não passarão de florestas de latrinas. O quarto acolhedor em que você dorme, as pessoas que ama são invenções compensatórias da sua mente. (p. 121).

A cena que gostaríamos de apresentar agora é a trama que leva Amélie a limpar os banheiros de seu departamento. No resumo do livro, o leitor pôde acompanhar o desenrolar de acontecimentos que levaram a autora a assumir essa função. Pois bem, há na relação entre Fubuki e Amélie uma rivalidade de cunho libidinal, rivalidade encontrada na situação edípica, que envolve a disputa pela posse da figura sexual incestuosa e de desejos e sentimentos eróticos. E que, no caso das personagens, essa figura pode ser transposta aos líderes da empresa, pois ambas parecem digladiar pela exclusividade do reconhecimento (e amor) do Sr. Omochi e do Sr. Saito. Fubuki levou muito tempo para conquistar um cargo importante na Yumimoto, sofreu inúmeras humilhações, conforme relata Amélie.

Fubuki ficou muito enciumada com a possibilidade de Amélie ser a queridinha dos chefes e, conforme dissemos acima, com Hirigoyen (2000), os sentimentos de ciúme e inveja, quando evadidos da formação reativa, podem levar os indivíduos a cometerem atos perversos uns com o outro. Geralmente, afirma a autora, esses sentimentos são comuns nos espaços de trabalho, no entanto, esses sentimentos, quando em excesso e associados às deslealdades e aos interesses narcísicos de cada um, podem desencadear situações de assédio moral.

Percebemos aqui, quanto o contexto organizacional é perverso com Amélie e Fubuki – a competição exacerbada da economia vigente, a hierarquia tão marcante na organização japonesa, o *ijime* – elementos estes, que colocam os pares uns contra os

outros, num pleno espaço de rivalidade. A confiança e a solidariedade que existiam entre Fubuki e Amélie desaparecem frente ao sentimento de ameaça, pois enquanto Amélie era apenas uma ocidental servindo café e tirando fotocópias para o Sr. Saito, não era vista como uma rival por Fubuki. Contudo, a partir do momento em que Amélie despertou a admiração do Sr. Tenshi, demonstrando suas capacidades - como uma irmã mais nova que chega para roubar o amor dos pais - Fubuki impõe à Amélie situações humilhantes como uma tentativa de desqualificá-la diante dos chefes, chegando à situação, mais que inusitada, de ordená-la a lavar os banheiros do quadragésimo quarto andar da Yumimoto, ato extremo, podemos dizer, do *ijime*.

Para nós, o banheiro também tem um tom sexual nessa trama, uma analidade exacerbada que perpassa toda a cena em torno dele. Além do sujo, das fezes, do pecado e da passividade a que a analidade nos remete, há também o prazer. O banheiro foi, muitas vezes, espaço de refúgio para Fubuki e Amélie, quando terrivelmente humilhadas. A autora relata uma cena interessante: após Fubuki ser humilhada pelo Sr. Omochi, o que Amélie descreve como uma violação, o lugar que sua gestora encontra para se recompor é o banheiro. Amélie vai até ao banheiro ver aquela bela japonesa humilhada, tentando dar conta do seu próprio enigma: “o que é ser uma mulher japonesa?”. Contudo, embora Amélie afirme que foi ao banheiro para ser solidária à sua torturadora, nós interpretamos, também, que seu ato foi de vingança, impregnado de muito prazer, pois de certa forma, ela sabia que Fubuki se sentiria ainda mais humilhada ao ser vista chorando por uma rival, subordinada e, além de tudo, uma ocidental. É como se Amélie fosse ao banheiro prestar solidariedade a Fubuki desfazendo, assim, qualquer diferença hierárquica. Ambas estariam na mais baixa escala, mas logo Fubuki vai marcar a diferença entre elas. Acompanhemos partes dessa cena:

A porta da seção de contabilidade cedeu como uma barragem antiga sob a pressão da massa de carne do vice-presidente, que desembestou entre nós. Ele se deteve no meio da peça e gritou, com uma voz de ogro exigindo sua refeição:

- Fubuki-san!

Soubemos então quem seria imolada em sacrifício ao apetite de ídolo cartaginês do obeso. Aos poucos segundos de alívio sentido pelos que se viam provisoriamente poupados sucedeu um frêmito coletivo de sincera empatia.

Minha superiora imediatamente se ergue, empertigada. Olhava reto a sua frente, em minha direção, portanto, mas sem me ver. Magnífica naquele terror contido, ela esperava o que lhe estava reservado.

Por um momento, julguei que Omochi desembainharia um sabre oculto entre duas almofadas para cortar-lhe a cabeça. Se ela caísse em minha direção, eu a apanharia e acariciaria até o fim dos meus dias.

“Mas não”, pensava eu, “já passou a época desses métodos. Ele vai fazer como de hábito: convocá-la ao seu gabinete e passar-lhe a carraspana do século.”

Fez bem pior. Estaria se sentindo mais sádico que de hábito? Ou seria por ser sua vítima uma mulher, e ainda por cima uma belíssima jovem? Não foi em seu gabinete que ele lhe passou a carraspana do milênio: foi ali mesmo, diante dos quarenta funcionários da seção de contabilidade.

Não se poderia pensar imaginar situação mais humilhante para qualquer ser humano, quanto mais para qualquer japonês, e quanto mais ainda para a orgulhosa e sublime Srta. Mori, do que aquela destituição pública. O monstro [Sr. Omochi] queria que ela ficasse arrasada, estava claríssimo.

Aproximou-se lentamente dela, como para saborear antecipadamente a força de seu poder destruidor. Fubuki nem piscava. Estava mais magnífica que nunca. Mas logo os lábios transidos começaram a tremer e ele desfiou uma salva de urros que não tinha mais fim.

Os toquiotas têm tendência a falar em velocidade supersônica, sobretudo quando discutem. [...] Mas ainda que a língua japonesa me fosse estranha, eu teria entendido o que estava acontecendo: infligia-se a um ser humano uma humilhação indigna, e a três metros de mim. Era um espetáculo abominável. Eu teria pago caro para que chegasse ao fim, mas ele não cessava: o estrondo que saía do ventre do torturador parecia inesgotável.

[...] Eu provavelmente era ingênua de ficar me perguntando em que consistia o crime de minha superiora. O mais provável era que nada houvesse a recriminar. O Sr. Omochi era o chefe: tinha, portanto o direito, se assim quisesse, de encontrar um pretexto bobo para projetar seus apetites sádicos naquela moça com ares de manequim. Não precisava se justificar.

Veio-me de repente a ideia de que estava assistindo a um episódio da vida sexual do vice-presidente, que decididamente merecia seu título: com um físico daquela amplitude, ainda seria capaz de dormir com uma mulher? Em compensação, seu volume tornava-o tanto mais apto a berrar, a fazer tremer com seus gritos a frágil silhueta daquela beldade. Na realidade, ele estava violando a Srta. Mori, e se se

entregava a seus mais baixos instintos na presença de quarenta pessoas era para adicionar a seu gozo a volúpia do exibicionismo.

Esta explicação era tão justa que eu vi o corpo de minha superiora se quebrando. E, no entanto ela era rígida, um monumento de altivez: se seu físico estava cedendo, era a prova de que estava sendo submetida a um ataque sexual. Suas pernas a abandonaram como as de uma amante desancada, e ela caiu sentada em sua cadeira.

Seu eu fosse a interprete simultânea do discurso do Sr. Omochi, eis o que eu teria traduzido:

- Sim, eu peso cento e cinquenta quilos e você, cinquenta, juntos pesamos dois quintais e isto me excita. Minha gordura me atrapalha os movimentos, eu teria dificuldade para te fazer gozar, mas graças a minha massa posso te derrubar, te esmagar, e adoro isto, sobretudo com esses cretinos que estão nos olhando. Adoro que sofras em teu orgulho, adoro que tenhas o direito de não defender-te, adoro este tipo de estupro!

Eu não devia ser a única que entendera a natureza do que estava acontecendo: ao meu redor, os colegas estavam mergulhados em profundo mal-estar. [...] Por volta do fim, houve um momento particularmente desarmante: como provavelmente se dá quando se sofre um estupro, revelou-se que Fubuki havia regredido. Não sei se fui a única a ouvir articular-se uma frágil vozinha, uma voz de menina de oito anos, que gemeu duas vezes:

- *Okoruna. Okoruna.*

O que significa, no registro de linguagem do arrependimento mais infantil, mais familiar, aquele que seria usado por uma menininha para protestar contra seu pai, ou seja, aquele que precisamente a que a Srta. Mori nunca recorria para dirigir-se a seu superior.

- Não fique zangado. Não fique zangado.

Suplica tão ridícula como a de uma gazela já talhada em pedaços e semidevorada pedindo à fera que a poupasse. Mas, sobretudo um desrespeito inconcebível ao dogma da submissão, da proibição de defender-se contra o que vem de cima. O Sr. Omochi pareceu minimamente desorientado por aquela voz, o que não o impediu de gritar mais alto ainda, pelo contrário: haveria provavelmente naquela atitude infantil motivo de ainda maior satisfação para ele.

[...] Silêncio mortal na seção de contabilidade. A não ser eu, ninguém ousava olhar para a vítima que permaneceu prostrada por alguns minutos. Quando teve forças para levantar-se, esgueirou-se dali sem dizer palavra.

Não tive a menor dúvida quanto ao lugar para onde se dirigia: para onde vão as mulheres violadas? Onde há água corrente, onde se pode vomitar, onde quase não há ninguém. Na sede da Yumimoto, o lugar que melhor preenchia essas exigências era o banheiro.

Foi lá que cometi minha gafe. (p. 87 – 93).

Em torno dessa cena, vamos tecer algumas observações. O relato da situação de humilhação de Fubuki por seu gestor, Sr. Omochi, indica que Fubuki foi colocada na posição de objeto de gozo do agressor, que exerce seu sadismo e encontra prazer, sobretudo, na presença dos espectadores. Algo que Hirigoyen (2000) assinala e que Amélie interpreta muito bem é o prazer sentido pelo agressor diante da passividade da vítima (uma excitação diante da fragilidade), de uma espécie de paralisação que impede a vítima de reagir às humilhações. O prazer do agressor está aí, em destruir a identidade da sua vítima, controlando, de certa forma, sua reação.

O olhar de Amélie e do restante dos funcionários da seção de contabilidade, já que todos foram tomados por um mal-estar, nos leva a reafirmar que o assédio moral é de ordem sexual e, desse modo, nuances da sexualidade polimórfica perversa do agressor são intrometidas à vítima que, diante da sexualidade excessiva, busca alguma resposta; uns adoecem, outros cometem “suicídio laboral” conforme vimos com Cleber. Porém, Fubuki, de imediato, regride, como uma criança de oito anos, suplicando, ao pai, clemência. Entendemos, ainda, que essas mensagens excessivas também foram intrometidas aos que assistiam à cena, talvez com menos violência que em Fubuki, mas que causou neles a sensação de um corpo estranho, por isso, o mal-estar.

Amélie, por sua vez, se revolta frente a essa postura passiva de sua gestora, mas não se dá conta de que, aceitando lavar os banheiros da Yumimoto, estava também sendo colocada numa espécie de passividade. E isso nos parece ser insuportável para a autora, que responde à alteridade com muita erotização, como se, seduzindo a todos, semelhante também a um comportamento infantil, conseguisse controlar o sexual excessivo que vem do outro e a invade, mobilizando a sua própria sexualidade.

Sobre a analidade, que ressaltamos acima, vamos propor uma relação entre analidade e sadomasoquismo. Falamos que presenciar sua gestora num momento de

fragilidade foi um ato de vingança, envolvido por muito prazer. Ademais, nos diálogos entre elas, em que uma chama a outra de retardada e a outra concorda, fazendo disso um jogo, há também muito prazer em cena. Freud (1905/1996), em *Três ensaios sobre a sexualidade*, assinala que elementos da sexualidade perversa polimórfica podem ser observados tanto na vida infantil, como nas atividades e relacionamentos erotizados, bem como na perversão. Nas duas personagens encontramos elementos polimórficos perversos, cada uma com sua singularidade, mas que, de maneira comum, há a forte presença de componentes sádicos e masoquistas.

Vamos nos deter em Amélie, já que são suas vivências nosso objeto de análise. Amélie, tomada por desejos homossexuais, fica muito excitada frente aos ataques de sua torturadora, o que podemos entender como um masoquismo. Mas, por outro lado, como vimos na cena acima, presenciar a humilhação e o sofrimento de Fubuki, deixou-a também excitada, pois diante do terror vivenciado pela gestora, esta parecia ainda mais sublime.

As humilhações sofridas por Amélie, por ser ocidental, juntamente com os rótulos de retardada mental, burra, incapaz (uma espécie de jogo sexual entre ela e Fubuki), nos parecem um interessante sadomasoquismo disfarçado. Nas cenas, encontramos tanto em Fubuki, como em Amélie, muito prazer. O relato a seguir, assemelha-se a um ato sexual, em que Fubuki, detentora do poder, sente uma enorme satisfação sexual diante da passividade/submissão de Amélie. Por sua vez, a agressividade de Fubuki parece, também, despertar muita excitação em Amélie. Vamos descrever o relato na íntegra, para que o leitor compreenda a cena. Amélie solicita uma conversa com Fubuki, após vencer seu contrato de trabalho para informar seu pedido de demissão. Fubuki inicia o diálogo:

- E então? Tinha algo a dizer-me?

Para esconder a boca, que se contorcia, eu abaixei a cabeça o máximo possível, o que me deu uma aparência de humanidade que deve ter agradado a minha superiora.

- Está chegando o fim de meu contrato e eu queria lhe anunciar, com todo o pesar de que sou capaz, que não vou poder renová-lo.

Minha voz era a voz submissa e temerosa da inferior arquetípica:

- Ah é? E por quê? – perguntou-me ela secamente.

Que formidável pergunta! Eu não era a única a estar ali representando uma comédia. Não me deixei surpreender, e lancei esta caricatura de resposta:

- A companhia Yumimoto me proporcionou grandes e múltiplas oportunidades de mostrar minha capacidade. Serei eternamente grata por isto. Mas infelizmente não consegui mostrar-me à altura da honra que me era conferida.

Tive de deter-me para voltar a morder as bochechas, tão cômico me parecia o que eu estava dizendo. Já Fubuki não parecia ver graça nenhuma naquilo, pois disse:

- Com efeito. Em sua opinião, por que não conseguiu mostra-se à altura?

Não pude me impedir de erguer a cabeça e olhá-la com espanto: seria possível que ela me estivesse perguntando por que não estava à altura das latrinas da empresa? Sua necessidade de humilhar-me era assim tão descomunal? E se assim fosse, qual seria a verdadeira natureza de seus sentimentos a meu respeito? Olhando nos seus olhos, para não perder sua reação, pronunciei o seguinte disparate:

- Por que eu não tinha capacidade intelectual.

Importava-me menos saber que capacidades intelectuais seriam necessárias para limpar uma pia suja do que ver-se tão grotesca demonstração de submissão agradaria minha torturadora.

Seu rosto de japonesa bem-educada manteve-se imóvel e inexpressivo, e eu tive de observar o sismógrafo para detectar a leve crispção de suas mandíbulas provocadas por minha resposta: ela estava gostando.

Não haveria portanto de deter-se naquela rota do prazer. E prosseguiu:

- Também acho. Como se explica esta incapacidade em sua opinião?

A resposta não precisava ser buscada. Eu me divertia à larga:

- É a inferioridade do cérebro ocidental em relação ao cérebro nipônico.

Encantada com minha docilidade ante seus desejos, Fubuki encontrou uma réplica à altura:

- É certamente um dado. Mas não devemos exagerar a inferioridade do cérebro ocidental médio. Não acha que esta incapacidade vem antes de uma deficiência própria do seu cérebro?

- Com certeza.

- No início, eu achava que você queria sabotar a Yumimoto. Jure que não bancava a estúpida de propósito.

- Juro.

- Tem consciência de sua deficiência?

- Sim. A Yumimoto me ajudou a me dar conta.
- O rosto de minha superiora continuava impassível, mas eu sentia por sua voz que sua boca estava ficando ressecada. Eu estava feliz por lhe proporcionar finalmente um momento de volúpia.
- Quer dizer então que a empresa lhe prestou um grande serviço.
- Serei eternamente grata por isso.

Eu estava adorando o rumo surrealista que a conversa tomava, elevando Fubuki e um inesperado sétimo céu. No fundo, era um momento de grande emoção.

“Querida tempestade da neve³¹, se eu puder por tão pouco ser o instrumento de teu prazer, não te faças de rogada, ataca-me com teus flocos ásperos e duros, com tuas saraivadas talhadas no sílex, suas nuvens estão tão carregadas de raiva, eu aceito ser a mortal perdida na montanha sobre a qual elas descarregam sua ira, recebo em pleno rosto seus mil perdigotos gelados, não me custa nada e é um belo espetáculo esta tua necessidade de talhar minha pele na base de insultos, atira à queima-roupa, cara tempestade de neve, recusei-me a ter os olhos vendados ante teu pelotão de fuzilamento, pois há tanto tempo esperava ver o prazer em teu olhar.”

Achei que ela gozara, pois me fez uma pergunta que parecia simples formalidade:

- E depois, que pretende fazer?

Eu não pretendia falar-lhe dos manuscritos que estava preparando. Saí-me com uma banalidade:

- Talvez eu possa ensinar francês.

Minha superiora explodiu num riso desdenhoso.

- Ensinar?! Você? Acha que é capaz de ensinar?

Magnífica tempestade de neve, nunca sem munição!

Entendi que ela queria mais. Não ia portanto responder-lhe totalmente que tinha um diploma de professora. Abaixei a cabeça.

- Tem razão, ainda não tenho consciência dos meus limites.
- Com efeito. Francamente, que profissão poderia exercer?

Eu tinha de abrir-lhe caminho para o paroxismo do êxtase.

³¹ Segundo Amélie, é o significado do nome Fubuki. (p. 19)

No antigo protocolo imperial nipônico, estipula-se que se haverá de dirigir a palavra ao imperador com “estupor e estremecimento”. Eu sempre adorei esta regra, que tão bem corresponde ao jogo dos atores nos filmes de samurai, quando se dirigem ao chefe, a voz traumatizada por um respeito sobre-humano.

Enverguei portanto a máscara do estupor e comecei a tremer. Mergulhei um olhar cheio de medo no daquela jovem, e gaguejei:

- Você acha que me aceitaria na prensagem do lixo?

- Sim! – fez ela com um pouco de entusiasmo demais.

Ela respirou fundo. Eu tinha conseguido. (*sic*, p. 126-130).

Podemos salientar que, na cena descrita, ambas encontram satisfação sexual diante das humilhações, pois como veremos a seguir, o humor de Amélie é uma resposta sexual frente ao excesso das mensagens de assédio. Além do mais, é difícil não cogitarmos que, nas cenas em que as mensagens de assédio estão presentes, como o trecho acima, a sexualidade polimórfica perversa encontra acesso livre; tendo em vista que juntamente com o sexual veiculado pelo inconsciente tanto de Fubuki, como de Amélie, o polimórfico, isolado no inconsciente, escapa, deflagrando excitações da ordem perversa, em ambas as personagens. Não podemos esquecer que Amélie, embora vítima das agressões, aceita participar do jogo sexual com Fubuki, portanto, é parte atuante na trama que leva às ocorrências de assédio. Assim, se distanciando, de certa forma, da passividade em que geralmente a vítima de assédio é colocada, em que encontramos as patologias, o suicídio laboral (Martins, 2010) ou, em casos mais graves, o suicídio.

Por outro lado, acreditamos que, de algum modo, Amélie também assedia Fubuki. A contemplação contínua de Amélie, provavelmente, deve causar uma sensação de violação em Fubuki e a resposta que ela encontra para esse excesso são as ações agressivas. Ainda, cogitamos que as humilhações que Fubuki impõe à Amélie sejam uma forma de defesa contra o aparente desejo homossexual de Amélie.

Já a resposta dada por Amélie ao excesso de alteridade pode ser entendida como uma busca contínua de satisfação pulsional/sexual. Por isso, aqui, reafirmamos a presença de elementos sadomasoquistas na autora. Em Freud (1919/2010), no texto “*Batem numa criança*”, encontramos elementos sadomasoquistas na fantasia de que uma criança está sendo surrada, fantasia que surge na tenra infância como autossatisfação erótica, traço primário de perversão. Essa perversão pode ser substituída

por uma formação reativa ou transformada por uma sublimação ao longo do desenvolvimento infantil, explica Freud (1919/2010). Contudo, falhas nesses processos podem fazer com que essa perversão seja mantida na vida adulta e casos como perversão e fetichismo podem estar relacionados com os componentes sexuais desprendidos prematuramente dos outros processos no desenvolvimento infantil.

Na primeira fase da fantasia de surras, proposta por Freud (1919/2010), entende-se como: “*meu pai bate na criança*” (p.302). Nessa fase, a criança que fantasia não é a mesma que apanha, é sempre outra, mas, como o sexo da criança surrada é indefinido, o autor sugere não tomarmos essa fantasia como masoquista, tampouco como sádica, ao passo que a criança que fantasia não é a mesma que bate. Esse outro pode ser um irmão, com quem tem que dividir o amor dos pais, por isso esse outro/irmão que apanha acaba satisfazendo o ciúme da criança que fantasia e seus interesses egoístas.

Já na segunda fase, compreendida como: “*sou castigada por meu pai*” (p.302), a criança que apanha é a mesma que fantasia e Freud (1919/2010) chama a atenção para a forte presença do prazer nessa fase. Essa fantasia dar-se-á apenas como construção em análise, pois ela jamais se torna consciente, mas nem por isso, afirma o autor, deixa de ser masoquista. A perda do amor do pai, como satisfação do sentimento de culpa por ser, na fantasia, o objeto incestuoso, faz com que essa fantasia seja de caráter masoquista, pois, de acordo com Freud (1919/2010), é a consciência de culpa que possibilita a transformação do sadismo em masoquismo. Ainda nessa fase, o autor afirma que há uma regressão pré-genital, sádico-anal da vida sexual da criança.

“Meu pai me ama” tinha um sentido genital; devido à regressão se converte em: “Meu pai bate em mim (apanho de meu pai)”. Ser golpeado é agora uma convergência de consciência de culpa e erotismo; *é não só o castigo pela relação genital proibida, mas também o substituto regressivo para ela*, e desta última fonte retira a excitação libidinal que a partir de então estará unida a ele e que achará desafogo em atos masturbatórios. Essa é, enfim, a essência do masoquismo. (Freud, 1919/2010, p.308, grifos do autor).

Por fim, na terceira fase, o pai pode ser substituído por um representante, como um professor, por exemplo. A pessoa que fantasia aparece apenas como espectador, e agora, muitas crianças apanham. A surra, nessa fase, pode ser trocada por castigos ou humilhações. Freud (1919/2010) ressalta que há muita excitação sexual nessa fantasia, em que o presenciar as humilhações possibilita a satisfação masturbatória. É o sadismo

que marca a terceira fase. Contudo, o autor assinala que apenas a forma da fantasia é sádica, pois a satisfação obtida dela é masoquista, já que “todas as crianças indefinidas que levam surra do professor são, afinal, substitutos da criança mesma.” (p.310).

Em torno das esquematizações sobre a fantasia de surra, Freud (1919/2010) conclui que:

Parece confirmar-se, primeiramente, que o masoquismo não é uma manifestação de instinto primária, mas surge de uma reversão do sadismo contra a própria pessoa, isto é, pela regressão do objeto para o Eu (cf. “Os instintos e seus destinos” [1915]). Instintos com meta passiva devem ser admitidos no princípio, sobretudo na mulher, mas a passividade não é todo o masoquismo; também é parte dele a característica do desprazer, surpreendente na satisfação de um instinto. A transformação do sadismo em masoquismo parece ocorrer mediante a influência do sentimento de culpa que participa do ato de repressão. A repressão se manifesta aí em três efeitos, portanto: ela torna inconscientes as consequências da organização genital, obriga esta mesma à regressão ao anterior estágio sádico-anal e converte o sadismo deste no masoquismo passivo, em certo sentido novamente narcísico. A segunda dessas três consequências é tornada possível pela fraqueza da organização genital, que supomos nesses casos; a terceira torna-se necessária porque à consciência de culpa ofende tanto o sadismo como a escolha de objeto incestuosa entendida genitalmente. (p.314-315)

O interessante é notar que as humilhações infligidas a Amélie são fonte de autossatisfação erótica para ela. Semelhante às fantasias de surras, a autora é tomada por uma intensa excitação sexual ao ver sua gestora sendo humilhada. Na cena em que Fubuki é agredida pelo Sr. Omochi – o que Amélie traduz como uma violação – decorre o prazer sentido por Amélie, que a leva a contemplar ainda mais a beleza de sua gestora; e, ir ao banheiro presenciar o sofrimento de Fubuki, pode ser entendido como o ápice de seu prazer, um prazer especialmente sádico.

Logo passada a fase “*meu pai bate numa criança*”, vimos que o sentimento de culpa, oriundo da disputa com o outro/irmão pelo objeto incestuoso, converte o prazer que era aparentemente sádico em masoquista. Encontramos essa transição em Amélie, pois no espaço da Yumimoto o pai protagonizado por todos os chefes, sobretudo, pelo Sr. Omoshi, será o mediador da trama que envolve Amélie e Fubuki.

Yoshimoto (2006) em *Las imágenes de Japón...*, interpreta que Amélie estabelece um vínculo íntimo com Fubuki pelo fato desta bela figura japonesa representar a irmã mais velha de Amélie, Juliette. O autor assinala que Amélie tem uma relação muito próxima com a sua irmã na vida real e, em *Biografía da Fome* (2004), Amélie configura a personagem Juliette como símbolo da perfeição. Jorge (2006), apesar de realizar um estudo sobre a literatura nothombiana, e não sobre Amélie, faz algumas contribuições interessantes sobre as aparições de Amélie em programas midiáticos. Relata que num desses programas de *talk Show*, Amélie expressa idolatria pela irmã Juliette e afirma que ficar longe dessa irmã no tempo em que trabalhou no Japão foi algo muito sofrido para ela.

Yoshimoto (2006) acredita que a identificação que Amélie tem com sua superiora é uma tentativa de elaborar a ausência de Juliette. O autor recorda que na narrativa de Amélie em *Medo e Submissão* (2001), a autora verbaliza a felicidade em saber que ela e Fubuki são filhas do mesmo velho Japão, pois ambas nasceram na mesma província – Kansai –, além de o ideograma de seus nomes conterem um elemento em comum: a água. Assim, o antigo Japão possibilitou que Fubuki e Amélie se tornassem irmãs, mesmo que de maneira simbólica. Reiteramos que Amélie reatualiza a possível rivalidade com Juliette pelo amor dos pais, transforma esse ódio em amor, reatualizado em Fubuki.

Em *Metafísica dos Tubos* (2000) temos a impressão de que a mãe, Danièle, era, ora amada e admirada, ora a rival na disputa pelo amor do Sr. Patrick Nothomb, pai de Amélie. Nesse mesmo livro, a autora deixa claro que é Nishio-san, a governanta japonesa, a figura que desempenha a função materna que, além de lhe alimentar e acarinhar, trata-a como um pequeno deus. Afirma, portanto, que, por se sentir tão amada por Nishio-san, decide, ainda bebê, ser uma japonesa. Isso nos leva à ideia de que Fubuki represente para Amélie a figura materna, seja Danièle ou Nishio-san, tentando elaborar o amor perdido na infância. Todas essas figuras são mulheres reatualizadas em Fubuki e, talvez aí, a presença tão forte em Amélie de desejos homossexuais.

Nós, ainda, gostaríamos de chamar atenção para o fato de que Amélie, como objeto de gozo de Fubuki, marca do masoquismo, substitui a passividade, no sentido freudiano, aparente no masoquismo, pelo humor, isto é, Amélie responde às humilhações de Fubuki ironizando e brincando com as situações constrangedoras que enfrenta, e isso nos parece ser uma espécie de satisfação masturbatória. É importante pontuarmos que o humor é como um fio condutor constante em suas obras.

Citaremos uma cena relatada pela autora que, frente a uma situação excessiva de desprazer que Fubuki lhe proporcionou, ordenando que conferisse as somas dos gastos dos funcionários da Yumimoto, Amélie tem a sua “noite de loucura” (p. 67).

De repente, não me sentia mais amarrada. Levantei-me. Estava livre. Nunca havia me sentido tão livre. Caminhei até a janela envidraçada. A cidade iluminada estava muito longe, lá embaixo. Eu dominava o mundo. Eu era Deus. Estava descartando meu corpo para me vingar.

Apaguei as luminárias. As distantes luzes da cidade bastavam para enxergar. Fui à cozinha buscar uma Coca, que bebi de um gole. De volta à seção de contabilidade, desamarrei meus sapatos e libertei-me deles. Pulei em cima de uma mesa, depois de mesa em mesa, dando gritos de alegria.

Sentia-me tão leve que as roupas me incomodavam. Tirei-as uma a uma e espalhei-as ao meu redor. Quando fiquei nua, plantei uma bananeira – logo eu, que nunca o conseguira na vida. Apoiada nas mãos, percorri as mesas vizinhas. Depois, com uma cambalhota perfeita, encontrei-me num relance sentada no lugar de minha superiora.

Fubuki, eu sou Deus. Ainda que não acredite em mim, eu sou Deus. Você dá ordens, o que não é grande coisa. E eu reino. O poder não me interessa. Reinara é tão mais belo! Você nem pode ter ideia da minha glória. [...] Desde que deixei o mundo secular para abraçar as ordens, o tempo perdeu toda consistência, transformando-se numa calculadora na qual eu vou digitando números cheios de erros. Acho que estamos na Páscoa. Do alto da minha Torre de Babel, contemplando o parque de Ueno e vejo árvores cobertas de neve: cerejeiras em flor – sim, devemos estar na Páscoa.

Assim como fico deprimida com o Natal, a Páscoa me enche de alegria. Um Deus que se torna um bebê não deixa de ser consternador. Um pobre coitado que se transforma em Deus é muito diferente. Abraço o computador de Fubuki e o cubro de beijos. Também eu sou uma pobre crucificada. O que me agrada na crucificação é que ela é o fim. Finalmente vou parar de sofrer. Castigaram-me o corpo com tantos números que já não há lugar para um decimalzinho que seja. Vão cortar-me a cabeça com um sabre e eu não sentirei mais nada.

[...] Pela manhã, meus carrascos chegarão e eu lhes direi: “Fracassei! Matem-me. Realizem minha última vontade: quero que seja Fubuki a me dar a morte. Que ela me destampe o crânio como se fosse uma pimenteira. Meu sangue

derramado será como pimenta negra. Tomai e comei, pois esta é minha pimenta, que será derramada por vós e pela multidão, a pimenta da nova aliança eterna. Vós espirrais em minha memória.”

Subitamente, o frio se apodera de mim. Por mais que eu aperte o computador em meus braços, não consigo aquecer-me. Volto a vestir-me então. Como continuo a bater com os dentes, deito-me no chão e derramo por cima de mim o conteúdo da cesta de lixo. Perco os sentidos. (p.61-64).

Essa cena que, pelo título dado pela autora – “minha noite de loucura” (p.67) – já nos dá indício de ser uma cena de conotação sexual, pode ser observado, de fato, um ato masturbatório. Diante do sofrimento que Fubuki direciona a Amélie, a autora erotiza toda a cena, descrevendo com detalhes o momento em que retira as roupas, salta nua sobre as mesas, senta na cadeira de sua gestora, beija o computador e assim por diante. Não pontuaremos nada ainda sobre a associação que Amélie faz de si mesma com a figura de Deus, falaremos disso adiante. Aqui, entretanto, vamos ressaltar as brincadeiras que a autora faz diante do sofrimento que sua superiora lhe causou. Nesse relato, além de toda a ironia presente em sua narrativa, ela brinca com o momento eucarístico da doutrina católica. Esse humor de Amélie é constante em seus relatos e sempre acompanhado de certa sedução.

Acreditamos, portanto, que essa ironia e humor em Amélie estão intrinsecamente ligados à satisfação sexual, que na via do princípio do prazer, acaba, de certo modo, possibilitando a Amélie encontrar equilíbrio psíquico frente às fontes de excesso.

Casemiro (2014), em sua dissertação de mestrado, intitulada *O humor negro na Shoah: destinos para a mensagem sexual do outro no contexto de trauma social*, faz uma interessante revisão sobre o humor em Freud e destaca duas de suas obras: *Os chistes e a sua relação com o inconsciente* (Freud, 1905)³² e *O humor* (Freud, 1927)³³. Em suma, Casemiro (2014) pontua que Freud, influenciado pela cultura germânica, que

³² Freud, S. (1996) Os chistes e sua relação com o inconsciente. In. J. Strachey (Ed. J. Salomão, Trad.) *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 8) Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905).

³³ Freud, S. (1996) O humor. In. J. Strachey (Ed. J. Salomão, Trad.) *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 21) Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1927).

concebia o chiste como algo muito valorizado, entende que a expressão do humor é uma forma do indivíduo ser ativo diante do outro.

A descrição feita por Freud (1927, citado por Casemiro, 2014) a respeito do humor, chama-nos a atenção de maneira especial. O humor serve “simplesmente para obter uma produção de prazer ou colocar essa produção, que foi obtida, a serviço de uma agressão.” (Freud, 1927, citado por Casemiro, 2014, p. 29). Há ainda no humor o aspecto econômico em relação ao afeto, isto é, há uma economia psíquica no que diz respeito aos afetos penosos, energia que não é gasta e que dá origem ao prazer. Casemiro (2014) relata uma ilustração dada por Freud (1927): “um criminoso, levado à forca numa segunda-feira, comentou: ‘Bem, a semana está começando otimamente’” (p. 29). De fato, o que se espera de uma situação assim são lamentações ou tristeza, contudo, o indivíduo ao ser espirituoso com a sua condição, nos poupa de sentir, nesse caso, compaixão ou pena. Desse modo, entende-se que através do humor pode se obter prazer, apesar dos meios para isso serem afetos dolorosos.

Contudo, o humor não se limita ao aspecto econômico. Freud (1905, citado por Casemiro, 2014), fala da possível exaltação do ego através do humor, ou seja, o dito humorístico permite que o indivíduo revele a “magnanimidade na tenacidade com que o homem se agarra a seu habitual, recusando tudo que possa destruir esse eu e levá-lo ao desespero.” (p. 29). Freud (1905, citado por Casemiro, 2014), traduz esse engrandecimento do ego como: “sou grande demais (ou bom demais) para ser atingido por essas coisas.” (p.30).

O chiste, por sua vez, está relacionado com a satisfação sexual, pois para Freud (1905, citado por Casemiro, 2014), a produção do chiste recai sobre os fatores sexuais inconscientes - especialmente os agressivos. O chiste é uma importante fonte de prazer, sobretudo nos chamados chistes tendenciosos. Embora o autor faça a distinção entre chiste inocente e chiste tendencioso, termina por afirmar que todos os chistes, de certa forma, são tendenciosos, pois o objetivo maior do chiste, seja qual for, é proteger um pensamento da crítica e da inibição. Freud (1905, citado por Casemiro, 2014) fala que:

A prevenção das invectivas ou das réplicas insultuosas por circunstâncias externas é um caso tão comum que os chistes tendenciosos são especialmente utilizados para possibilitar a agressividade ou a crítica contra pessoas em posições elevadas, que reivindicam o exercício da autoridade. O chiste assim representa uma rebelião contra tal autoridade, uma liberação de sua pressão, o fascínio das caricaturas baseia-se no mesmo fator: rimos delas, mesmo se

malsucedidas, simplesmente porque consideramos um mérito a rebelião contra a autoridade. (p. 26).

Ao que nos parece, a espirituosidade de Amélie, ao lidar com situações humilhantes, vindas principalmente de sua superiora, tem a função tanto de engrandecimento do ego, como de satisfação sexual. Fazer humor representa um ganho substancial para a autora, pois consegue expressar seus desejos, ou melhor, consegue se colocar ativa diante do outro que busca o tempo todo lhe colocar numa espécie de passividade. Manter-se ativa e gozar parece ser a tônica do humor em Amélie. Vimos com a Psicodinâmica do Trabalho que, em determinadas situações, a vítima que não consegue reagir aos ataques violentos do assédio moral, possivelmente adoece ou pede demissão ou, ainda, comete suicídio.

Amélie, por sua vez, busca insistentemente respostas frente a essa passividade, respostas irônicas que acabam sendo bem sucedidas, pois menosprezar as humilhações sofridas protegia, de certo modo, sua integridade narcísica. Vejamos um exemplo. Amélie, após receber a notícia de que estava proibida de entregar as correspondências na Yumimoto, afirma: “Fiquei consternada ao ver que se interrompia tão rapidamente uma carreira cheia de promessas.” (p. 23). Sabemos que Amélie foi contratada para ser intérprete, era graduada e provou sua competência profissional ao realizar de maneira exímia o relatório que o Sr. Tenshi lhe pediu. Portanto, satirizar sobre sua função de carteira era uma forma de exaltar seu ego, como se tudo não passasse de uma brincadeira.

Por outro lado, o humor de Amélie passa a tomar uma dimensão sexual precisamente quando entra em cena Fubuki. Nessas cenas, acreditamos que as ironias e o humor estão mais próximos dos chistes freudianos, ou seja, enquanto satisfação sexual. É importante frisar que Amélie se excita ao provocar prazer em sua superiora, e isso só parece ser possível, permitindo que Fubuki expresse seu sadismo. Vejamos um diálogo entre as duas. Fubuki pergunta:

-Existem muitas... pessoas como você em seu país?

Eu era a primeira belga que ela conhecia. Os brios nacionais levaram-me a responder a verdade:

- Nenhum belga se parece comigo.

- Fico mais tranquila.

- Eu dei uma gargalhada.

- Acha isso engraçado?
- Nunca lhe disseram, Fubuki, que é humilhante tratar mal os retardados mentais?
- Sim. Mas ninguém me avisou que eu teria um deles sob minhas ordens. Achei mais graça ainda.
- Continuo sem entender o motivo de tanta graça.
- É minha doença psicomotora.
- Concentre-se então no trabalho. (p. 57).

O que para nós é uma clara situação de assédio moral, para Amélie, as degradações são fonte de prazer. Entendemos que, ao rir ou ironizar uma situação de puro sadismo de sua superiora, Amélie encontra gozo sexual. Sobre Fubuki, o movimento sádico é claro, em que toma Amélie como alvo de sua moção sádica.

Quanto a Amélie, tanto nessa cena, como na cena que relatamos acima, quando ela pede demissão à Fubuki e ambas parecem atuar uma cena cujo enredo é um ato sexual, um aparente sadismo de Amélie se volta para si mesma. Talvez, a maneira humorada com que Amélie lida com as degradações que faz sobre si mesma seja a forma com que a autora encontrou para amenizar o perverso polimórfico que perpassa a relação entre ela e a Fubuki. Mas, nos parece ainda, que o retorno do sadismo sobre seu próprio ego está próximo de uma solução masoquista em termos de economia sexual, como afirmamos acima.

Portanto, o humor, além de possibilitar o engrandecimento do ego que ajudou Amélie a lidar com o excesso de alteridade, protegendo sua integridade narcísica, está intrinsecamente relacionado aos elementos sadomasoquistas entre a dupla Amélie-Fubuki. Além disso, o jogo humorístico e a agressividade entre a dupla Amélie e Fubuki podem ser vistas como uma forma de simbolizar o traumático vivenciado por elas na empresa, que também precisam dar conta do excesso que a própria organização infringe a elas e aos demais trabalhadores.

Amélie por ela mesma

“Sou uma japonesa que deu errado³⁴”

³⁴ Fala de Amélie Nothomb à revista Zashi, 2008, disponível em: <http://www.zashi.com.br/apresenta/>.

Para analisarmos as construções que Amélie faz de si mesma – visto que seus livros são autobiográficos -, buscamos mais dados em seu livro *Metafísica dos Tubos* (2000), em que relata as lembranças de seus primeiros três anos, enquanto ainda morava no Japão. Também seu livro *Nem de Eva, nem de Adão* (2007)³⁵, nos fornece alguns dados sobre algo da sua vida pessoal, como seu romance com um rapaz japonês, na época em que trabalhou na Yumimoto.

Pois bem, em *Metafísica dos Tubos* (2000), encontramos uma interessante manipulação que Amélie faz entre o real e a ficção. Nas páginas iniciais, é um narrador-tubo que nos fala e que, mais adiante, se apresenta como Deus. Somente nas páginas seguintes nos damos conta de que se trata de um bebê/Deus e que, na verdade, esse bebê é Amélie.

Amélie relata que durante seus dois primeiros anos de vida era vista por todos como uma planta, vivia na mais remota inércia (por isso a definição do bebê como um tubo). Não chorava, não se expressava, tampouco se movimentava. Foi aos dois anos de idade que o acidente do nascimento aconteceu; ela precisara de dois anos a mais de gravidez extra-uterina para tornar-se operacional. (p.22). “Os adultos deduziam que ela [o tubo] sofria de algum bloqueio em sua evolução. Jamais lhes teria ocorrido que o bebê ainda não vivenciara um acidente; pois quem poderia supor que sem acidente o homem se haveria de manter perfeitamente inerte?” (p. 17).

Após seu suposto nascimento, Amélie relata que Deus não parava de chorar um minuto sequer. A família ficou desconcertada por não saber lidar com aquele ser que gritava dia e noite. O acidente aconteceu somente com a visita da avó quando ela, ao lhe oferecer um chocolate branco, permitiu a Amélie perceber, através do fabuloso sabor do chocolate, que podia sentir prazer por si mesma.

- Sou eu! Sou eu que estou vivendo! Sou eu que estou falando! Não sou “ele”, eu sou eu! Não precisa mais dizer “ele” para falar de ti, deves dizer “eu”. E eu sou teu melhor amigo: sou eu que te dou o prazer. Foi então que eu nasci, aos dois anos e meio de idade, em fevereiro de 1970, nas montanhas de Kansai, aldeia de Shukugawa, sob os olhos de minha avó paterna, pela graça do chocolate branco. (p. 28).

³⁵Título original: *Nid' Èveni d' Adam*.

Transformou-se, então, numa criança amável, aquela que todos os pais sonham em ter; “comportada e esperta, silenciosa e presente, divertida e refletida, entusiasta e metafísica, obediente e autônoma.” (p.34). A partir do contato com o chocolate, Amélie afirma se lembrar de tudo, consagra ao chocolate a capacidade de memória. Outra habilidade era a linguagem, a autora pontua que ela, ainda muito pequena, tinha a capacidade de falar. Certo dia, quando a avó paterna faleceu, Amélie revelou a sua governanta, Nishio-san, por quem tinha grande afeição, sua habilidade em falar (seu idioma primeiramente foi o japonês, para depois, ser o francês). O primeiro diálogo com a governanta transcorreu sobre a morte da avó. Essa temática é muito forte nas autobiografias da autora e, nesse livro, em especial, o tema morte perpassa toda sua narrativa. Ater-nos-emos a essa temática adiante.

Havia também uma segunda governanta, Kashima-san, tinha cinquenta anos e muito bela; olhava a todos com desprezo. Culpava os ocidentais pela ruína de sua família na guerra em 1945. Assim como não gostava dos brancos, também não gostava de Amélie.

O interessante é notar que Kashima-san despreza Amélie por ela ser ocidental e, de certo modo, Fubuki também despreza Amélie por ela ser branca. Amélie, por sua vez, tenta seduzi-las, na busca, talvez, de convencê-las de que é uma japonesa. Essa sedução infantil é observada quando, Amélie, ainda pequena, frente à indiferença de Kashima-san, postava-se diante da governanta com um sorriso encantador, buscava flor do jardim para lhe dar, até mesmo se vestiu de japonesa, na tentativa de conquistar a admiração de Kashima-san. Já em relação à Fubuki, essa sedução é clara quando a autora aceitou participar do jogo sexual com a sua superiora, submetendo-se às humilhações para provocar prazer em Fubuki. Aliás, o sedutor age quando descobre o desejo do outro e se coloca como objeto de gozo para o seduzido. É justamente isso que fez Amélie, colocou-se diante de Kashima-san e Fubuki como objeto.

Sobre a família de Amélie, com base nesse livro, podemos dizer que ela é a filha mais nova de um casal belga, tem dois irmãos, André, quatro anos mais velho e Juliette, com dois anos e meio a mais que Amélie. Quanto à irmã, figura de admiração da autora, relata que, após ter dito as palavras mamãe, papai e aspirador, escolheu o nome da irmã como a quarta palavra de seu vocabulário; talvez, também, como uma forma de seduzir a irmã mais velha.

- Juliette! – clamei, olhando-a nos olhos.

A linguagem tem poderes imensos: bastou que eu pronunciasse este nome em voz alta para que nos aproximássemos loucamente uma pela outra. Minha irmã tomou-me em seus braços e abraçou-me. Como o filtro do amor de Tristão e Isolda, a palavra nos havia unido para sempre. (p. 39).

Porém, não havia a menor possibilidade dela escolher como a quinta palavra o nome do irmão. “Aquele indivíduo passara uma tarde sentado em cima de mim lendo um *Tintin*. Adorava me perseguir. Para puni-lo, não pronunciaria seu nome. Desse modo, ele já não existiria tanto.” (p.39).

Relata que por muito tempo dormiu no quarto dos pais, mas, certo dia, os pais tomados pelo mal-estar que Amélie causava, olhando-os a noite toda, decidiram que era hora dela dormir com a irmã. “Dormir com Juliette exaltou minha paixão por ela: eu dividiria o quarto com ela pelos quinze anos subsequentes. A partir dali, minhas insônias serviram para contemplar minha irmã.” (p. 73).

Amélie, em meados de seu livro, afirma veementemente ser uma japonesa. E nos parece que a responsável por essa opção é Nishio-san.

Não demorou nada para que eu fizesse a minha opção: entre pais que me tratavam como os outros e uma governanta que me divinizava, não havia como hesitar.

Eu seria uma japonesa.

Aos dois anos e meio, na província de Kansai, ser japonesa consistia em viver no centro da beleza e da adoração. [...] Aos dois anos e meio, ser japonesa significava ser a eleita de Nishio-san. A qualquer momento, se eu pedisse, ela deixava de lado suas atividades para tomar-me nos braços, mimar-me, cantar para mim canções que falavam de gatinhos e cerejeiras em flor. (p. 53).

O jardim da casa era tomado pela autora como seu templo. Assim como Deus escolheu um jardim para simbolizar a felicidade terrestre, a autora elegeu o jardim nipônico de sua casa, que envolto por grandes muros, permitia-lhe se esquivar dos olhares de leigos, para, então, contemplar seu santuário. (p.55).

Dois acontecimentos importantes na vida da autora são relatados nesse livro. O primeiro se dá quando a família levou Amélie para conhecer o Mar do Japão; a beleza desse mar provocou em Amélie intensos sentimentos de terror e desejo. Resistiu um

pouco para entrar ao mar, mas, logo se sentiu muito à vontade, dispensando a boia que mais se parecia com o anel de Saturno (p.63). Acompanhemos:

Certo dia, deu-se um prodígio: entrei no mar, comecei a caminhar reto em direção à Coréia e constatei que o fundo não descia mais. Ele se elevava para mim. O Cristo caminhava sobre as ondas; já eu fazia com que o solo marinho subisse. Cada um com seus milagres. Exaltada, decidi caminhar até o continente. Dirigia-me sem hesitar para o desconhecido, pisando o macio tapete daquele fundo tão complacente. Eu caminhava e caminhava, afastando-me do Japão a passos de titã, pensando que era maravilhoso ter tais poderes.

Eu caminhava, e caminhava – e de repente cai. O banco de areia que me levara até ali cedera. Perdi o pé. A água tragou-me. Tentei sacudir os braços e as pernas para voltar à superfície, mas toda vez que minha cabeça emergia uma nova onda voltava a jogar-me para baixo, como um torturador tentando arrancar-me confissões.

Entendi que estava me afogando. Quando meus olhos saíam do mar, eu via a praia, que me parecia tão distante, meus pais dormitando e pessoas que me observavam sem se mexer, fiéis ao velho princípio nipônico de nunca salvar a vida de ninguém, pois seria forçá-lo a uma gratidão demasiada para ele.

Aquele espetáculo de meu público assistindo a minha morte era ainda mais aterrador que meu falecimento.

Gritei:

- *Tasukete!*

Em vão.

Resolvi então que não era mais hora de cerimônia com a língua francesa e traduzi o grito anterior, gritando:

- Socorro!

Era talvez esta a confissão que a água queria arrancar de mim: que eu falava a língua dos meus pais. Mas estes, desgraçadamente, não me ouviram. [...] Não demorou para que não tivesse forças para mexer os ombros, e deixei-me ir. Meu corpo fluía sob as ondas. [...] Veio um par de braços tirar-me dali e erguer-me para o ar. Dei uma respirada funda e olhei para ver quem me salvara: era a minha mãe, chorando. (*sic*, p.63-65).

Já quanto ao segundo acontecimento, a trama se inicia quando, ao saber de sua mãe que provavelmente em dois anos deixariam o Japão, a pequena menina Amélie sentiu uma inexplicável tristeza. “- Eu não posso ir embora! Tenho de viver aqui! É o meu país! É a minha casa!” (p. 112). Nishio-san, ao levá-la para brincar, passou horas pulando sobre a caixa de areia repetindo: “Tens de lembrar-te sempre! Tens de lembrar-te sempre!” (p. 115).

O pai de Amélie era cônsul da Bélgica, então, quando solicitado, a família tinha que se mudar. A autora assinala que o Japão também se tornara a paixão do jovem diplomata de trinta anos, Patrick Nothomb. Durante os cinco anos que passaram no Japão, o pai de Amélie foi um aluno exemplar nas aulas de *nô*, um estilo de cântico tradicional da cultura nipônica. “Como era o único estrangeiro do mundo dotado daquele talento, ficou célebre no Japão pela designação que não mais o largaria: ‘O cantor de *nô* de olhos azuis.’” (p. 86).

Sobre a mãe de Amélie, Dànienne Nothomb, pouco sabemos. No livro em questão, temos a impressão de que a mãe é uma intrusa na relação entre Amélie e seu pai e entre Nishio-san. Todos os cuidados maternos vêm da governanta. Contudo, nos parece que há muita ambiguidade na relação entre Amélie e a mãe, pois embora a palavra mamãe tenha sido a primeira palavra eleita pela autora para ser pronunciada, expressão de máxima afetividade, segundo ela mesma, a afetividade maternal é investida em Nishio-san. Dànienne é a figura que salva Amélie das águas e que pronuncia o Apocalipse para Amélie:

- Seu pai não ficará eternamente servindo no Japão. Daqui a um ano, ou dois, ou três, teremos de ir embora. E Nishio-san não irá conosco. Você terá então de separar-se dela.

O universo ruiu aos meus pés. Eu estava descobrindo tantas abominações ao mesmo tempo que nem conseguia assimilar uma única. Minha mãe nem parecia dar-se conta de que me estava anunciando o Apocalipse. (p.111).

Em seu aniversário de três anos, Amélie esperava ganhar uma pelúcia, mas os pais lhe deram três carpas, que ficavam no lago de pedra no jardim. Ela odiava as carpas, pois carpa era símbolo do sexo masculino e, no Japão, todo o mês de maio, as famílias que têm filhos homens hasteiam uma bandeira com a figura de uma carpa. Isso desagradou profundamente a autora, mas aceitou o presente, sem revelar aos pais sua decepção.

Foi então, na ocasião em que estava alimentando as carpas (era seu dever) no lago de pedra do jardim da casa, que Amélie decidiu, com três anos, cometer suicídio. Um mal estar a tomou ao ver as carpas, e uma voz lhe disse:

Trate então de olhar. Olhe com todos os olhos. A vida é o que você está vendo: membranas, tripas, um buraco sem fundo que exige ser enchido. A vida é este cano que engole e continua vazio.

Meus pés estão à beira do lago. [...] Meus olhos sobem e contemplam o jardim. Ele já não é aquele estojo que me protegia, aquele casulo de perfeição. Ele contém a morte.

Entre a vida – bocas de carpas que engolem – e a morte – vegetais em lenta putrefação – que vais escolher? Que é que te dá menos vontade de vomitar?

Parei de pensar. Estou tremendo. Meus olhos voltam a cair em direção às goelas dos animais. Estou com frio. Sinto uma náusea. Minhas pernas já não me sustentam. Deixo de lutar. Hipnotizada, deixo-me cair no lago.

Minha cabeça bate no fundo da pedra. A dor do choque desaparece quase imediatamente. Meu corpo, já agora independente de minhas vontades, volta-se, e me vejo na horizontal, meios afundada, como se estivesse boiando a um metro de profundidade. E paro completamente de me mexer. A calma é restabelecida ao meu redor. Minha angústia desapareceu. Sinto-me muito bem.

É estranho. Da última vez que me afoguei, havia em mim uma revolta, uma raiva, a necessidade poderosa de me arrancar dali. Desta vez, nada disto. É bem verdade que foi por escolha própria. Não sinto que me falte o ar.

[...] Sinto-me bem. Nunca me senti tão bem. O mundo visto daqui me convém às mil maravilhas. O líquido de tal modo me digeriu que eu já não provoço a menor oscilação. Incomodadas com minha intrusão, as carpas mantêm-se num canto e já não se mexem.

[...] Sorrio de felicidade. De repente, alguma coisa se interpõe entre mim e os bambus: uma frágil silhueta humana surge e se debruça sobre mim. Penso chateada que esta pessoa vai querer me pescar. Não se pode mais nem cometer suicídio tranquila.

Mão não. O prisma da água revela-me pouco a pouco os traços do ser humano que me encontrou: é Kashima-san. Parei imediatamente de sentir medo. Ela é uma autêntica japonesa do passado, e além do mais me detesta: duas boas razões para que não me salve.

E com efeito. O rosto elegante de Kashima-san mantém-se impassível. Sem mexer-se, ela me olha nos olhos. Estará vendo que estou contente? Não sei. [...] Uma coisa é certa: esta mulher me deixará morrer em paz. [...] “Eu sabia que acabaríamos nos entendendo, Kashima-san. Tudo vai bem agora. Quando eu me afoguei no mar e via as pessoas me olhando da praia sem tentarem me salvar, fiquei doente de indignação. Mas agora, graças a você, eu as entendo. Elas estavam tão calmas quanto você. Não queriam perturbar a ordem do universo, que exigia minha morte na água. Sabiam que não adiantaria nada me salvar. Aquele que deve afogar-se haverá de se afogar. A prova é que minha mãe me tirou da água e que aqui estou eu de novo.” (p. 132-134).

Contudo, após parecer que estava horas submersa, a autora relata que subitamente sentiu uma mão agarrando-a, era Nishio-san tirando-a da água. “Às vezes, pergunto-me se não sonhei, se aquela aventura fundadora não é uma fantasia. Vou então olhar-me no espelho e vejo, em minha têmpora esquerda, uma cicatriz de admirável eloquência.” (p. 142).

Temos algumas pontuações a fazer na medida em que tomamos essa narrativa da autora como relato de sua origem. É interessante notar a semelhança do relato da autora sobre sua origem com *O mito do nascimento do herói*, proposto por Otto Rank (1909, citado por Martinez, 2003)³⁶. Martinez (2003), em sua tese de doutorado, pontua que Rank (1909/1983), a partir deste mito do nascimento do herói, destaca as relações conflituosas do herói com sua família e correlaciona esses conflitos a uma configuração do Complexo de Édipo; afirmação que Rank (1909, citado por Martinez, 2003) se baseia em Freud (1909, citado por Martinez, 2003)³⁷, no artigo *Romance Familiar*. Portanto, Rank (1909, citado por Martinez, 2003) assevera que o mito do nascimento do herói seria uma espécie de reprodução dos fantasmas infantis.

Rank (1909, citado por Martinez, 2003) assinala que é a sobrevivência que funda o nascimento do herói. Esse herói, continua o autor, geralmente é salvo das águas, pois sua exposição normalmente se dá sobre as águas ou na beira de um rio ou algo parecido. No caso de Amélie, a morte, temática recorrente em suas autobiografias, pode ser

³⁶ Rank, Otto. *Le mythe de la naissance du héros (suivi de La légende de Lohengrin)*. Paris: Payot, 1983.

³⁷ Freud, S. (1996). Romances Familiares. In J. Strachey (Ed. J. Salomão, Trad.) *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. IX). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1909).

analisada dentro dessa perspectiva do mito, pois nos parece que ela estava predestinada a morrer afogada, ora no mar, ora no lago do jardim da sua casa. Em ambas as ocasiões, Amélie é salva das águas pela figura materna – a mãe e a governanta.

Na primeira situação, Amélie interpreta seu afogamento como uma imposição das águas para que ela confessasse sua origem belga, assim como a origem de seus pais. Seria, na visão da autora, a única maneira dela aceitar sua nacionalidade belga – morrendo. Já na segunda situação, a morte, análoga à castração, se dá em torno de uma cena fálica e excessiva – as carpas com suas entranhas à mostra, faz com que a autora, tomada por um mal-estar, se jogue no lago –. E logo após a mãe, intrusa, anunciar o Apocalipse (não ficará mais no Japão, o pai não é japonês, portanto vão se mudar assim que preciso e não terá mais o amor de Nishio-san). Amélie não suporta conviver com essas descobertas e decide se matar.

Para Jones (2007), foi a identificação esgotante com a mãe, juntamente com os pesadelos que a garota tinha de estupro com as carpas, típico da castração feminina, segundo Klein, Karen Horney e Jacques André (citados por Jones, 2007), que move Amélie a tentar se matar. Esses elementos (morte, castração, identificação materna) fazem com que o autor interprete o caso de Amélie como um típico caso de melancolia.

Lembremos que esse relato é uma tradução *après-coup* da autora, portanto, escrever que decide se matar a ter que deixar o Japão, já é uma construção elaborada que a autora faz da perda de seu país admirado. Ademais, talvez, ser salva pela figura materna represente uma reconciliação com sua mãe, uma atenuação da rivalidade sexual entre elas.

Não podemos deixar de mencionar a relação do herói com a figura divina. A imortalidade e o ritual de passagem presentes no mito sobre os heróis são dados importantes para analisarmos a narrativa de Amélie. Os heróis, assinala Rank (1909, citado por Martinez, 2003), morrem para renascer, como se morressem no mundo profano para renascerem no mundo sagrado. Amélie, tanto em *Metafísica dos Tubos* (2000), como em *Medo e Submissão* (2001), relata, insistentemente, a sua relação com a figura divina. Ela, tal qual a imagem de Deus, tem a admiração de seus fiéis, mas, ao mesmo tempo, tem os que não acreditam em sua divindade, como o caso da governanta má.

Kashima-san me recusava. Negava-me. Assim como existe um Anticristo, ela era o Antieu.

Tomei-me então de profunda piedade por ela. Como devia ser sinistro não me adorar! Era mais que evidente: Nishio-san e meus outros fiéis irradiavam felicidade, pois era bom para eles me amar. (p.58).

Assim como diante da imagem de Deus, ou de um mártir (como ela mesma se designa), há aqueles que expressam afetividade, há aqueles que renegam, como foi o caso de Fubuki e Kashima-san e, talvez, a mãe.

Diremos ainda, que a ambivalência – amor e ódio, bem e mau, admiração e rejeição, felicidade e sofrimento – perpassa toda a narrativa da autora, por isso, acreditamos que, ao se colocar como imagem divina, para além da criatura mortal, Amélie busca, constantemente, elaborar a ambivalência afetiva que é própria ao desejo inconsciente, conforme assinala Freud (1909/1996). Parece-nos que ela recorre aos preceitos da religião para tentar lidar com a rejeição - rejeição da mãe, de Kashima-san e de Fubuki - reatualizada na rejeição da cultura oriental por não aceitá-la como uma japonesa.

No ritual de passagem, Rank (1909, citado por Martinez, 2003), assinala que o herói passa por uma espécie de metamorfose, pois o ritual geralmente se inicia com uma partida, com o herói ainda despreparado ou frágil e termina com um retorno, com sua missão cumprida ou preste a cumprir. No caso de Amélie, aos cinco anos de idade deixa o Japão, que representou a morte e o fim da sua divindade pois, ao retornar ao Japão, representando o renascimento - e aqui nos lembramos da frase impactante de Amélie: “o elevador cuspiu-me no último andar da sede da Yumimoto.” (p. 05) -, representando um renascimento violento - em que o elevador pode ser comparado ao útero -, ela volta como adulta e precisa lidar com a rejeição dessa cultura, que a despreza por ser ocidental.

Por mais que, em *Medo e Submissão* (2001), Amélie se compare à figura divina, numa entrevista, em 2008, a autora reconhece a diferença entre ela, bebê no Japão, e ela, adulta como profissional. A autora conta ao entrevistador que a vida profissional no Japão é terrível, ainda mais para uma mulher e estrangeira – “Para mim, foi um inferno” –, afirma a autora. Ao apontar a diferença entre o Japão relatado em *Metafísica do Tubo* (2000) e o Japão de *Medo e Submissão* (2001), a escritora afirma que, no primeiro, o Japão é retratado de forma ilusória e ideal, principalmente pela presença da governanta que a tratava como um pequeno deus; “eu era uma criança e assim as crianças são tratadas no Japão”. Contudo, ao voltar ao Japão para trabalhar, as coisas eram bem diferentes e afirma: “Eu não tinha mais idade para ser tratada como deus. Acho que sou

uma ‘japonesa que deu errado’. O Japão é o meu país preferido, mas não posso ser uma japonesa.”³⁸.

Talvez, possamos arriscar que o retorno da autora ao Japão seja a forma encontrada por ela para ter o domínio de si, se conhecer e se aceitar, para elaborar, traduzir o traumático. Não é por coincidência que a autora, após sua experiência de trabalho no Japão, passou a escrever sistematicamente, transformando-se numa reconhecida autora. Seus fiéis seguidores agora, podemos dizer, são seus inúmeros leitores por todo o mundo.

Deixemos Amélie nos falar um pouco mais sobre sua vida.

No livro *Nem de Eva, nem de Adão* (2007), ainda não traduzido para o português, a autora relata também sobre o tempo que passou no Japão, enquanto trabalhava Yumimoto, mas agora fora do ambiente organizacional. Ao lermos esse livro, tempos depois de lermos *Medo e Submissão* (2001), tivemos a impressão que Amélie, ao escrever, não tem a intenção apenas de relatar suas vivências, mas nos parece que seus relatos têm um propósito, são traduções do excesso e, sobretudo, dizem respeito a um projeto transferencial ao retornar ao Japão. Retomaremos essa ideia logo mais.

Voltemos ao livro *Nem de Eva, nem de Adão* (2007), em que encontramos mais subsídios para sustentar a ideia do projeto transferencial de Amélie. A escritora relata nesse livro seu romance com Rinri, um japonês com quem se relacionou enquanto trabalhava na Yumimoto. Após uma semana de trabalho na empresa, Amélie se dispôs a dar aulas de francês e colocou um anúncio numa cafeteria que frequentava. Foi dessa forma que conheceu Rinri, um jovem de vinte anos que estudava francês na universidade. Entre os encontros para as aulas, os dois jovens começaram a se interessar um pelo outro. Rinri sempre a buscava num belo carro e a levava para ver o velho Japão. Certo dia, numa reunião de amigos, Rinri e seu amigo Masa, perguntaram à Amélie se ela tinha nacionalidade japonesa e rapidamente ela respondeu que nascer no Japão não era suficiente, a nacionalidade japonesa é muito difícil de conseguir. Durante o jantar, o cheiro da comida a fez viajar dezesseis anos atrás, quando sua governanta Nishio-san preparava seus pratos orientais prediletos. É como se ela ainda tivesse cinco anos, apreciando a comida feita por Rinri e seus amigos; de certo modo parecia que estava na presença de Nishio-san.

³⁸ Informações obtidas através da entrevista de Amélie Nothomb à revista Zashi, 2008, disponível em: <http://www.zashi.com.br/apresenta/>.

Durante seu relacionamento com Rinri, Amélie relata que foi a exposições de arte, a museus e ainda, tinha aulas semanalmente de japonês. Sobre seu namoro, a autora narra que se relacionar com alguém amável e sem ser machucada com atos ou palavras era algo desconhecido para ela. Ele constantemente falava de amor, mas Amélie disfarçava e tentava mudar de assunto, às vezes, o rapaz se contentava com seu silêncio.

Amélie nos conta que todas as vezes que dormia com Rinri, sentia uma enorme alegria, o que lhe casava uma intensa necessidade em escrever. Contudo, em certo momento do livro, ela relata que o jovem japonês a pediu em casamento e por uma confusão entre as línguas (japonês e francês), o rapaz entendeu que ela aceitara o pedido e começou a fazer planos para o enlace, enquanto Amélie, na verdade, gostaria de dizer que não queria se casar. Eles ficaram noivos por um tempo, mas o noivado terminou de maneira súbita, com o retorno da autora à Bélgica.

Temos a impressão de que o relacionamento de Amélie e Rinri é secundário diante do propósito do livro em questão, pois é o passado japonês de Amélie que toma conta da narrativa – um retorno ao velho Japão, adulta, para reviver uma infância deixada há tempos de forma tão sofrida.

Eu tinha, ainda, um medo a vencer ao me aventurar solitariamente. Quando criança, minha amada governanta nipônica me contava as histórias de Yamamba, a pior das *Onibaba* (bruxas), aquela que praticava crueldades nas montanhas, onde pegava os caminhantes solitários para fazer sopa – a sopa dos caminhantes solitários, caldo rousseauiano, por assim dizer, tanto assombrou o meu imaginário que eu estava convencida de conhecer seu gosto³⁹. (p. 169-170)

O final do livro é uma passagem da história do romance com Rinri para o lançamento de sua vida como escritora. De maneira repentina, a autora decidiu fugir do noivado e, então, pegou um avião para a Bélgica, onde teve a sensação prazerosa de liberdade.

A experiência física da liberdade é outra coisa. Nós deveríamos ter sempre algo de que fugir, para poder cultivar essa possibilidade maravilhosa. Aliás, sempre

³⁹ J'avais moi-même une peur à vaincre en m'y aventurant sans escorte. Quand j'étais enfant, ma gouvernante nipponne bien-aimée me racontait les histoires de Yamamba, la plus méchante des *onibaba* (sorcières), celle qui sévissait dans les montagnes où elle attrapait les promeneurs solitaires pour en faire de la soupe – la soupe aux promeneurs solitaires, potagerousseauiste s'il en fut, a tant hanté mon imaginaire que je suis persuadée d'en connaître de goût.

temos algo de que fugir. No mínimo, de nós mesmos. A novidade é que podemos escapar de nós mesmos. Podemos escapar da pequena prisão que o sedentarismo instala seja onde for. Nós pegamos nossas trouxas e partimos: o eu fica tão surpreso que se esquece de interpretar o papel do carcereiro. Nós podemos partir em fuga como se nos livrássemos de um perseguidor⁴⁰. (p. 233-234).

A autora retornou ao Japão seis anos depois, para o lançamento de seu livro *Higiene do Assassino* em 1996. Durante a sessão de lançamento do livro, Amélie descobriu que Rinri se casou, tempos depois de sua partida, com uma francesa.

Fazia quase seis anos que eu não via o país adorado, de onde havia fugido. Nesse meio tempo, muitas coisas aconteceram. Em 10 de janeiro de 1991, eu era uma “dama-pipi”, que acabava de entregar seu avental. Em 9 de dezembro de 1996, eu era uma escritora que vinha para responder questões de jornalistas. Em uma situação assim, já nem é mais ascensão social, é tráfico de identidade⁴¹. (p. 241)

A menção “dama-pipi” corresponde a sua função de limpadora de latrinas na Yumimoto. Essa foi uma das poucas referências da autora em *Nem de Eva, nem de Adão* (2007) de seu trabalho. Por isso, embora o tempo cronológico não nos interesse, precisamos dizer que não há uma relação entre a narrativa da autora nesse livro e em *Medo e Submissão* (2001); não há um fio condutor comum entre eles.

Todavia, não vamos nos deter aqui nessas contradições entre os fatos narrados, até mesmo porque, o interessante da escrita de Amélie é que se trata de uma tradução e retradução constante das mensagens enigmáticas, entre elas as da SAF e de toda sua vivência através de seus livros e, para isso, ela, como intérprete, também traduz, de seu modo, seus próprios enigmas.

Vejamos.

⁴⁰ On devrait toujours avoir quelque chose à fuir, pour cultiver en soi cette possibilité merveilleuse. D’ailleurs, on atoujours quelque chose à fuir, ne serait-ce que soi-même. La bonne nouvelle, c’est qu’on peut échapper à soi-même. Ce quel’on fuit de soi, c’est la petite prison que la sédentarité installe n’importe où. On prend ses cliques et ses claques et on s’enva : le moi est tellement étonné qu’il oublie de jouer les geôliers. On peut se semer comme on sèmerait des poursuivants.

⁴¹ Cela faisait près de six ans que je n’avais plus vu le pays adoré d’où je m’étais enfuie. Entre-temps, il m’était arrivé tellement de choses. Le 10 janvier 1991, j’étais une dame-pipi qui venait derendre son tablier. Le 9 décembre 1996, j’étais un écrivain qui venait répondre aux questions des journalistes. À un stade pareil, ce n’était plus de l’ascension sociale, c’était du trafic d’identité.

A escrita: uma tradução

Amélie, segundo Jorge (2006), começou a escrever aos 17 anos. Em princípio, usou da escrita para o que a Amélie chama de “grafomania”, isto é, escrever para se autoconhecer. Contudo, após suas experiências no Japão, em 1990, a autora retornou à Bélgica e publicou, em 1992, o livro que estava rascunhando nessa época (*Higiene do Assassino*), passando a escrever, desde então, um livro por ano, segundo Jorge (2006).

Ao falarmos da escrita de Amélie, não podemos deixar de mencionar a confusão entre vida e obra da autora que, constantemente, é abordada em estudos sobre ela. Para Azzi e Moraes (2008), por exemplo, as narrativas de Amélie têm fronteiras tênues entre o real e a ficção, por isso a dificuldade que muitos autores e críticos literários encontram para classificar suas obras como autobiográficas. Esses autores buscam em Lejeune (1975, citado por Azzi e Moraes, 2008)⁴² o conceito de *autoficcões*, para incluírem a narrativa de Amélie. Trata-se, segundo Lejeune (1975, citado por Azzi e Moraes, 2008), de um termo que veio para dar conta da lacuna entre a autobiografia, que não se enquadra nas definições tradicionais e uma ficção que está muito próxima de seu autor.

Azzi e Moraes (2008) assinalam que a ficcionalidade em Amélie é subjetiva, já que não é possível tomar os fatos da escritora apenas como reais ou, completamente imaginados. Sugerem, então, um complemento às ideias dos autores com os quais dialogaram e propõem a narrativa de Amélie como uma autobiografia antirrealista. O que não é afirmar que seus relatos não sejam autênticos, mas, entender que escrever, para Amélie, é relembrar, por isso a definição dos autores de escrita memorialística. Segundo os autores, inevitavelmente as lembranças de Amélie passaram por transformações, isto é, a história tem o efeito do tempo, do espaço, dos sentidos, entre outros, para chegar à versão narrada. Falam os autores:

Deve-se, sobretudo, considerar o fato de que é impossível, para quem quer que seja, rememorar com exatidão qualquer evento ou sensação do passado. A lembrança será sempre “impura”, como atesta Bergson, e o passado, essencialmente virtual. Dessa forma, qualquer tentativa de escrita do passado será sempre uma construção. E, sendo um processo de construção, qualquer fato lembrado será sempre uma imagem do presente. [...] Nesse sentido, toda autobiografia, enquanto espaço construído pela memória e pela imaginação, será

⁴² Lejeune, Philippe. *Le pacte autobiographique*. Paris: Seuil, 1975.

também invenção, o que nos leva de volta à autoficção: segundo a perspectiva benjaminiana, pode-se compreender todo trabalho autobiográfico essencialmente como uma autoficção, já que sua proposta realista se mostra ilusória. (Azzi e Moraes, 2008, p. 15).

Esses autores, embora não trabalhem com a abordagem psicanalítica, estão de certa forma, remetendo ao que Laplanche (1999c) propõe sobre o processo de historicização ou temporalização. Para o autor, historicizar são as traduções que o indivíduo faz de si mesmo com o decorrer do tempo, sob o efeito do *après-coup*. Lembremos que, para Laplanche (1992), a tradução nunca se dá de maneira completa, há sempre os restos não traduzidos, que são recalçados e que pressionam em busca de novas traduções. O processo de tradução, por sua vez, é incessante, pois mesmo as mensagens já traduzidas, no *après-coup*, podem ser destruídas e retraduzidas. Esse processo pode, então, levar o indivíduo a uma criação literária, por exemplo.

Amélie afirma que já rascunhava algo enquanto trabalhava na Yumimoto, portanto, consideramos que a escrita, como uma espécie de pulsão de tradução, possibilitou que Amélie metabolizasse as mensagens excessivas, mesmo traumáticas, que se materializaram e atualizaram na experiência do assédio moral que sofreu.

Para Laplanche (2001), a tradução, por tratar-se de um processo inacabado, impulsiona o psiquismo a traduzir, mas, como já dito, a destruído também, para então, propor novas traduções. A escrita, por sua vez, pode propiciar esses dois processos, pois acreditamos que Amélie, ao escrever sistematicamente, abordando temas frequentes em suas obras, tais como: a paixão idílica pelo Japão, sua vontade de ser aceita como oriental, ser um mártir ou Deus, alimentação, nos sugere que algo de excesso há nessa repetição. Pressupomos, assim, que o traumático se repete em suas obras, para além da situação de assédio vivenciado na Yumimoto; aliás, algo traumático reativado pela vivência na empresa, que demanda uma constante tradução e retradução, resultando em novos livros todo ano onde não é difícil encontrá-la. Essa repetição parece-nos superar a compulsão à repetição anunciada por Freud (1920/1996), em que o traumático fica aquém do recalçamento, sem representação e sem possibilidade de simbolização – o indizível do trauma –, segundo Maldonado e Cardoso (2009).

Amélie, por sua vez, repete constantemente as temáticas que nos remetem ao traumático, mas sempre propondo novas traduções⁴³. Em cada obra publicada, há novas construções e elaborações sobre as mensagens da SAF, juntamente com todas as outras que compõem sua constituição psíquica. Afirmamos, então, que a narrativa autobiográfica da autora é uma possibilidade de o psiquismo se organizar diante do traumático que, no caso dela, está presente desde seu nascimento – o acidente do nascimento, os dois afogamentos, deixar o Japão, perder a babá, e assim por diante, chegando às vivências de assédio moral na Yumimoto.

A nosso ver, Amélie, ao escrever – uma escrita tão próxima do leitor –, contando-lhe com detalhes e intimidade suas experiências de quando viveu no Japão ou de sua primeira infância, tem, de algum modo, a intenção de traduzir também para o leitor seus fatos construídos ao longo de suas obras, interpretando, assim, o vivido, o traumático.

Quando Laplanche (1999b), em *Tres destinos del mensaje enigmático*, aproxima a criação do enigma do outro, ele recupera a noção de inspiração. Pois bem, vimos com o autor que a sublimação está próxima do processo de ligação, no sentido de ligar o pulsional desligado do trauma da mensagem. Já a inspiração, implica o outro, ou seja, uma relação íntima com o outro que tem a função de despertar o enigma, ao mesmo tempo em que lança enigmas. Portanto, o público diante do artista funciona como um provocador de enigmas, podemos dizer, para que o processo de tradução ocorra. Nesse mesmo artigo, Laplanche (1999b), compreende a criação artística de Leonardo e do escultor Giacometti como destino do enigma do outro. Acompanhemos:

A criação, em Leonardo e, sobretudo, em Giacometti, está como transfixada pelo vetor da “pesquisa” ou, para melhor dizer, da “busca”. Mas, em que sentido orientar este vetor? Sem dúvida a pesquisa, como a criação, vem do indivíduo e neste sentido é centrífuga. Entretanto, a incita e a orienta um vetor que vem do outro. Para Leonardo, “o olho é a janela da alma”, o que designa uma abertura e até uma exposição da alma ao trauma do outro. (Laplanche, 1999b, p.89).

Amélie tem como inspiração seus próprios enigmas; ela é a primeira leitora de suas obras e impelida por seus enigmas, escreve sistematicamente. Contudo, após cada

⁴³ Essa ideia de repetição como possibilidade de tradução pode ser encontrada na dissertação do Eduardo Nogueira (2015), ainda em andamento, ao analisar as obras de Frida Kahlo justamente como repetição do traumático, mas que, em cada nova obra, há novas traduções de seus traumas.

livro publicado, seus leitores influenciam a mensagem, a tradução, precisamente por ter dado certo, muito certo, a publicação dos seus livros. E, talvez, sua legião de leitores, com os quais Amélie afirma trocar correspondências e responder perguntas através de blogs da internet. Segundo ela, há leitores que mantêm contato há anos. Portanto, o fato dela vender milhares de exemplares de seus livros sugere que as influências de seus leitores podem demandar o processo tradutivo em Amélie, pois seus enigmas, frente a seus leitores, são colocados em ação.

Por outro lado, Amélie, por meio de sua escrita subjetiva, desencadeia o processo de tradução em seus leitores, por isso a repercussão expressiva que suas obras têm sobre seus fiéis leitores. Quanto a nós, portanto, podemos dizer que a escrita de Amélie despertou nossos enigmas, envolvendo-nos em seu projeto transferencial e propiciando o trabalho de interpretação de suas obras, que aqui nos arriscamos.

Mello Neto (2012), a partir da pergunta “o que faz um psicanalista?” (p.500), busca em seu texto *Psicanálise: a clínica e o projeto transferencial* sistematizar o papel do analista dentro do *setting* analítico. O autor sugere que todo paciente chega à análise com uma espécie de projeto, que nomeia de projeto transferencial. Trata-se de um propósito para a análise, mas que nem o paciente, nem o analista sabem bem ao certo qual é. Esse projeto é regido tanto pelas forças conscientes como pelas inconscientes e é ele que sustenta a análise. “Esse projeto, pois, teria que se manter durante toda a análise e, ao mesmo tempo, ser interpretado; no entanto, creio que ele só será conhecido inteiramente no *après-coup*.” (p.504).

O analista, para ter acesso a esse projeto, precisa se permitir fazer parte dele, ser uma peça desse projeto, continua Mello Neto (2012), dentro do campo transferencial. Contudo, mais tarde, precisa, paulatinamente, fazer algo que possibilite que ambos, paciente e analista, deixem esse campo transferencial. Esse algo, nas palavras do autor, é: “Uma interpretação, um assinalamento ou, mesmo, uma simples exclamação pode ser esse algo num certo momento e fazer algo aí se refere a poder traduzir essa experiência, traduzir, sobretudo, em palavras.” (p. 504).

Acreditamos que Amélie, ao retornar ao Japão e aceitar o trabalho na Yumimoto, mesmo com todas as humilhações sofridas, busca, na verdade, reencontrar a mamãe-Nishio-san, abandonada, ainda, quando a autora era pequena, ao se mudar para a China com a família. Em certo momento de sua narrativa, em *Metafísica dos Tubos* (2000), ao descobrir que em pouco tempo deixariam o Japão, Amélie repete: “Tens de lembrar-te sempre! Tens de lembrar-te sempre!” (p. 115). É isso que ela pretende ao

retornar ao Japão: reviver a pequena Amélie tratada como Deus, amada por sua governanta Nishio-san. A autora entra com uma intensa sedução na Yumimoto, talvez para conquistar a admiração da governanta má (Kashima-san), reatualizada na figura de Fubuki para, assim, ter a sua nacionalidade oriental tão almejada, já que todos a sua volta (e aqui sua insistente fala de ser aceita como japonesa pela sociedade nipônica) a reconhecerão como japonesa.

Faz parte de seu projeto, ainda, dar conta do seu enigma que constantemente a interroga: “o que é ser uma mulher japonesa?”. De algum modo, Fubuki provoca esse seu enigma, pois a gestora além de ser bela e bem sucedida profissionalmente, é uma mulher japonesa. Talvez seja por isso que Amélie contemple sua torturadora, a olha sistematicamente, buscando ali na Yumimoto respostas para aquilo que ainda está sem sentido.

Do mesmo modo, supomos que, nas contradições e na repetição de certas temáticas na narrativa da autora em todas suas obras que abordamos nessa pesquisa, há a tentativa de nos comunicar algo inconsciente, mais traumático que a suposição acima – e aqui consideramos que seja seu projeto transferencial ao se tornar uma escritora –, pois nas suas narrativas metódicas sobre a morte, o sombrio, a alimentação de maneira grotesca, a infância, a água e assim por diante, parece-nos estarem relacionados a eventos traumáticos, vivenciados ainda em sua infância.

Os transtornos alimentares da autora podem, segundo Bourdellon (2001), estar relacionados com uma história familiar traumática, possivelmente com um abuso sexual e com a presença do incesto. Pois bem, nós, envolvidos transferencialmente com seu projeto, sugerimos que Amélie escreve para traduzir e anunciar algo semelhante, uma situação potencialmente traumática que, possivelmente, está relacionado com a água. Os relatos abaixo, nos dão indícios para sustentar essa nossa hipótese:

À noite, na cama, povoava a escuridão com bocas escancaradas. Sob meu travesseiro chorava de horror. A autossugestão era tão forte que os enormes corpos escamosos e flexíveis vinham ao meu encontro entre os lençóis, abraçando-me – e sua cara beijuda e fria me dava arrepios. Eu era a impúbere amante de fantasmas pisciformes.

Jonas e a baleia? Um piadista! Estava, isto sim, muito bem protegido no ventre cetáceo. Se pelo menos eu pudesse servir de recheio à pança da carpa, estaria salva. Não era seu estômago que me enojava, mas sua boca, o movimento de válvulas de suas mandíbulas que me violavam os lábios por eternidades

noturnas. De tanto frequentar criaturas dignas de Jeronimus Bosh, minhas insônias outrora feéricas transformaram-se em martírio.

Angústia anexa: de tanto suportar os beijos písceos, será que eu não acabaria mudando de espécie? Não ia me transformar num bordalo? Minhas mãos iam percorrendo meu corpo, à cata de alucinantes metamorfoses. (p.126).

Já em *Higiene do Assassino* (1992), encontramos uma narrativa forte, com fortes elementos traumáticos (prazer, asco e vingança) vivenciados pelo protagonista Tach e sua prima-irmã, Leopoldina. Nina, a última jornalista a entrevistar o famoso escritor Tach, descobre que o livro escrito por ele, o qual tem o mesmo nome que a obra de Amélie – *Higiene do Assassino* – é na verdade autobiográfico e que, portanto, ele era um assassino, já que esse livro conta a história de um assassinato. Acompanhemos parte dessa cena. Tach inicia o diálogo:

- Era dia 13 de agosto de 1925.
- Eis um excelente início.
- Era o dia do aniversário de Leopoldina.
- Que coincidência divertida.
- A senhorita vai se calar? Não vê que isso me tortura, que não encontro as palavras?
- Vejo sim, e fico encantada. Alivia-me a ideia que, sessenta e seis anos depois, a lembrança de seu crime enfim o tortura.
- A senhorita é mesquinha e vingativa como todas as fêmeas. Tinha razão em dizer que *Higiene do Assassino* tinha apenas duas personagens femininas: minha avó e minha tia. Leopoldina não era uma personagem feminina, ela era – é para sempre – uma criança, um ser milagroso, além dos sexos.
- Mas não além do sexo, segundo que pude entender lendo seu livro.
- [...] Só nós sabíamos que não é preciso ser púbere para fazer amor, pelo contrário: a puberdade estraga tudo. Diminui a sensualidade e a capacidade de êxtase, de abandono. Ninguém faz amor tão bem quanto as crianças.
- Então o senhor estava mentindo quando dizia que era virgem.
- Não. No vocabulário comum, o desvirginamento masculino só é possível após a puberdade. Eu nunca fiz amor após a puberdade.
- [...] Então, vamos à verborragia do dia 13 de agosto de 1925.

- [...] Era o mais belo dia do mundo. [...] Leopoldina e eu havíamos começado nosso dia em torno de uma hora da manhã, depois de nosso sono ritual de cerca de uma hora e meia. Poder-se-ia acreditar que com tais horários estivéssemos continuamente exaustos: nunca era o caso. Estávamos tão ávidos de nosso Éden que muitas vezes tínhamos dificuldade para adormecer. [...] Leopoldina e eu gostávamos de acordar mais que tudo. No verão era ainda melhor, pois passávamos as noites fora e dormíamos em plena floresta, enrolados em uma colcha cor damasco pérola que eu havia roubado no castelo. [...] Uma noite absolutamente calma e negra, de uma doçura insólita. Era aniversário de Leopoldina, mas isso não significava nada para nós: havia três anos, o tempo não nos dizia mais respeito. Não havíamos mudado em um átomo sequer, tinha apenas nos alongado prodigiosamente, sem que esse divertido estiramento tivesse modificado nossa compleição informe, imberbe, inodora, infantil. [...] Era a última vez em minha vida que eu fazia amor. Eu o ignorava, mas sem dúvida a floresta sabia, pois estava silenciosa como uma velha bisbilhoteira. Foi quando o sol se levantou sobre as colinas que o vento começou a soprar, dispersando as nuvens noturnas e descobrindo um céu de pureza quase igual à nossa. [...] No verão, com exceção dos raros momentos em que íamos ao castelo, vivíamos nus – a propriedade era tão grande que nunca víamos ninguém. Então passávamos a maior parte de nossos dias no lago [...]. Naquela manhã, como a cada manhã mergulhei no lago sem hesitar e ri de Leopoldina que, por sua vez, sempre levava uma eternidade para entrar na água gélida, [...] seus grandes olhos cheios de terror – o medo lhe caía tão bem –, gaguejando que era horrível...

- Mas o senhor é de um sadismo assustador!

- A senhorita nada sabe. Se conhecesse alguma coisa sobre o prazer, saberia que o medo e a dor e principalmente os arrepios são os melhores prelúdios. [...] Naquela manhã como a cada manhã de manhã, havíamos ficado de molho, às vezes deslizando juntos rumo às profundezas do lago, de olhos abertos, olhando nosso corpo esverdeados pelos reflexos da água, às vezes boiando na superfície, apostando corridas. [...] Quando o frio penetrava em nós, subíamos em uma das pedras que emergiam e nos deixávamos secar ao sol. [...] Éramos tão felizes, tão irrealis, tão apaixonados, tão belos, e pela última vez.

- Sem elegia, por favor. Se foi pela última vez a culpa é sua.

- [...] a culpa foi da natureza, da vida, dos hormônios e de todas essas imundícies. [...] Eu lhe falava então da brancura das pernas de Leopoldina, dessa brancura tão misteriosa, sobretudo, quando transparecia sob o negror esverdeado das águas. Para ficar em equilíbrio horizontal, minha prima batia lentamente suas longas pernas que eu via aparecer uma depois da outra na superfície. Nesse dia 13 de agosto de 1925, deitado sobre minha ilhota pedregosa, eu não me cansava desse espetáculo gracioso. Ele foi interrompido por um detalhe anormal cuja crueza ainda me perturba: o balé das pernas de Leopoldina fez subir, vindo das profundezas do lago, um tênue filete de fluído vermelho, de uma densidade muito especial, a julgar por sua incapacidade em misturar-se à água pura.

- Em suma, sangue.

- Como a senhorita é crua.

- Sua prima tinha simplesmente ficado menstruada pela primeira vez.

- [...] Durante os três últimos anos, nunca tínhamos evocado essa eventualidade. Havia uma espécie de acordo tácito quanto à conduta a ser adotada em tal caso – caso tão inaceitável que, para preservar nosso deslumbramento tínhamos preferido ater-nos a um acordo tácito.

- Leopoldina não tinha lhe pedido nada, e o senhor a matou em nome de um “acordo tácito” saindo unicamente das trevas doentias da sua imaginação.

- Ela não me pediu nada explicitamente, mas era necessário. [...] Prova disso, cara senhorita, é o fato de que nós não dissemos nada um para o outro. Eu beijei-lhe os olhos muito suavemente e ela entendeu. Pareceu tranquilizada, sorriu. Tudo aconteceu muito rápido. Três minutos depois, ela estava morta. (p.132 – 140).

O romance termina com Nina impondo ao senhor Tach que se rasteje, já que ela lhe havia derrotado – descoberto seu segredo obscuro –. Ela afirma que não era por orgulho, que impôs esse castigo ao obeso, mas por vingança: “- Senhor Tach, esteja certo de que suas considerações existenciais não me interessam. Eu lhe ordeno que rasteje, ponto final.” (p. 158). Ajudou o obeso a deitar no chão, mas ele caiu de barriga para baixo e, então, o escritor começou a gritar, pedindo socorro, pois estava se asfixiando. Nani diz:

- Então o senhor saberá o que é a asfixia, que o senhor impôs a uma garotinha. Rasteje.

[...] E a enorme massa suada se arrastou por dois metros sobre o tapete, ofegando como uma locomotiva.

- Isso a faz gozar, hein? [diz Tach]

- Sim, isso me faz gozar. Mas gozo mais ainda porque tenho a consciência de estar vingando outra pessoa. (p. 159).

Nina mata o senhor Tach. Ela é, aos poucos, tomada por desejos assassinos, como um avatar do senhor Tach, como ele mesmo a define, depois da experiência de se rastejar. Logo, ela o estrangula com firmeza e rapidez.

- Caro velho louco, o senhor quase me enganou. Seus discursos me irritavam além de qualquer descrição possível; eu estava preste a perder a razão. Agora, sinto-me muito melhor. Devo confessar que o senhor tinha razão: o estrangulamento é um ato muito agradável.

E o avatar contemplou suas mãos com satisfação. (p.172).

Em torno desses relatos, temos a impressão de que algo muito excessivo aconteceu na infância de Amélie, algo que com a adolescência, marcada pela menstruação, deixou de ser puro como na infância, onde não há a maldade e as imundícies do mundo adulto, como relatado por Tach. Mas, o interessante é que Amélie deseja se vingar e, essa vingança provavelmente envolve seu projeto transferencial, pois ao escrever, supomos que a autora esteja simbolizando o traumático, que se dá na forma da morte como vingança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa proposta de trabalho nessa dissertação foi apreender o fenômeno do assédio moral no contexto organizacional a partir das experiências de trabalho de Amélie Nothomb relatadas no romance autobiográfico *Medo e Submissão* (2001). Contudo, entendendo que a constituição subjetiva do indivíduo influencia tanto as relações entre os pares no espaço organizacional, como também o trabalho no sentido *Arbeit*, uma vez que é por meio da subjetividade, em especial o corpo – lugar de máxima experiência subjetiva –, como bem pontuou Dejours (2012c), que o indivíduo consegue dar conta da lacuna entre o trabalho prescrito e o trabalho real, decidimos trazer outras obras da autora, para, então, contextualizar nossa análise.

No conjunto dos livros de Amélie, abordados nessa pesquisa – *Metafísica dos Tubos* (2000), *Higiene do Assassino* (1992) e *Nem de Eva, nem de Adão* (2007) –, notamos, em um olhar retrospectivo, que há uma espécie de avanço e retrocesso no tempo em suas narrativas, não existindo uma linearidade no tempo cronológico. Essa observação nos remete às considerações de Laplanche (2001) sobre o *après-coup*, em que esse movimento se aproxima da historicização do indivíduo a partir das reemergências do sexual que habita o inconsciente.

Buscamos, ainda, propor uma analogia entre assédio moral e SAF, principalmente pela assimetria encontrada na relação entre o assediador e o assediado, semelhante à relação dissimétrica entre o adulto e a criança no momento da SAF. Encontramos essa relação assimétrica entre Amélie e seus gestores, sobretudo, Fubuki. Porém, assim como uma vítima de assédio aciona suas defesas para lidar com o excesso de alteridade, mesmo aquelas que a levariam a outros conflitos ou a adoecer, Amélie encontra, de maneira bem humorada e irônica, respostas para lidar com as degradações sofridas na Yumimoto. Isso, particularmente, despertou nossa atenção, já que, diferentemente das vítimas que apresentamos como ilustrações de vivências de assédio moral, Amélie sobreviveu às humilhações sem adoecer ou abandonar o emprego.

Sobre sua experiência de trabalho no Japão, diremos que nós, numa primeira leitura, relutamos um pouco para afirmarmos que os relatos da autora se configuravam uma situação de assédio moral. Porém, após uma leitura mais fecunda, compreendemos que a narrativa de Nothomb (2001), tal qual um paciente que inicia o processo de análise, estava, na verdade, mascarada por defesas, racionalizações e sublimações. Portanto, entendemos que o conteúdo manifesto de seu discurso precisou ser trabalhado

durante as leituras de todas as obras apreendidas nessa pesquisa, tentando traduzir o enigmático presente em suas mensagens, para, somente assim, propormos nossas interpretações.

Ademais, não podemos tomar uma obra literária como um fiel relato do traumático, pois como pontuamos nessa pesquisa, escrever um livro já é resultado de uma tradução. Além do que, há todo um recurso linguístico, uma estética para dar forma à arte, que a criação literária permite. Temos, também, que considerar o fato de que, Amélie, ao escrever o trágico de uma forma bem humorada, está, na verdade, tentando se colocar ativa diante do outro, exaltando seu ego, bem como gozando das humilhações, como se tudo não passasse de brincadeiras eróticas, protegendo, assim, sua integridade narcísica.

Pois bem, foi dessa forma que estruturamos nossa pesquisa. Na medida em que conseguíamos, passo a passo, atingir e decifrar o conteúdo latente das narrativas da autora, íamos, também, propondo nossas categorias de análise. Iniciamos com o objetivo que motivou nossa pesquisa – o assédio moral como possibilidade de analogia com a SAF –, dentro de duas perspectivas teóricas, a TSG e a Psicodinâmica do Trabalho. E nessa busca de entrelaçar as duas teorias, propondo analogias e distanciamentos entre o assédio e a SAF, que nos demos conta que Nothomb (2001), mais que nos contar sobre sua vivência de trabalho, estava, sob o efeito do *après-coup*, anunciando seu projeto transferencial, além de traduzir e destraduzir suas mensagens enigmáticas que se atualizam nas relações que estabelece com sua superiora Fubuki e com a Yumimoto como um todo.

Sobre o projeto transferencial proposto por Mello Neto (2012), sugerimos algumas interpretações para o caso de Amélie a partir das leituras de suas obras. Acreditamos que seu projeto ao retornar ao Japão e trabalhar na Yumimoto, seja reencontrar a mamãe Nishio-san e ser amada incondicionalmente, superando seus fantasmas de rejeição. Estar no espaço da Yumimoto, principalmente frente à figura de Fubuki, possibilitou a Amélie a tentativa de dar conta do enigma “o que é ser uma mulher japonesa”, enigma que parece a interrogar desde que deixou o Japão, ainda quando criança.

Amélie, ao deixar a empresa após vencer seu contrato de trabalho, parece-nos que seu contrato com seu projeto transferencial também chega ao fim. É quando ela se lança em outro projeto transferencial, agora como escritora. E nesse sentido, supomos que, a escritora, ao escrever metodicamente sobre temáticas como morte, infância, água,

entre outras que chamamos atenção em nossa análise, repete tais temas a cada obra publicada, a fim de propor novas traduções para algo traumático vivenciado, ainda pequena, algo potencialmente traumático relacionado com a água.

Portanto, a escrita de Amélie são traduções de mensagens excessivas, entre elas as mensagens da SAF, mas é, também, uma forma de vingança, uma maneira de simbolizar o traumático, atualizado nas figuras dos assediadores na Yumimoto, ou do assassino, senhor Tach.

Somente por meio de uma leitura mais fecunda de todas as suas obras de Amélie é que poderíamos, quem sabe, afirmar qual seria esse, ou esses eventos traumáticos tão presentes nas obras de Amélie. Mas, por se tratar de uma dissertação de mestrado, em que temos a limitação do tempo, apenas sugerimos que há algo de traumático nas escritas de Amélie que se materializou na situação e assédio moral no seu espaço de trabalho e que, acreditamos estar relacionado com uma vivência relacionada à água, traduzidas, mesmo que parcialmente, em cada nova obra.

Há um relato interessante de Amélie em *Higiene do Assassino* (1992), que nos indica que ela escreve (conteúdo manifesto), mas que poucos conseguem reconhecer o verdadeiro sentido das palavras (conteúdo latente). Vejamos o desabafo de Tach a Nina:

- Posso me permitir escrever as verdades mais arriscadas, todos sempre irão ver nelas apenas metáforas. Isso nada tem de surpreendente: o pseudoleitor, encouraçado no seu escafandro, passa de forma totalmente impermeável através de minhas frases mais sangrentas. De tempos em tempos, exclama encantado: “Que belo símbolo!” É o que se chama de leitura limpa. Uma invenção maravilhosa, muito agradável de se praticar na cama antes de adormecer; acalma e nem sequer suja os lençóis. (p. 120).

Colocado isso, acreditamos que, na medida do possível, tentamos interpretar os enigmas lançados pela autora em sua narrativa. Porém, como nos mostra Laplanche, (2001) o processo de recalçamento e de tradução é infundável, em que as mensagens excessivas podem ser traduzidas, mas vir a ser destraduzidas para receber novas traduções. Esse movimento é contínuo em Amélie, pois não é por coincidência que ela escreva um livro por ano; há aí uma pulsão por tradução impelida por seus enigmas a tornando-a, hoje, uma das mais famosas escritoras no editorial francês.

Não obstante, acreditamos, também, que pudemos contribuir com a pesquisa maior sobre o trauma desenvolvido pelo Laboratório de Estudos e Pesquisa em

Psicanálise e Civilização (LEPPSIC-UEM), principalmente ao trazermos um tema inédito à pesquisa – assédio moral – como traumático, mas possível de ser traduzido em diversas faces. Ou seja, há quem adocece, há quem comete suicídio laboral (Martins, 2010) e há quem se mata frente ao excesso sexual que viola seu corpo, o corpo erógeno convocado no trabalho - diz Dejours (2012a) -, que consideramos como saídas nada saudáveis ou traduções muito rígidas⁴⁴ para as mensagens de alteridade presente em toda relação de assédio moral. Já Amélie responde ao traumático, que conforme afirmamos, está presente desde seu nascimento – os afogamentos, a perda de Nishiosan, e assim por diante –, através da escrita de suas obras. Assim, por se tratar de um tema que aborda principalmente as respostas frente a uma situação potencialmente traumática, pudemos contribuir com o terceiro tempo, proposto por Martinez e Mello Neto (2012): “O terceiro tempo é aquele em que o processo tradutivo tornou-se central (tempo III). Esse último é o *tempo* mais apreensível, pois é ele que aparece nos relatos autobiográficos, nas pesquisas sociais, etc.” (p.14).

Para concluirmos esta pesquisa, gostaríamos de retomar a problemática do assédio moral. Durante o desenvolvimento de nossos estudos, encontramos inúmeros depoimentos de vítimas de assédio moral que, ao relatarem o sofrimento de vivenciar uma situação tão humilhante que deteriora sua saúde física e psíquica, no limite da dor, encontraram na escrita uma possibilidade de elaborar o traumático. Dentre tantos motivos que nos motivaram a escrever esta dissertação, um deles é contribuir com essas vítimas, abordando a temática do assédio moral, ainda tão recente na comunidade científica.

Finalizamos com uma fala de Antunes (2006):

Você que joga em cima de alguém toda sua “frustração”, todo o seu “narcisismo”. Todo o seu “medo”!

Repensem! Repensem cada vez que vocês pisam em cima de uma pessoa.

Porque vocês podem ser o único elo entre o “*Suicídio e a Vida*”.

Quero esclarecer que esse suicídio não é somente o de atentado contra a vida. É o “*Suicídio em Vida*”. E que talvez seja mais danoso do que o atentado contra a vida. É o se entregar as drogas! É o necessitar, dia após dia, de medicamentos. É o não poder ser livre! Não ter mais consciência de seus atos. Você não se lembra

⁴⁴ A ideia de traduções rígidas ou metatraduções é de Juliana Baracat desenvolvida em sua dissertação de mestrado pelo LEPPSIC, intitulada: *O amor entre o enigma e a tradução: um estudo da obra de Carson McCullers sob a perspectiva da Teoria da Sedução Generalizada* (2012).

mais do que faz! Você não tem controle do que fala! Isso é a finalização de um **“ASSÉDIO MORAL”**. **O deixar que nada mais sobreviva no “ASSEDIADO”**. **Fica apenas a morte... Dos ideais... Dos sonhos... Da continuidade de uma vida...** (*sic*, p. 153, grifos da autora).

REFERÊNCIAS

Amaral, S. T.; Koga, Sérgio T. (2007). Ijime – o assédio moral no ambiente de trabalho do dekassegui. *Revista ETIC*, (3) 3. Recuperado em 12 julho, 2014, de <http://intertemas.unitoledo.br/revista/index.php/ETIC/article/viewArticle/1481>.

Antunes, R. A. (2006). *Eu... Vítima de assédio moral*. Belo Horizonte: Literato.

Azzi, C. F.; Moraes, M. J. (2008). “Je est un autre”: Amélie Nothomb e a escrita autobiográfica. *Revista Palimpsesto*. UERJ. Recuperado em 11 março, 2014, de http://www.pglettras.uerj.br/palimpsesto/num7/estudos/Artigo_CristineFerreiraAzziMarceloJacquesdeMorae s.pdf.

Bacelete, L. (2012). Repetição e angústia nas origens da perversão. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Bourdellon, G. (2001). L'anorexique, une petite fille livide, rouge et noire, cousue de fil blanc. *Revue Française de Psychanalyse*, (65). Recuperado em 10 dezembro, 2014, de http://www.cairn.info/zen.php?ID_ARTICLE=RFP_655_1561.

Casemiro, F. (2014). O humor negro na *Shoah*: destinos para a mensagem sexual do outro no contexto de trauma social. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Maringá, Maringá.

Cunha, A. G. (1986). *Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa*, (2). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Dejours, C. (1991). *Repressão e subversão em psicossomática*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Dejours, C. (1992). *A Loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. (A. I. Paraguay & L. L. Ferreira, trad.). São Paulo: Cortez-Oboré. (Original publicado em 1987).

Dejours, C. (1995). *O fator humano*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2005.

Dejours, C. (1996). Uma nova visão do sofrimento humano nas organizações. In Chanlat, J.F. *O indivíduo na organização*. São Paulo: Atlas.

Dejours, C. (2004). Subjetividade, trabalho e ação. *Revista Produção*, (3) 14, (pp. 27-34). Recuperado em 10 julho, 2013, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65132004000300004.

Dejours, C. Bègue, F. (2010). *Suicídio e trabalho: o que fazer?* (F. Soudant, trad.). Brasília: Paralelo 15.

Dejours, C. (2011). Addendum – da Psicopatologia à psicodinâmica do trabalho, (F. Soudant, trad.). In Lancman, S. e Sznelwar, L. I. (Org.). *Cristophe Dejours: Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho*. Rio de Janeiro: Paralelo 15. (Original publicado em 1993).

Dejours, C. (2011). *O trabalho como enigma*, (F. Soudant, trad.). In Lancman, S. e Sznelwar, L. I. (Org.). *Cristophe Dejours: Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho*. Rio de Janeiro: Paralelo 15. (Original publicado em 1994).

Dejours, C. (2011). A saúde mental entre impulsos individuais e requisitos coletivos (sublimação e trabalho), (F. Soudant, trad.). In Lancman, S. e Sznelwar, L. I. (Org.). *Cristophe Dejours: Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho*. Rio de Janeiro: Paralelo 15. (Original publicado em 2008).

Dejours, C. (2012a). Acidentes da sedução e teoria do corpo. *Revista Psicologia em Estudo*, (3) 17, (pp. 393-401). Recuperado em 07 agosto, 2013, de <http://www.scielo.br/pdf/pe/v17n3/a05v17n3.pdf>.

Dejours, C. (2012b). Trabalho e emancipação, (F. Soudant, trad.). In: *Sexualidade e Trabalho. Trabalho Vivo*. I Vol. Brasília: Paralelo 15.

Dejours, C. (2012c). Psicodinâmica do Trabalho e Teoria da Sedução. *Revista Psicologia em Estudo*, (3) 17, (pp. 363-371). Recuperado em 07 agosto, 2013, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722012000300002.

Dollard, A. Shimazu, R. Bin Nordin, P. Brough & M.R. Tuckey (2014). *Psychosocial Factors at Work in the Asia Pacific*. Dordrecht: Springer

Enriquez, E. (1990). *Da horda ao estado: Psicanálise do vínculo social*. (T. C. Carreiro & J. Nasciutti, trad.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Freitas, M. E. (2001). Assédio Moral e Assédio Sexual: Faces do poder perverso nas organizações. *Revista de Administração de Empresas/FGV/EAESP*, (2) 41, (pp. 8-19). Recuperado em 17 novembro, 2013, de <http://www.scielo.br/pdf/rae/v41n2/v41n2a02.pdf>.

Ferenczi, S. (1992). Confusão de língua entre os adultos e a criança. A linguagem da ternura e da paixão. In *Obras completas de Sándor Ferenczi*. (Vol. IV). (A. Cabral, trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1933).

Figueiredo, L. C. (1999). Acerca do que Freud infelizmente considerou alheio ao seu interesse naquele momento. *Revista Psicanálise e Universidade*, (9)10, (pp.35-47). Recuperado em 22 maio, 2014, de <http://www.geocities.com/HotSprings/Villa/3170/Figueiredo.htm>.

Freud, S. (1996). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In J. Strachey (Ed. J. Salomão, Trad.) *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 7). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1905).

Freud, S. (1996). Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 11). (J. Salomão. Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1910).

Freud, S. (1996). Totem e Tabu. (J. Salomão. Trad.) In: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud* (Vol. 13). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1913).

- Freud, S. (1996). Pulsão e os Destinos da Pulsão. (J. Salomão. Trad.) In: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud (Vol. I)*. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1915).
- Freud, S. (1996). Além do princípio de prazer. (J. Salomão. Trad.) In: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud (Vol. XVIII)*. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1920).
- Freud, S. (2001). Carta 69. In *Obras Completas, Edição Eletrônica (Vol. I)*. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1897).
- Freud, S. (2010) “Batem numa criança”: contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais. (P. C. de Souza, trad.). In *Obras Completas, (Vol.14). História de uma neurose infantil [“O Homem dos Lobos”], Além do princípio do prazer e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1919).
- Freud, S. (2010). Psicologia das massas e análise do eu, (P. C. de Souza, trad.). In *Obras Completas (Vol.15). Psicologia das massas e análise do eu e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1921).
- Freud, S. (2010). O mal-estar na civilização, (P. C. de Souza, trad.). In *Obras Completas, (Vol.18). O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1930).
- Green, A. (1994). *O desligamento: psicanálise, antropologia e literatura*. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1971).
- Hirigoyen, M. F. (2000). Assédio moral: a violência perversa no cotidiano. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Hirigoyen, M. F. (2005). Mal-estar no trabalho: redefinindo o assédio moral. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. (Original publicado em 2001).
- Jorge, V. G. (2006). Amélie Nothomb: uma higiene sulfúrica na literatura francesa contemporânea. *Revista Lettres Françaises*, 7, (pp.195-204). Recuperado em 15 junho, 2014, de <http://seer.fclar.unesp.br/lettres/article/view/2026/1655>.
- Jones, K. (2007). Literature as Consumption and Expulsion: Amélie Nothomb’s “esthétique du vomissement”. In: *The Flesh in the Text*. Thomas Baldwin, James Fowler et Shane Weller (dir.). Peter Lang.
- Laplanche, J. (1985). *Vida e morte em psicanálise*. (C. P. B. Mourão; C. F. Santiago, Trads.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Laplanche, J. (1988). Traumatismo, tradução, transferências e outros trans (es). Teoria da sedução generalizada e outros ensaios. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Laplanche, J. (1992). *Novos fundamentos para a psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Laplanche, J. (1999a). Implantation, intromission. In *Essays On Otherness*. London: Routledge.

- Laplanche, J. (1999b). Tres destinos del mensaje enigmático. *Revista uruguaya de psicoanálisis*.
- Laplanche, J. (1999c). Breve tratado del inconsciente. In Laplanche, J. *Entre seducción e inspiración : el hombre*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Laplanche, J. (1999d). Seducción, persecución, revelación. In Laplanche, J. *Entre seducción e inspiración : el hombre*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Laplanche, J. (2001). Notas sobre el après-coup. In Laplanche, J. *Entre seducción e inspiración : el hombre*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Laplanche, J. (2003). Três acepções da palavra “inconsciente” no quadro da Teoria da Sedução Generalizada. *Revista de Psicanálise SPPA*, (3) 10, (pp. 403-418).
- Laplanche, J. (2012). Balizadores para o trabalho analítico. In *Jean Laplanche. Fundamentos e Intersecções*. (Bárbara de Souza Conte Org.). São Paulo: Scortecci. (Original publicado em 1991).
- Leymann, H. (1996). The content and development of mobbing at work. *European Journal of Work and Organizational Psychology*, (pp. 165-184).
- Maldonado, G.; Cardoso, M.R. (2009). O trauma psíquico e o paradoxo das narrativas impossíveis, mas necessárias. *Psicologia clínica: faces da clínica*, (1), 21, (pp.45-57). Rio de Janeiro.
- Martins, C. D. (2010). *Suicídio Laboral, um caso real de assédio moral*.
- Martinez, V.C. (2003). *A figura do herói: entre a falta e o excesso. Por uma ruptura de campo em três tempos; a criança e o videogame, o herói mitológico e o homem psicanalítico*. Tese de doutoramento apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo.
- Martinez, V.C. (2012). “Suzana e os velhos”: sedução, trauma e sofrimento psíquico. *Revista Psicologia em Estudo*, (3) 17, (pp. 475-485).
- Martens, F. (2009) Para una validación socio-clínica de la teoría de la seducción generalizada. ¿Una contribución de los paidófilos belgas? *Revista alter*. Recuperado em 17 de maio de 2013, em <http://www.revistaalter.com/Revistas/Numero3/validacion.htm>.
- Mello Neto, G. A. R. (1994). *O Ardil da Criança: o pensamento adulto sobre a criança, sob um enfoque psicanalítico*. Maringá, PR: Editora da Universidade Estadual de Maringá.
- Mello Neto, G. A. R. (2008). *Psicanálise e histeria depois de Freud*. Campinas, SP: Editora da Unicamp.
- Mello Neto, G. A. R. (2012). *Psicanálise: a clínica e o projeto transferencial*. *Revista Psicologia em Estudo*, (3) 17, (pp. 499-505).

Mello Neto, G. A. R.; Martínez, V.C.V. (2012) *Projeto de pesquisa “Trauma atual e Teoria da Sedução Generalizada*. Projeto elaborado para o Mestrado em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá (PPI-UEM), linha “Psicanálise e Civilização”.

Nothomb, A. (2000). *A Metafísica dos Tubos*, (C. Marques, trad.). Rio de Janeiro: Editora Record.

Nothomb, A. (2001). *Medo e Submissão*, (C. Marques, trad.). Rio de Janeiro: Editora Record.

Nothomb, A. (2007). *Ni d'Ève ni d'Adam*. Paris: Albin Michel.

Pellegrino, H. (1983). Pacto edípico e pacto social. Grupo sobre grupo. Org. Luiz Alberto Py. Rio de Janeiro: Rocco.

Roberts, G. S. (2014). Power Harassment and the Workplace Environment in Japan: The Evolution of the Concept Amidst Uncertain Times, (22). Waseda University: *Journal of Asia-Pacific Studie*.

Rodrigues, G. M. (2013). Trauma, literatura de testemunho e suicídio: aniquilação do eu frente ao excesso de alteridade ou resposta ética? Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Maringá, Maringá.

Ruffino, R. (2000). Do trabalho psíquico ao trabalho social. In *O valor simbólico do trabalho* (pp. 186-189). Porto Alegre: Artes e Ofícios.

Suzuki, E. H. (2013). *Japoneses Emigrantes: estranhos em busca de uma tradução*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Maringá, Maringá.

Yoshimoto, Y. (2006). Las imágenes de Japón en la obra de Amélie Nothomb. *Revista Escritura e imagen*, (2). Universidad Complutense de Madrid.